

PE. JOSÉ ANTONIO BERTOLIN, OSJ

**SÃO JOSÉ,
IMAGEM TERRESTRE DA BONDADE DE
DEUS**

PE. JOSÉ ANTONIO BERTOLIN, OSJ



SÃO JOSÉ, IMAGEM TERRESTRE DA BONDADE DE DEUS

APRESENTAÇÃO

Nutro um forte amor e devoção para com São José. Muito disto é devido ao fato de que minha Congregação leva o seu nome - Oblatos de São José - e o tem como seu patrono. Porém minha afeição ao guarda do Redentor cresceu e passou a ter um outro sentido quando passando a estudar a sua Teologia - Josefologia, descobri nele uma figura fascinante, rica de valores e protótipo para todos os cristãos.

Hoje posso dizer que São José não é ainda amado suficientemente pelos cristãos e particularmente pelos católicos porque não é conhecido . Sua imagem não é bem definida, porque a respeito de sua pessoa e de sua missão persistem todavia densas sombras projetadas por heranças fantasiosas e apócrifas do passado, ou porque justifica-se seu desconhecimento por ser ele cunhado como "O homem do silêncio" e que portanto dele nada se tem a falar.

Entretanto, de São José tem-se muito para considerar, pois foi ele que como nenhuma outra pessoa com exceção de Maria, participou do Mistério da Encarnação de Jesus, sendo chamado diretamente por Deus para servir a pessoa e a missão do Messias mediante o exercício de sua autêntica paternidade. Com a mais pura e total obediência ele serviu com amor e por amor o Filho de Deus germinado na sua casa, cooperando desta maneira no grande Mistério da nossa Redenção como um verdadeiro "Ministro da Salvação".

São José é aquele santo que não encontramos na galeria dos doutores da Igreja, nem dos sábios e nem mesmo entre aqueles que se revestiram do poder de conduzir a Igreja. Ele, mais precisamente, é tido como o carpinteiro de Nazaré de mãos calejadas por causa do manejo do serrote e do martelo. Mas ele na sua pessoa e missão, é aquela brilhante luz que com seus raios benéficos ilumina todos os cristãos, oferecendo um exemplo de total disponibilidade à chamada divina, assim como de confiança, de fé, de humildade, de amor e de oração.

Foi a ele que Deus confiou o seu tesouro mais precioso e tornou-o singular mestre no serviço à missão de seu filho Jesus e junto com sua esposa participou da fase culminante da auto revelação de Deus na história dos homens. Ele que pela força do vínculo matrimonial, como descendente de Davi, transmitiu a descendência legal a Jesus, Filho de Deus, impondo-lhe o nome e declarando assim sua autoridade de pai, aceita desde o início mediante a sua obediência na fé.

Diante daquilo que é São José aos olhos de Deus e que lhe será explicitado ao longo destas páginas que seguem, faço votos que o ministério deste homem que ocupou um lugar de destaque no coração de Deus, lhe faça aprofundar a sua figura trazendo as riquezas doutrinárias e espirituais que daqui advirão.

Pe. José Antonio Bertolin, OSJ

Curitiba, novembro de 1994.

ÍNDICE

Apresentação	005
I PARTE	009
Quem é São José	010
Sua procedência	013
O casamento com Maria	025
Um verdadeiro matrimônio	030
A idade de José quando casou	034
Virgindade de José	035
Cooperador nos mistérios da redenção	039
Visita a Izabel	041
O recenseamento	042
A circuncisão	046
Fuga para o Egito	051
A dúvida de José	065
A paternidade	069
A missão	078

II PARTE	084
Dignidade	085
O casamento com Maria	087
Cooperador nos mistérios da redenção	089
A "Ressurreição" de São José	094
O poder de Intercessão	095
O protetor	098
III PARTE	111
São José no Novo Testamento	112
São José nos apócrifos	114
São José na Igreja Primitiva	116
São José no Magistério	122
São José no Culto	130
São José, Patrono de Congregações de Vida Religiosa	139
Irmandade e Associações	141
Festas e reconhecimentos na Liturgia	147
Devoções	152
São José na Arte	156
Centro de Estudos e de publicações Josefinas	161
Notas	167

I PARTE

A abordagem da primeira parte deste livro visa colocar-nos diante da realidade histórica e circunstancial em que viveu São José. Nosso intuito é verificar aqueles elementos que constituem a base das narrações dos chamados "Evangelhos da Infância" e assim confrontar e jogar luzes nos acontecimentos vivenciados e assumidos por este humilde leigo que serviu em cooperação com Maria, sua esposa, dentro da história da salvação, o mistério do Verbo Encarnado.

QUEM É SÃO JOSÉ

Quem é São José? Quais são as suas características? Qual é o modelo de santidade que ele representa para os cristãos? Estas são interrogações, entre muitas outras, que temos o direito de fazer.

Tentaremos mostrar tudo isso neste livro, sem esgotar o assunto.

Aliás, diante desta personalidade rica e ao mesmo tempo poliédrica percebemos que, quanto mais descobrimos, mais temos para encontrar.

De São José, na verdade, sabemos muito pouco. O seu nome é citado nos evangelhos apenas quatorze vezes, e os evangelistas lhe dedicam apenas vinte e seis versículos, mas não mencionam nenhuma palavra dele. Claro que isso não nos deve parecer estranho, pois os evangelistas estavam preocupados em narrar a vida de Jesus e o seu ministério. Não possuímos nem mesmo referências sobre o ano nem sobre o lugar onde nasceu. Não sabemos o nome da sua mãe e existem controvérsias a respeito do nome do seu pai (1) . Entrou em cena quase despercebidamente. Não há nenhuma menção sobre a sua vida nem sobre a sua morte, e esse silêncio permanecerá por muitos séculos. Entretanto, foi a ele que Jesus submeteu-se como filho, e foi com ele e nele que Maria encontrou um grande amor e força para desempenhar com perfeição a sua missão sublime.

Na verdade, o mistério de São José está na eloquência do seu silêncio e no primado do seu amor, sendo assim, a imagem terrestre da bondade de Deus. O seu silêncio é impressionante. Ele é o mais escondido de todos os santos. Talvez por isso tenha exercido e continue exercendo um fascínio na alma de incontáveis devotos. O seu abandono aos desígnios de Deus é total, não pede explicações, não contesta e, mesmo quando entra em cena, aparece quase que de modo obscuro. Se é verdade que, ao referir-se a ele, os evangelhos não usam muitas palavras, é indiscutível que a sua pessoa está envolvida por um halo de luz tão cristalino, que resume a essência do que ele representava, quando afirmam que "era um homem justo" (Mt 1.9).

Era justo com Deus, depositando nele a mais profunda confiança em toda a sua vida. Era justo com o próximo, pois vivia com Jesus e Maria na mais perfeita caridade. Era justo consigo mesmo, pois foi sempre fiel à vocação que recebeu.

São José é um santo no sentido mais amplo da palavra, afirmava um grande devoto josefino. Foi um homem à parte, reservado, retirado, separado. Um homem em quem se diria que tudo é interior. Um homem de Deus, todo de Deus, todo em Deus. Admirado com a extrema simplicidade e os traços de santidade com que José se apresenta, outro grande devoto do nosso santo, Olier, assim se expressou em suas considerações sobre ele: José "foi dado à humanidade para exprimir visivelmente as adoráveis perfeições do Pai, para ser a sua imagem aos olhos do Filho de Deus". Então, como deve ser excelsa a sua santidade, a beleza desse grande santo que Deus Pai criou com suas mãos para representar a si mesmo ao Filho unigênito.

São José é, no dizer do Papa Paulo VI, "a luz que difunde os seus raios benéficos na casa de Deus que é a Igreja: preenche-a com profundas e inefáveis recordações da vida à cena deste mundo do Verbo de Deus, feito homem por nós e para nós, e que viveu sob a proteção, a guia e a autoridade do artesão pobre de Nazaré" (2). Deus, para realizar o seu grande desígnio de amor, quis servir-se de suas criaturas, entre as quais escolheu duas de seu especial agrado, Maria e José, como testemunhas conscientes e agentes livres e responsáveis. Por isso a participação desses dois astros de primeira grandeza na história da salvação os coloca no centro da história do mundo.

Deus procurou, em todas as gerações, quem pudesse ser escolhido e dado como companheiro àquela que escolhera como mãe do seu Filho eterno. Considerou a fé inabalável de Abraão, a pureza de alma de Isaac, a infatigável paciência e resignação de Jacó, a mansidão e a santidade de Davi, mas o seu olhar divino não repousou em nenhum deles. Foi além, pois só em José encontrou o homem que procurava, e sobre ele recai a sua escolha. "O Senhor encontrou José segundo o seu coração e lhe confiou com plena segurança o mais misterioso e sagrado segredo do seu coração. Desvendou a ele a obscuridade e os segredos da sua sabedoria, concedendo-lhe que conhecesse o mistério desconhecido de todos os príncipes deste mundo." (3)

"São dele os pesos, as responsabilidades, os riscos e as fadigas da pequena e singular família. É dele o serviço, o trabalho, e o sacrifício, na penumbra do quadro evangélico, no qual é agradável contemplá-lo" (4).

Portanto, ninguém pode ignorar o lugar que São José ocupa na hierarquia dos Santos. Se aprofundarmos a sua vida perceberemos que imitá-lo nos parecerá fácil, pois está muito perto de nós. Ele conheceu a luta do dia-a-dia. E a amargura, sendo igual a nós. A amável e singular serenidade que se irradia deste simples leigo com uma grande missão aos olhos de Deus, nos convida afetivamente a nos aproximarmos dele com mais familiaridade, para conhecer e seguir o seu ensinamento, que nos foi transmitido com tanta discrição.

Por isso, nós, católicos, tributamos aos nossos santos um culto de veneração, considerando sempre a dignidade que lhes foi concedida por Deus e os seus exemplos que edificam a nossa vida.

São José fala pouco, mas vive intensamente aquilo que faz, não se subtraindo de nenhuma responsabilidade que a vontade do Senhor lhe impõe. Por isso ele nos oferece um exemplo de atraente disponibilidade à vontade de Deus, exemplo de calma em cada acontecimento, de confiança embebida de sobre-humana fé e caridade, assim como do grande meio da oração.(5) Por ter sido escolhido como esposo de Maria e pai de Jesus, e devida à abundância de graças que recebeu de Deus, a Igreja sempre lhe tributou um culto especial.

Esse é o motivo porque São José vive na alma do nosso povo, pois o povo o conhece como o carpinteiro de Nazaré, de mãos calejadas por causa do manejo do martelo e do serrote. Mediante os quais tirava o sustento para si com o suor do seu rosto. Ele é um santo que não se encontra na grande galeria dos doutores da Igreja, nem dos sábios, nem mesmo entre aqueles que se revestiram do poder de conduzir a nossa Igreja. Nos céus não o

colocamos entre os querubins e os exércitos celestes. Com seu estilo silencioso e humilde de vida, quase desconhecido, ele se assemelha muito ao nosso povo.

A SUA PROCEDÊNCIA

De São José, na verdade, sabemos muito pouco. Não temos referência sobre o ano nem sobre o lugar do seu nascimento, não sabemos o nome da sua mãe. E existem controvérsias a respeito do nome do seu pai. Os evangelistas Mateus e Lucas o apresentam como descendente do rei Davi (Mt 1, 1-16,20. Lc 1, 27; 2, 4 ; 3,23-31).

No entanto, há uma divergência na genealogia que ambos os evangelistas trazem, pois Mateus percorre, todo o caminho da sua ascendência chegando a Jacó (Mt 1.16), enquanto Lucas diz que ele é filho de Levi (Lc 3.23). Esta questão não chegou até hoje a uma solução satisfatória por parte dos exegetas. Em todos os casos a função da genealogia é justamente fazer Jesus entrar na história humana e documentar que o Verbo se fez carne na linhagem davídica. O intuito do evangelista Mateus é fazer ver a sucessão legal, respeitando os direitos messiânicos de Davi a Jesus . Lucas, do seu lado, quer indicar a sucessão natural de Jesus. O melhor esclarecimento a respeito dessas duas posições podemos fazer, levando em conta a Lei do Levirato expressa no livro do Deuteronômio (Dt 25, 5-10) ela estabelece que a mulher que ficasse viúva devia tornar-se esposa do irmão do esposo falecido, e o primeiro filho desse casamento era considerado filho legal do primeiro marido e filho natural do segundo marido. Com isso, podemos salvar tanto a sucessão legal como a natural de Jesus.

Além das referências sobre a sua pessoa, podemos ainda afirmar que José era esposo de Maria (Lc 1, 27), que era justo (Mt 1,9) e que era conhecido como carpinteiro (Mt 13,55 ; Jo 1,15). Sobre a sua família possuímos ainda uma referência de Egesipo, o qual afirma que ele tinha um irmão chamado Cléofas (6). Pertencente à antiga dinastia de Davi, como afirmamos, José viveu em Nazaré (Lc 1, 26; Mt 2,23) durante toda a sua vida, menos, é claro no breve período que passou exilado no Egito, para garantir a segurança da sua família (Mt 2, 13-21).

Não sabemos se nasceu em Nazaré, porém achamos com grande probabilidade que sim, pois ali viveu toda a sua vida.

Contudo, podemos afirmar com segurança que, segundo o costume da época, foi circuncidado no oitavo dia depois do nascimento e recebeu o nome de José, que significa "crescimento, aumento" , e ainda criança aprendeu a ler o hebraico da Torá.

Seu país, a Palestina, onde hoje se situa o território de Israel, localiza-se na parte oriental do mar Mediterrâneo, e é formado por uma longa faixa de terra de 240 por 150 quilômetros quadrados.

Possui uma planície de terras ricas e férteis, montanhosa e de caminhos sinuosos, com desertos desoladores em contraste com colinas verdejantes e oásis exuberantes, marcados pela presença imponente do rio Jordão e do lago de Genesaré, a cuja beleza se opõe o

inóspito mar Morto. Sua área montanhosa com colinas de 500 a 900 metros, espalha-se pelas suas três regiões características, denominadas Galiléia, Samaria e Judéia.

O rio Jordão, que forma no seu percurso o lago de Genesaré, também conhecido como mar da Galiléia pela sua profundidade de até 45 metros com 2 quilômetros de comprimento por 11 de largura, é um rio muito importante na vida do povo hebreu, pois foi palco de inúmeros e relevantes acontecimentos na vida desse povo. Basta lembrar que em suas margens o profeta João Batista pregava a conversão e batizava, em suas águas o próprio Jesus foi batizado.

Após percorrer 350 quilômetros, ele deságua no mar Morto, o qual possui uma extensão de 85 quilômetros com aproximadamente 16 quilômetros de largura, atingindo uma profundidade de até 400 metros. Suas águas são densas de sal, o que não permite nenhum tipo de vida.

A Palestina de José é herdeira de uma história de muitos séculos antes do nascimento de Jesus, marcada por lutas, conquistas, derrotas, monarquias, deportações e exílios. Esteve envolvida por uma densa atmosfera política. E por uma ânsia de libertação, e alimentou sempre uma fé intensa em Javé, embora freqüentemente contaminada por idolatrias e infidelidades.

São José nasceu na época da dominação romana. De fato, desde o ano 63 antes de Cristo, o seu povo vivia sob o jugo dos romanos, que introduziram na Palestina muitas novidades e progresso, particularmente construções imponentes, assim como os seus ídolos e templos profanos para cultuar seus deuses, o que constituía uma afronta ao povo de José, que se julgava o único conhecedor do Deus verdadeiro. Esse comportamento dos dominadores romanos, bastante eclético e incompatível com as aspirações dos hebreus, gerou muitas revoltas, guerrilhas e revoluções armadas por parte de facções do povo, sempre com o intuito de libertar-se da dominação estrangeira.

Mas, se tantas adversidades contrastavam na vida deste povo, algo muito especial os unia: o Templo de Jerusalém. Era em volta dele que girava a vida religiosa, social e política dos hebreus. Foi construído pelo rei Salomão no século X antes de Cristo, destruído por Nabucodonosor em 516 antes de Cristo, reconstruído por Zorobabel, e depois novamente destruído por Herodes por volta do ano 20. a.C., quando José já era adolescente, para que outro mais suntuoso e rico ocupasse o seu lugar. Esse último só ficou pronto no ano 64 a. C.

José, fruto do seu tempo, estava envolvido por esta atmosfera mística e ao mesmo tempo tensa. Conhecia bem o Templo e, como hebreu, oferecia os seus sacrifícios a Deus. O átrio do edifício sagrado era palco todos os dias, desde manhã bem cedo, de sacrifícios e imolações de animais, que ocupavam todos os altares, construídos em grande blocos de pedra. Como bom hebreu, José pagava 10% de imposto ao Templo, taxa que era destinada a sustentar os 20 mil funcionários, do mais alto grau sacerdotal ao empregado mais humilde, que ali prestava serviços. José tinha consciência das distinções de classe e do modo de pensar da sua sociedade. Percebia a existência de uma hierarquia e sabia que no topo da pirâmide social se encontrava a classe dos saduceus, um grupo poderoso, constituído pelas pessoas mais influentes e ricas, que eram sacerdotes e administradores do Templo. Esse grupo era intransigente na observância da Lei Mosaica e contrário às

mudanças, sobretudo aquelas que pudessem afetar a sua posição na sociedade. Gozava de privilégios, pois colaborava com os romanos. Apreciava a ordem externa e zelava pela conservação do Templo e pelo funcionamento ritualista dos sacrifícios.

O ambiente sócio-político-religioso do tempo de São José propiciava não só uma diversificação efetiva, mas também uma forte discriminação disseminada pelas diferentes camadas da sociedade.

Assim, o grupo dos fariseus, além de primar pela busca da ostentação religiosa com uma série de práticas marcadas por orações, purificações, normas de comportamento e pela observância estrita da lei em todas as situações da vida pessoal, era particularmente inimigo dos romanos e evitava todo e qualquer contato com aqueles que não conheciam a lei ou não eram judeus. Uma sociedade dominada por estrangeiros como esta caracterizava-se por um certo pluralismo partidário assim, um outro grupo, formado pelos chamados zelotas, distinguia-se particularmente pela luta contra os dominadores e, guerrilheiros como eram, não deixavam evidentemente de sempre carregar armas nas mãos. Era um grupo isolado. O seu "apartheid" era constituído sobretudo pelas grutas das montanhas na região da Galiléia. Outro grupo que contribuía bastante para acentuar esta fisionomia, seccionada do povo judeu era formado pelos monges essênios, os quais, deste o século II a.C., se constituíram em comunidade, vivendo nas margens ocidentais do mar Morto, numa localidade que hoje conhecemos como Qunrám. Esse grupo levava a vida ascética, acompanhada por uma disciplina muito rígida. Basta dizer que o membro da comunidade que proferisse uma blasfêmia era automaticamente expulso do seu meio. Esses monges solitários cultivavam o solo, consagravam o tempo ao estudo e, sobretudo, empenhavam-se em levar uma vida muito ascética.

Não bastasse tudo isso, ocorreu no meio deste povo um grande "racha", que fomentou uma divisão profunda deste século X antes de Cristo, e que continua até os nossos dias, entre os judeus e os samaritanos. Esta ferida aberta e ainda não cicatrizada ocasionou um grande impasse na unidade desse povo. Dali por diante, a Samaria passou a ser considerada pelos judeus uma terra maldita e seus habitantes começaram a ser tratados como estrangeiros e pagãos, odiados e indignos de pertencer ao povo de Israel. Para os judeus, os samaritanos eram tidos desde então como heréticos e impuros, pois não aceitavam mais o monte Sião como um monte santo, mas ao contrário, escolheram o monte Guarizim como lugar santo, onde construíram um templo, e que não deixou de representar para os judeus uma grande afronta a Deus e, portanto, uma idolatria.

Dominados pelas autoridades de Roma, os cidadãos hebreus, entre eles São José, tinham como líder político Herodes, um caudilho imposto pelo poder real de Roma. Herodes foi nomeado rei dos judeus pelo Senado romano no ano 46 a. C. Esse indumeu de mau caráter e muito autoritário espalhou no meio do povo sofrido e desolado inúmeras confusões e perseguições. Mandou matar todos aqueles que se mostravam contrários à sua política, inclusive sua esposa, sua sogra e seus dois filhos. Apesar dessas atrocidades e das inúmeras injustiças que cometeu arbitrariamente, os anos de seu governo transcorreram num clima de relativa estabilidade política e de prosperidade, o que fez com que lhe fosse atribuído o título de político astuto e administrador hábil.

Era justamente nesse ambiente instável, hostil e opressor que São José, alimentado por sua religião e fé inabalável em seu Deus, esperava, como os demais cidadãos deste povo, a libertação através de um grande acontecimento, prometido por Deus ao longo dos séculos e anunciado pela boca dos profetas, na pessoa do Messias.

Embora fosse desconhecido e ignorado nesse ambiente tenso, São José não passava despercebido aos olhos de Deus, pois se fazia mister que a estada do Messias prometido no meio desse povo tivesse os préstimos de um homem magnânimo como ele, a tal ponto que o Filho de Deus o preferisse entre todos os grandes da terra, para revestir-se da sua filiação e assumir a sua condição humana e social.

Considerando toda a problemática latente na sociedade de José, podemos concluir que havia poucas possibilidades de desenvolvimento para seus membros, com exceção é claro, de alguns poucos privilegiados. Além do mais, este povo não se distinguia por riquezas de bens materiais, levando em consideração que era explorado pelos dominadores romanos e o solo onde habitava era pobre, como o é até hoje, e desprovido de recursos naturais. A escassez de chuvas resultante das condições climáticas, a técnica agrícola rudimentar e a dependência de muitas coisas, aliada a outros fatores, influíam profundamente na precariedade das condições econômicas e sócio-políticas do povo. A classe rica da Palestina, devido às suas possibilidades, tinha uma abertura acentuada para a civilização: conhecia e apreciava o teatro, o belo e a literatura, e também conhecia e praticava esportes como o lançamento de dardos, a corrida, a maratona, a luta etc. À classe pobre, da qual José fazia parte, não restava outra alternativa senão trabalhar e sofrer privações, explorada pela exorbitância dos impostos cobrados pelos romanos.

O regime alimentar da classe pobre era muito simples, como era, aliás as normas alimentares dos antigos hebreus. Eles faziam duas refeições por dia, uma de manhã e outra, a principal, bem a tardezinha.

O pão era o alimento da segunda refeição, pois devia constituir um luxo na mesa de José, assim como na de todos os pobres, na primeira refeição. Quase não comiam carne, mas em compensação, não lhes faltavam frutas como tâmaras, muito comum naquele clima, e também romãs e figos. Não faltavam óleo e vinho, leite, ovos e peixes pescados no lago de Genesaré. Aliás, a existência desse lago, também conhecido pelos judeus como mar da Galiléia devido à sua extensão e profundidade, é elemento que propicia uma beleza indescritível para quem o visita. A presença desse lago, tornou toda aquela religião um solo fértil, onde a planta cresce e permite qualquer tipo de vegetal, porque o clima é favorável. O historiador Flávio Josefo, encantado com essa beleza rara, já se expressava: "Até mesmo a noz, que aprecia terras frias, cresce ali em abundância, ao lado da palmeira, que prefere o calor, da figueira e da oliveira, às quais convém uma temperatura mais amena. Dir-se-ia que ali a natureza se divertiu, colocando os contrastes lado a lado."

Não havia nada de luxuoso ou aparatoso na casa de um judeu pobre. Com exceção de Jesuralem e de alguns outros pontos estratégicos para os romanos na Palestina, não havia moradias luxuosas. As casas eram muito simples, contruídas com paredes de pedras calcáreas ou com tijolos de barro cozido ao sol e cobertas com tetos de barro amassado. Os moradores dormiam no chão ou em esteiras feitas especialmente para esse fim. Por isso,

uma das primeiras coisas que a dona-de-casa fazia logo de manhã era desocupar as dependências da casa das esteiras ou das cobertas usadas para dormir.

Como salientamos, o povo simples vivia num ambiente marginalizador e classista. As mulheres eram as que mais sofriam com esse tipo de opressão. Nesse contexto social, os homens eram tudo e as mulheres não tinham voz nem vez. Eram consideradas inferiores aos homens, limitando-se ao trabalho caseiro: cozinhavam, faziam limpeza, iam buscar água na fonte, lavavam a roupa e nada mais. As mulheres podiam participar das funções nas sinagogas, porém tinham lugares à parte. O mesmo acontecia no Templo de Jerusalém, onde ocupavam os lugares situados atrás do espaço reservado aos homens, bem próximo da praça comum, aberta ao comércio de animais destinados ao sacrifício no próprio Templo. Nas cerimônias não lhes era permitido usar a palavra nem tinham autoridades para ler a Lei, a "Torá". Por esse motivo, o testemunho de uma mulher não era levado em consideração por ninguém, e em público nenhum homem "de boa reputação" cumprimentava uma mulher. (7)

José, conforme nos ensinam os relatos da infância de Jesus, era carpinteiro. Herdou essa profissão do pai, pois era costume o pai transmitir a profissão ao filho. Portanto, desde a adolescência ele pertencia à categoria dos artesãos. Analisando os costumes da época, podemos inferir com toda probabilidade que José era dono de uma oficina, portanto muito mais que um simples carpinteiro. Não fabricava somente móveis, portas e janelas, como nos vem à mente que pensamos nos afazeres de um carpinteiro, mas a sua profissão era muito ampla, abrangendo outras aptidões, segundo as necessidades da pequena Nazaré, onde morava e que com certeza, não oferecia possibilidades de mão-de-obra especializada. José não foi carpinteiro em Jerusalém, ou em Tiberíades, Jericó ou Cafarnaum, onde viviam a aristocracia e a burguesia, e onde poderia ter executado com maior satisfação trabalhos mais refinados e móveis de luxo. Ao contrário exerceu a sua dura e obscura profissão em um lugarejo perdido nas montanhas, fora de mão, em um lugar de lavradores rústicos, com casas pobres e muito simples. Assim, teve que se adaptar produzindo objetos rústicos e com técnica atrasada.

Sendo um artesão, um artífice que, além de trabalhar com madeira e ferro, também se adaptava às necessidades dos nazarenos, era uma pessoa muito conhecida, de confiança e benquisto pelos habitantes de sua pequena cidade. Podemos supor que executava a maior parte de seu trabalho num canto da sua humilde casa.

Naturalmente a sua profissão facilitava o contato com muitas pessoas, inclusive de fora de Nazaré e das regiões circunvizinhas. Neste sentido, não é lógico afirmar que José tenha vivido toda a sua vida confinado no seu pequeno mundo de trabalho. Podemos dizer que conhecia o seu país e a forma variada do seu trabalho facilitava a sua presença nas casas cujos moradores solicitavam os seus préstimos, assim como o contato com pessoas de outras regiões, de onde provinham, sem dúvida, materiais para o seu trabalho.

O dia de um hebreu começava bem cedo com o trabalho, mas já às 09:00 horas, José, fiel à tradição do seu povo, interrompia as atividades para recitar a oração prescrita pela lei. Ali mesmo, no recanto da sua oficina, em pé, voltado para o Templo de Jerusalém e com as mãos erguidas para o céu, rezava esta oração: "Escuta Israel: O Senhor

é o nosso Deus, o Senhor é um só. Amarás o senhor teu Deus com todo o teu coração, com toda a tua alma e com todas as tuas forças..."

Após cumprir essa obrigação religiosa, retornava ao serviço: afinal, era com o suor do seu rosto, com a força de seus músculos e com os calos de suas mãos que tirava o sustento para si e para a sua família.

Ao meio-dia havia outra interrupção no trabalho e, de novo, outro momento de oração, na qual rezava lembrando a obediência aos mandamentos divinos, o amor exclusivo do coração e da alma ao Senhor. Deus e a promessa das bênçãos divinas. Depois dessa oração, a primeira parte da jornada de trabalho estava terminada.

Fazia-se então a refeição. Após um breve descanso, voltava-se à atividade normalmente, mas às 15:00 horas estava previsto um outro intervalo para o terceiro momento de oração do dia. E aqui mais uma vez José, como de resto o bom israelita, elevava seus pensamentos a Deus, recordando as proezas da saída do Egito, na qual Javé colocou-se como o Deus do seu povo. Portanto, competia ao povo lembrar e pôr em prática todos os mandamentos. Feito esse momento de oração, retomava-se novamente o trabalho, até o fim da jornada.

Assim, aquele pequeno recanto da casa pobre de Nazaré foi o palco que acolheu por muitos anos as três personagens mais importantes que viveram na terra: Jesus, Maria e José. Seus dias transcorriam calmamente. Nada ali se manifestava grandioso, portentoso ou extraordinário. José, imperturbável ao barulho da serra e do martelo, procurava dias após dia cadenciar tudo com suas orações e meditações. Animado por esse espírito, todos os seus trabalhos assumiam um significado profundo e imenso diante de Deus. Afinal, era ali, de maneira escondida, que se processava um grande mistério: um artesão pobre ensinava ao próprio Filho de Deus uma profissão e este lhe obedecia colocando em prática todos os seus ensinamentos.

Na verdade, José se apresenta como um homem completo para o seu tempo. Era seguro de si, possuía todos os requisitos de um homem instruído para a sua época, embora não fosse um homem de cátedra, mas um homem prático, capaz de tomar decisões coerentes e pertinentes à sua missão. Esse artesão desconhecido foi, efetivamente, um gigante de espírito. Descendente da tribo de Judá e da antiga dinastia da família do rei Davi, teve Nazaré da Galiléia como sua morada e a carpintaria como local de trabalho. Eis uma breve síntese deste leigo que viveu na Palestina no tempo do dominador Herodes, em que César Augusto e Tibério imperavam com todo esplendor.

Esta personagem saiu naturalmente da simplicidade e com a sua escolha sublime por parte de Deus, tornou-se o elo fundamental de ligação com a geneologia messiânica, particularmente pela aceitação imediata dos desígnios de Deus a seu respeito e da disposição de cumprí-los. Sua característica foi justamente o devotamente total de sua vida ao serviço da encarnação e da missão redentora do Filho de Deus, missão única e grandiosa. Por isso, foi enriquecido abundantemente com dons especiais por parte de Deus, e sua vida, iluminada por uma luz divina.

Até o presente momento procuramos projetar, ainda que palidamente, o contexto sócio-cultural-religioso do tempo em que São José viveu. Toca-nos agora concentrar nossas atenções mais na pessoa e no ministério que o nosso ilustre santo personagem desenvolveu

no cumprimento fiel da sua vocação ao lado de Jesus e de Maria, sua esposa. Tenho consciência da limitação desta abordagem, visto que não se trata de uma análise profunda e pormenorizada sobretudo da parte teológica do nosso assunto em questão, porém procurei espelhar-me o mais genuinamente possível no que de melhor existe neste assunto.

A sua vida não foi de modo algum fácil. A responsabilidade que Deus depositou em suas mãos foi para ele um encargo por demais oneroso, como teria sido para qualquer outra pessoa. Deus quis inserir o seu filho Jesus na terra entre os homens da forma mais normal possível, de modo que não aparecesse como um "filho caído do céu". Por isso, escolheu José como esposo legítimo de Maria, mãe de Jesus, para que viesse também a ser considerado como seu pai legítimo em relação ao matrimônio. Dessa forma, o obscuro carpinteiro de Nazaré proporcionou ao Filho de Deus seu "estado civil", sua categoria social, sua condição econômica, uma experiência profissional, um ambiente familiar e uma educação humana.

Quando enfocamos a teologia josefina, devemos situá-la no contexto do mistério da encarnação de Jesus. Será diante desta realidade que poderemos captar toda a sua personalidade e, sem conseqüência, compreender o seu papel no plano divino decretado pelo próprio Deus ao longo dos séculos.

A encarnação de Jesus marcou o ápice da história da salvação.

Foi o acontecimento mais importante na história dos homens, quando chegou a "plenitude dos tempos". Por isso, aquele que teve o privilégio de partilhar uma relação direta com o próprio Jesus Cristo foi, sem dúvida, objeto por parte de Deus de uma santidade e grandeza toda particular. São José situa-se dentro deste decreto divino, assume uma relação com o mistério da encarnação. Foi predestinado, isto é, escolhido desde sempre para atuar pela graça recebida naquele tempo estabelecido no decreto da encarnação.

Nos desígnios de Deus, Jesus devia nascer de uma mulher, recebendo assim uma mãe que fosse virgem e esposa. Em Maria, Jesus teria o aconchego em seu seio materno e se nutria da sua própria carne. Mas, além de uma mãe, o Filho de Deus também devia ter um pai, para que ficasse assegurada a sua descendência e ao mesmo tempo ele nascesse e crescesse em "idade e sabedoria diante de Deus e dos homens", no ambiente de uma família plenamente constituída. Nesse sentido, José foi chamado para colaborar no decreto divino com dupla predeterminação: como esposo e como pai, sendo que a paternidade foi o fim primário da sua missão. Por quê?

Porque, no decreto de Deus, Jesus devia entrar no mundo de maneira verdadeiramente humana, com dignidade e decoro, tendo um pai e uma mãe, numa família, como todos os homens. O matrimônio de José com Maria era, certamente, o meio mais adequado para satisfazer a essas exigências.

Neste sentido, José, em virtude da missão recebida, contribuiu de certa maneira para a realização da união hipostática. Maria concebeu Jesus por obra do Espírito Santo, não havendo a participação de José no sentido físico da geração de Jesus, porém deu o seu consentimento para ser o pai de Jesus. Portanto, não só Maria, mas também José era necessário para a realização da encarnação. O seu matrimônio com Maria, antes da Anunciação, tornou-se assim a condição objetiva para a realização da encarnação do Verbo.

Em consequência a aceitação da paternidade e o exercício destes direitos e deveres concernentes o colocam em relação imediata com Jesus.

O CASAMENTO COM MARIA.

Afirmamos que o matrimônio de José e Maria foi o meio adequado predisposto por Deus para a erupção do divino no meio dos homens através de Jesus Cristo. Sim, porque Deus quis que o seu Filho ao fazer-se homem, necessitasse da ajuda de algumas pessoas que colaborassem no plano salvífico. Por isso, Jesus precisou de uma mãe para encarnar-se em seu seio e nutrir-se dele. Precisou de uma família para situar-se, crescer e educar-se. Precisou de um pai que, ao longo dos anos atendesse suas necessidades materiais e espirituais. Dai a necessidade desse casamento.

Sabemos pelo Evangelho que o matrimônio entre José e Maria realizou-se. José tomou a sua esposa e conduziu a sua casa para começar uma vida nova com ela. O Evangelho chama claramente José de esposo de Maria (Lc 2,4-5; Mt 1,16). Esses testemunhos, que não são os únicos, nos bastam para concluir que os escritores sagrados tinham José como verdadeiro esposo de Maria e, em consequência, admitiam como real o matrimônio realizado entre eles.

A cerimônia de casamento entre os judeus possuía duas etapas: o noivado e o matrimônio propriamente dito. O noivado já constituía o início de um autêntico matrimônio (8). Mas a moça ainda continuava vivendo com os pais durante um ano e, no fim desse período, era celebrado o casamento propriamente dito. A cerimônia do noivado era muito simples. Normalmente realizava-se na casa do pai da noiva, onde o pretendente se apresentava acompanhado por um amigo. Discutia-se então uma quantia em dinheiro que o jovem devia entregar ao futuro sogro como "mohar" (9). Estabelecida essa soma e após algumas palavras do pai, como exemplo "De hoje em diante serás meu genro", dava-se como confirmado o noivado.

Assim estava selado um verdadeiro matrimônio, já que o noivado não era apenas uma promessa de futuro casamento, mas um contrato que conferia aos contraentes direitos de esposos. Por isso, desde aquele ato, a jovem de esposa e o homem de marido.

O Livro do Deuteronômio 22, 22-25 incriminava com pena de Lapidação a mulher esposada ou noiva quando tomada em adultério, mesmo sem ter celebrado o casamento. Os cônjuges possuíam certos direitos. Assim, pelo simples fato de o noivo ter escolhido sua esposa, ficava dispensado de ir à guerra (Dt 20,7).

A segunda etapa do matrimônio revestia-se de maior solenidade. O esposo reunia-se em sua casa com os amigos e, no silêncio da noite dirigia-se à casa da esposa, que já o esperava toda enfeitada e coroadada com flores na cabeça, na companhia de suas amigas. Então se organizava o cortejo nupcial até a casa do noivo, no qual geralmente todos os vizinhos tomavam parte, sobretudo numa cidade pequena como Nazaré. Ao chegar na casa do esposo, a esposa era acompanhada até a dependência principal do prédio, onde estava preparado uma espécie de trono para os nubentes. Antes de começarem as festividades, o marido pronunciava a fórmula específica do matrimônio com estas palavras: "Esta é minha

mulher e eu sou o seu marido hoje e para sempre." E começava a festa, que geralmente durava uma semana.

Todos são unânimes em afirmar que as cerimônias do casamento entre José e Maria se realizaram de acordo com o costume da época e do seu povo. Era costume escolher o dia de quarta-feira para a efetivação do matrimônio quando se tratava de uma moça considerada virgem, e a sexta-feira no caso de uma mulher viúva.

O motivo da escolha é simples: a quarta-feira era aconselhada pelo fato de que em todas as quintas-feiras reunia-se o tribunal que julgava eventuais queixas do marido, se este comprovasse a não virgindade da sua esposa.

Resta-nos perguntar se, no momento da Anunciação, Maria já morava com José em sua casa ou não. Já havia sido celebrado o matrimônio propriamente dito ou apenas o noivado? Muitos estudiosos josefinos afirmaram que a Anunciação ocorreu antes do matrimônio propriamente dito. Segundo eles, José duvidou ao ver sua esposa grávida sem conhecer o mistério e, até que se dissipassem as suas dúvidas, verificou-se a última parte da cerimônia do matrimônio.

Segundo Mateus insinua (1, 20-24) "enquanto pensava assim, um anjo do Senhor lhe apareceu em sonho e lhe disse: José, filho de Davi, não temas receber Maria como esposa, pois o que nela foi concebido vem do Espírito Santo... Despertando do sono, José fez como o Anjo lhe havia mandado e recebeu sua esposa em sua casa". A recepção da noiva pelo noivo na sua casa constituía justamente o ato principal das núpcias, a cerimônia propriamente dita do matrimônio.

Existem outros autores que não hesitam em afirmar que, no momento da Anunciação, José e Maria eram esposos legítimos e, portanto, já tinham celebrado a segunda etapa do matrimônio conviviam na mesma casa. Alguns fundamentam esta hipótese alegando que a palavra "esposa" é empregada em outra ocasião, em Lucas 2, 5 o que permite assegurar que ambos estavam vivendo na mesma casa como esposos.

Podemos concluir que ambos os evangelistas chamam Maria de esposa para deixar bem clara a concepção virginal de Jesus, e não para indicar que a segunda parte do matrimônio ainda não se realizara, queriam ensinar que tanto no momento da concepção como no nascimento de Jesus Maria estava casada, ou seja, mantinha a sua virgindade íntegra, como devia mantê-la toda noiva. A intenção é esclarecer que, apesar do matrimônio com José e da concepção de Jesus, Maria continuava sendo virgem, como sucedia com as noivas que esperavam nas casas de seus pais o dia feliz do matrimônio.

Alguém poderá objetar com as palavras do Anjo: "Antes de coabitarem, aconteceu que ela concebeu por virtude do Espírito Santo" (Mt 1,18), dizendo que ainda não conviviam na mesma casa.

Mas segundo os estudiosos estas palavras podem ser entendidas muito bem no sentido de : "antes que tivessem tido relações sexuais".

Também não faltaram interpretações das palavras do Anjo a José: "Não temas receber Maria como tua esposa... (Mt 1,20). Elas foram entendidas no sentido de que a Virgem estava na casa de seus pais e José, constatando a sua gravidez, negava-se concretizar a segunda etapa do matrimônio e levá-la para sua casa. Então se as palavras

"tomar consigo" significam necessariamente "levar para casa", fica claro que a cerimônia solene das núpcias ainda não tinha sido realizada. Podemos responder a esta objeção dizendo que em grego e em latim a palavra "recebeu" pode ser entendida em outro sentido. Segundo eruditos de grandes exegetas, as palavras do Anjo podem ser traduzidas por: "Não temas ficar, e estar aí, lado da tua esposa". José sentia temor de estar ao lado de Maria ao conhecer o grande mistério nela operado, por isso não se sentia seguro de estar ao seu lado. O Anjo, para tranquilizá-lo, lhe diz: "Não temas", referindo-se a algo que já havia feito. Não lhe dá uma ordem como nas outras ocasiões: "Toma o menino e sua mãe...", mas sim "Não temas", dando a entender que já estava com ela, mas sentia medo de continuar.

Portanto, nesta outra visão, José e Maria estavam juntos na mesma casa quando a Anunciação aconteceu. Maria comunicou o fato a José e este sentiu medo de estar ao lado dela.

Concluimos que as interpretações da Escritura não nos dão a última palavra. Ambas as interpretações oferecem dificuldades: "Se da análise minuciosa do texto evangélico não se pode deduzir com certeza que as ordens do Anjo a José supunham as núpcias já celebradas com Maria, também não se pode pensar o contrário.

Caso não se apresentarem razões de outra ordem, será prudente suspender o juízo. Porém, outras razões existem a favor das núpcias celebradas antes da concepção de Maria, o que não contradiz nem desvirtua o relato de São Mateus.(10).

Depois do noivado, a moça ainda permanecia na casa dos pais até o dia do casamento. Já estava comprometida e podia até ter relações com o futuro esposo, porém essa prática não era a mais comum e decente. O normal era que os esposos esperassem coabitar na mesma casa para começar as relações sexuais. Portanto, é mais coerente e mais conforme à razão que nenhuma solenidade faltou a esse casamento antes da concepção de Jesus. Pois, conforme lembra Suárez, "é um excesso de certa incontinência que os noivos se juntem antes de cumprir todas as cerimônias do matrimônio".

Portanto foi conveniente, conforme o fim deste matrimônio para evitar toda suspeita, que antes da concepção do Filho se cumprisse todo o matrimônio. "é opinião comum entre os Padres e teólogos que o matrimônio de José com Maria foi providencialmente ordenado para salvaguardar a honra do Filho e da mãe". Por que, então, não admitir que esse matrimônio estivesse plenamente constituído para a consecução do fim pretendido?

UM VERDADEIRO MATRIMÔNIO

A opinião de que existiu um verdadeiro matrimônio entre José e Maria não é contestada por ninguém. Entre ambos houve um estreito vínculo conjugal. "Deus o deu como esposo à Virgem não só como companheiro de vida, testemunha da sua virgindade, tutor da sua honestidade, mas também para que participasse da excelsa grandeza dela, devido ao pacto conjugal; " (11)

Sendo verdadeiro, este matrimônio tinha uma série de conveniências. Santo Tomás de Aquino apresenta algumas delas.

Para que Jesus não fosse rejeitado, o que era possível, se parecesse Filho ilegítimo. Para que a genealogia de Jesus seguisse a linha masculina. Para que o menino fosse protegido das ciladas do diabo.

Para que José o sustentasse. Segundo Santo Tomás, esse casamento também servia para preservar Maria da lapidação quando estivesse grávida, e ao mesmo tempo a livraria de qualquer infâmia.

Também São Jerônimo explicita a conveniência do matrimônio entre José e Maria alegando as seguintes razões: Para mostrar a estirpe davídica de Maria, cujos descendentes deviam casar-se com pessoas da mesma parentela (Num 36,8). Para que Maria não fosse acusada injustamente de adultério e em consequência lapidada, conforme era o costume da época. (12) Para que na fuga ao Egito, Jesus e Maria tivessem um defensor; e para que Jesus tornando-se homem em tudo semelhante a nós, exceto no pecado; tivesse o amor de um pai e de uma mãe.

Não podemos entender a virgindade de José sem antes mencionar a virgindade de Maria, sua esposa. A própria Maria tinha oferecido a Deus a sua castidade, por isso não entendia como Deus queria que fosse mãe do herdeiro do trono de Davi, tanto é verdade que indagou: "Como acontecerá isso se não conheço homem?" Porém a sua maternidade era única nos desígnios de Deus. Então o Anjo a tranquilizou, esclarecendo a sua dúvida com a afirmação de que era o Espírito Santo e não um homem que a fecundaria. Assim, deste modo de conceber, Deus respeitava totalmente a sua virgindade. Mas, como Maria podia ter-se consagrado totalmente a Deus com um voto de virgindade, se para qualquer moça hebréia daquele tempo o ideal, a aspiração era formar uma família, ter filhos? Por que, se toda a mentalidade judaica era desfavorável à virgindade? Por que, se cada hebreu da estirpe de Davi aspirava à grande alegria de ter o Messias prometido na sua própria descendência? Por que, se a fecundidade era uma bênção de Deus e a esterilidade uma maldição e o matrimônio um dever? Por que, se a virgindade não era nem mesmo difundida ou apreciada, e assim era mais importante ter uma família do que estudar as Sagradas Escrituras?

O motivo é que Maria queria oferecer ao Senhor algo muito mais profundo, mais íntimo que os bens das colheitas ou as vítimas oferecidas no altar de pedra em sacrifício. O que ela queria oferecer era o seu corpo, o seu coração, era o modo mais sublime de pertencer a Deus. Portanto não tinha nenhum desprezo do casamento, tanto é verdade que se casou. Sua preocupação era agradar ao Senhor e, humilde como era, não aspirava ser a mãe do Salvador, como as moças do seu tempo, embora conhecesse que da descendência de Davi ia nascer o Messias.

Mesmo consagrada a Deus com o voto de virgindade, Maria casou-se com José, colocando-se totalmente a serviço dos desígnios da Providência, que sabia muito bem ajudá-la a manter aquele propósito de consagração, mesmo na companhia de um homem no matrimônio. De fato, José compreendeu essa consagração de Maria e, por especial desígnio de Deus, compartilhou-a totalmente, e a partir dali o amor virginal e ao mesmo tempo conjugal começou a brilhar na terra. José e Maria, juntos, deram origem à geração dos castos, antes deles totalmente desconhecida no mundo.

Portanto, José foi virgem por ser esposo predestinado da virgem; verdade incontestável e defendida com galhardia pelos Padres da Igreja. São Bernardino de Sena diz: "que José foi puríssimo em virgindade, profundíssimo em humildade, ardentíssimo no amor a Deus, altíssimo na contemplação e esposo solícito da virgem"(13). E São Jerônimo, combatendo a heresia de Helvídio, que negava a virgindade de Maria, conclui: "Dizes que Maria não permaneceu virgem; pois eu afirmo ainda mais: Por Maria foi virgem também São José" (14) .

Concluimos que a virgindade de José é afirmada incontestavelmente pela tradição teológica, que reprova toda tentativa, pintada sobretudo pelos apócrifos, de negar-lhe esse privilégio (15). É de Santo Agostinho a afirmação: "Como Maria foi mãe sem concupiscência carnal, do mesmo modo José foi pai sem ter relação carnal... Isto não faz estranho à genealogia de Cristo, aliás a sua pureza perfeitíssima confirma a sua paternidade. Como foi marido casto, também foi pai casto; tanto mais verdadeiramente pai quanto mais castamente o foi."(16) São Jerônimo sustenta: "Permaneceu virgem aquele que mereceu ser chamado pai do Senhor." (17) Para Santo Tomás, a virgindade de José se baseia em duas razões: "Porque não se encontra escrito, que ele teve outra mulher e a infidelidade não é atribuível ao santo personagem" (18). Tomás esclarece ainda que Maria foi consagrada a Deus junto com José e, sendo a virgindade um dom de Deus (ICor 7,32), este quis o matrimônio virginal de Maria e José, a fim de que se ajudassem mutualmente a se doar juntos a Deus. Também São Beda afirma: "É bom saber e declarar sem hesitação que não foi apenas a Mãe de Deus, mas que também São José, testemunha beatíssimo e guarda da castidade dela, foi totalmente imune a qualquer ato conjugal". (19) Foi do mesmo parecer São Pedro Damiano, ao afirmar: "É fé da Igreja que não só a mãe de Cristo foi virgem, mas também aquele que era seu pai." (20) Rabano Mauro expressou o seu ponto de vista sobre a virgindade de José e Maria com a afirmação: "Os pais do Senhor foram sempre insignes devido à sua virgindade intemerata." (21)

Na opinião de Santo Tomás, o casamento de José com Maria foi necessário para que o testemunho de José garantisse que Cristo nasceu de uma Virgem: para tornar digna de crédito as palavras de Maria ao Anjo, quando declarou o seu estado de virgindade, e para que na pessoa de Maria desposada e Virgem e, podemos acrescentar, também na pessoa de José sejam honrados a virgindade e o matrimônio.

Os argumentos teológicos a este respeito mostram de maneira clara que entre José e Maria houve um verdadeiro casamento. Resta-nos, porém, responder ainda a uma objeção fundamental." Maria teria feito o voto de virgindade a Deus de modo absoluto antes de se casar com José, já que, conforme era costume na época, toda moça casava e criava filhos? Tradições piedosas nos fazem pensar nisso. Mas podemos afirmar que Maria não teria feito isso, tendo em vista os costumes da época e, por isso, conforme nos esclarece outra vez Santo Tomás, Maria fez o voto de virgindade de forma condicionada, isto é, se esta fosse a vontade de Deus. Emitiu o voto de virgindade absoluta só depois de estar casada com José e junto com ele, uma vez compreendido que isso estava realmente de acordo com a vontade de Deus. Portanto, Maria não fez o seu voto de virgindade antes do seu casamento com José, já que pelo casamento os cônjuges devem reciprocamente o exercício sexual e um não pode emitir voto de continência sem o consentimento do outro. Daí entendemos muito bem que, para o matrimônio ser verdadeiro, não necessita obrigatoriamente do exercício

sexual, porém a união sexual no matrimônio é um direito, um bem adquirido, tanto para o esposo como para a esposa.

A IDADE DE JOSÉ QUANDO SE CASOU

A questão da idade de José quando se casou com Maria não é uma mera especulação ou curiosidade, mas possui na verdade uma importância teológica, já que toca a natureza própria do matrimônio e, em consequência também a virgindade.

Durante muitos séculos São José foi visto muito mais como um servo de Maria do que como o seu esposo. Foi preciso chegar ao grande devoto e estudioso de São José, Gerson (1363-1429), para desencadear uma reação a esta opinião disseminada. Este e outros escritores que o seguiram limitaram-se a atribuir-lhe a idade de aproximadamente quarenta anos quando se casou com Maria, mas hoje, amparados pelas fontes e notícias históricas de que dispomos, coisa que os antigos não conheciam, podemos afirmar que São José casou-se com a idade própria de todos os jovens hebreus quando se casavam ou seja, entre os dezoito e vinte e cinco anos. Além dessa idade, o casamento não era bem visto pelos judeus. (22)

VIRGINDADE DE JOSÉ

Podemos compreender a nossa afirmação de que São José viveu a virgindade da sua missão no mistério da Encarnação. O Evangelho não nos fala expressamente desta verdade, mas dele podemos extrair elementos para deduzir a sua virgindade. Toda a tradição ocidental, salvo raras exceções, afirma a virgindade de José vendo-a sobretudo como mérito da virgindade de Maria. (23)

Na verdade, aqueles que tentaram negar a virgindade de José procuraram sempre afirmar a virgindade de Maria. O motivo da afirmação do Mt 12, 49-50, utilizado para negar-lhe a virgindade, é apenas aparente. Pois é sabido que na língua hebraica não existem palavras específicas para designar os parentes mais próximos. Já São Jerônimo ao comentar esta passagem de Mateus, observa: "Alguns suspeitam que os "irmãos" do Senhor sejam filhos de José de outro casamento... Nós sustentamos que eles eram simplesmente os "primos" do Senhor ... Toda a Escritura comprova que se costumava chamar de irmãos os primos."(24)

A versão da Bíblia chamada dos Setenta (25) empregou ainda o termo "irmãos" em vez de recorrer a uma palavra diferente em grego indicasse outro grau de parentesco. Tanto as comunidades primitivas como os evangelistas serviram-se freqüentemente da versão dos Setenta, daí que a palavra "irmão", que no Antigo Testamento revestia o significado de sangue, passou ao Novo Testamento com o mesmo sentido para indicar laços de afeto. Assim, São Paulo usou com freqüência 130 vezes em suas cartas a palavra "irmão" para indicar todos os cristãos.

É compreensível que no ambiente sócio-cultural em que Jesus viveu não devia causar nenhuma surpresa que em Nazaré ele tivesse parentes, que eram chamados

simplesmente irmãos. Possuímos nos Evangelhos referências que ilustram este problema. São João de uma "irmã" da mãe de Jesus, conhecida pelo nome de Maria de Cléofas (19,25). Marcos e Lucas falam dessa Maria como "mãe de Tiago" (Mc 16,1 ; Lc 24,10). Mateus já a chama de "mãe de Tiago e de José" (Mt 27,56). Portanto, os seus filhos eram primos de Jesus.

No século V, Elvídio e com ele muitos outros escritores, baseando-se em Mt 1,15: "José fez conforme o Anjo lhe ordenara e tomou consigo a sua esposa, a qual, sem que ele a conhecesse, deu à luz um filho que se chamou Jesus, " afirmaram que José teve relações sexuais com Maria depois do parto, já que o termo "conhecer " na Bíblia significa união sexual, referindo-se ao matrimônio. Porém, tanto São Jerônimo como São João Crisóstomo argumentam que a afirmação "sem que ele a conhecesse" não indica propriamente que a conheceu em seguida, mas simplesmente que a Virgem permaneceu intacta até o parto". (26) Na verdade, o Evangelho não tinha a intenção de esclarecer a virgindade perpétua de Maria e de José, não fez uma referência ao futuro.

Existe um outro texto de Lucas: "Maria deu à luz ao seu filho primogênito" (2,7), que também suscitou polêmica neste campo, porém o termo primogênito quer referir-se simplesmente ao primeiro filho e não ao primeiro entre vários outros. Em Números 18,15 temos um conceito precioso do termo primogênito, ou seja, aquele que nasceu primeiro de sua mãe, tenha esta ou não outros filhos depois.

Afirmamos que o matrimônio, para ser verdadeiro, não necessita forçosamente do relacionamento sexual entre os cônjuges.

Por isso, o casamento de José com Maria, devido à sua singularidade, não teve o objetivo de gerar filhos, que no caso seria Jesus, e sim educar esse filho.

Esse matrimônio foi previsto por Deus para tornar o nascimento de Jesus conveniente. O nascimento de Jesus ocorre no tempo e no espaço, mas Ele é de origem divina e, por isso, não seria o casamento de José com Maria que iria determiná-lo, como acontece com os outros casamentos, em que a união entre o esposo e a esposa determina o nascimento do filho. O nascimento de Jesus, ao contrário, foi determinado pelo próprio Pai através desse casamento.

Já São Boaventura afirmava que "tudo o que diz respeito ao matrimônio entre José e Maria se dá por uma disposição íntima do Espírito Santo". Assim, fica claro que o matrimônio entre José e Maria teve o objetivo de criar um ambiente para que Jesus fosse acolhido e educado. Foram as duas decisões, tanto de José como de Maria, que concorreram juntas para que, mediante esse matrimônio, se realizasse a vontade suprema de Deus : a erupção do Verbo, da Palavra de Deus na história, a inserção de Jesus na família humana como filho de Davi.

Já afirmamos que o matrimônio entre José e Maria foi verdadeiro, mesmo com o voto de virgindade que ambos fizeram, e também afirmamos a conveniência desse matrimônio diante dos desígnios divinos, em vista da salvação da humanidade preparada pelo Pai na pessoa do seu Filho Jesus. Resta-nos contudo, ainda questionar: Por que este matrimônio foi verdadeiro? Muitos estudiosos se debruçaram sobre esta pergunta e uma série de estudos foi produzido pelos teólogos. Entre tantos, desponta Santo Tomás de Aquino, o qual afirma categoricamente que esse casamento foi verdadeiro porque nele

existiam três elementos necessários para haver um matrimônio: a Prole ou o (s) filho (s), que no caso é Jesus, Filho unigênito de Deus Pai; a Fidelidade, porque o nascimento de Jesus desse casamento não foi de adultério, mas uma obra do Espírito Santo, conforme as palavras do Anjo; e o Sacramento, porque entre ambos houve uma indivisível união de vidas, o que caracteriza o sacramento. Santo Tomás explica mais: para ele, a essência do matrimônio consiste na indivisível união de vidas, que obriga cada um dos cônjuges a manter-se perpetuamente fiel ao outro e o fim do matrimônio é a geração, que se obtém mediante a união sexual, assim como a educação dos filhos que se obtém mediante a ajuda recíproca do esposo e da esposa. Portanto, o casamento entre José e Maria foi verdadeiro, porque entre eles houve o consentimento da união conjugal, embora não consentissem na união sexual. Além do mais, entre José e Maria existiu uma plena participação de "toda a intimidade doméstica", entre eles existiu uma verdadeira comunicação de afetos e de ideais, fazendo dos dois um só coração, comunicando suas próprias coisas, querendo bem um ao outro.

São José foi escolhido por Deus como esposo de Maria, Virgem e Mãe de Deus; portanto, a sua presença na vida de Maria não se deveu a um simples jogo de circunstâncias, mas foi resultado de uma preciosa intervenção de Deus. O matrimônio de José com Maria foi destinado para acolher e educar Jesus, assim comportava necessariamente a máxima expressão de união conjugal, ou seja, o grau supremo do dom de si. Em consequência, podemos aceitar que a virgindade dentro desse casamento não só não comprometeu a essência desse matrimônio e da paternidade, mas a evidência e a defende, segundo o dúplice axioma agostiniano "esposo tanto mais verdadeiro quanto mais casto, daí tanto mais verdadeiro quanto mais casto".

Nenhuma pessoa foi mais intimamente unida a Maria e a Jesus do que São José, e ninguém mais do que ele recebeu a influência santificadora dessas duas pessoas. Como esposo, conviveu com Maria e partilhou a sua vida; amou-a com amor intenso. Da mesma forma, Maria teve por José um sentimento natural de esposa; nenhuma a igualou no seu amor; seu coração, seus sentimentos e afetos pertenceram exclusivamente a José. Portanto houve entre eles um amor intenso e profundo.

Porque efetivamente reinava uma perfeita harmonia entre eles, afirmamos que, mesmo diante de toda a marginalização da mulher na sociedade daquele tempo, José sempre nutriu por sua esposa um profundo respeito e afeto e Maria tinha para com José toda a obediência, ternura e respeito, sendo ele o chefe da família.

A afinidade espiritual entre José e Maria foi tamanha que, se Maria aceitou a maternidade divina sem pedir o consentimento de José, foi porque sabia que Deus tinha sobre ele todo o direito e que era desejo profundo de José que ela fosse inteiramente de Deus. Agir desse modo em relação a José não é uma falta de delicadeza, mas um sinal de confiança. Deus deve sempre passar primeiro, e esta é a mesma vontade do coração de José, de outra forma ele não seria o esposo de Maria (27) .

COOPERADOR NOS MISTÉRIOS DA REDENÇÃO

Só podemos compreender toda a personalidade de José em conexão com a Encarnação de Jesus. E nesta perspectiva que uma teologia Josefina madura pode explicar a sua missão em relação a Jesus. Deus quis que o seu Filho, ao fazer-se homem no meio dos homens, necessitasse dos préstimos de algumas pessoas na colaboração do seu plano salvífico. Jesus precisou de uma mãe para encarnar-se no seu seio e nutrir-se dele: precisou de uma família para situar-se, crescer e educar-se; precisou de um pai, para que ao longo dos anos atendesse as suas necessidades materiais e espirituais. Portanto, a vocação de José como esposo de Maria e pai virginal de Jesus valeu-lhe o mérito de agir na cooperação e realização do mistério da encarnação. Sua participação na redenção não foi marginal, mas fundamental para que Jesus nascesse numa família da qual ele era o chefe. O decreto da Encarnação predestinado por Deus desde sempre para realizar-se no tempo abrange em si também todas as circunstâncias nas quais devia se realizar; ou seja, o fato em si, os modos e o tempo. Neste sentido, Jesus devia nascer de uma mulher ao mesmo tempo casada e virgem, devia ter na terra uma mãe e um pai, devia ser acolhido por uma família plenamente constituída. Maria devia formá-lo no seu ventre, José devia transmitir-lhe uma genealogia; dar-lhe um nome e protegê-lo na terra.

É indispensável admitir que a união pessoal do Verbo de Deus com a natureza humana é algo que pertence exclusivamente a Cristo; contudo, José e Maria tiveram para com a Encarnação uma estreita ligação, um liame de vocação e de missão, eles contribuíram para realizar a união hipostática (28). José foi o homem que recebeu a honra enorme de cuidar do Filho de Deus. Na opinião de muitos teólogos, ele "interveio na constituição da ordem hipostática com o seu consentimento livre e voluntário como o de Maria, esta atuação na ordem moral não tem por objeto direto e imediato a encarnação do Filho de Deus, mas a maternidade e a virgindade de Maria, por meio das quais se tem a realização da ordem hipostática"(29) .

As razões que sustentam a participação de José na cooperação do mistério da Encarnação são deduzidas do consentimento que ele deu para ser o pai de Jesus, embora sem intervir fisicamente na sua geração. Por isso, tanto José como Maria eram necessários para a realização da encarnação. Com o seu casamento celebrado com Maria da Anunciação, José também proporcionou as condições objetivas, mesmo sem o seu total conhecimento, para a realização do mistério da Encarnação. O relacionamento de José com Jesus estabeleceu-se no plano moral e externo; contudo, a sua paternidade é real; ela foi preestabelecida por Deus, e para a sua realização foram necessárias, assim como para Maria, as disposições de santidade. (30)

Alguns Josefólogos sustentam que o relacionamento estreito de José com o mistério da Encarnação foi a única razão da sua missão ou da sua existência.

VISITA A ISABEL

O evangelista Lucas, logo após ter narrado o fato de que a "mais humilde e a mais sublime das criaturas", conforme as palavras de Dante, acabara de se tornar mãe do Filho de Deus, esta foi apressadamente, por moção divina, para a região montanhosa da Judéia, a Ain-Karim, aldeia a cerca de 7 km a sudoeste de Jerusalém, hoje chamada São João da Montanha, onde morava Zacarias, a fim de se congratular com sua prima Isabel e prestar-lhe os seus serviços.

Segundo alguns teólogos, São José não acompanhou Maria na visita a Isabel. Eles partiam do princípio de que Maria era apenas esposada com José e, portanto, ele ignorava completamente o mistério da Encarnação. Por isso, era conveniente a não presença de José nas cenas que aconteceram na casa de Isabel, justamente para que não descobrisse antes do tempo a maternidade divina de Maria e conhecesse os mistérios antes mesmo que Deus os revelasse a ele. Este ponto de vista foi defendido sobretudo por Cornélio de Lápide e pelo padre Meschler. Portanto o principal motivo alegado da ausência de José é a ignorância sobre o mistério da maternidade de Maria.

Outros autores, porém viram a necessidade imperiosa de que Maria fosse acompanhada por José, durante uma viagem tão longa e até perigosa. Portanto, defenderam o acompanhamento a Maria até Jerusalém. Dali, acompanhada por Zacarias ou por outros parentes, ela continuou a viagem até Ain-Karim, enquanto José regressou a Nazaré, prosseguindo o seu trabalho de carpinteiro.

Não faltaram também os que opinaram pela permanência de José em Nazaré, porque ele era muito pobre e precisava trabalhar para viver. É certo que ambos eram pobres, mas não miseráveis. Portanto, tinham condições necessárias para fazer esta viagem. Além do mais, a casa de Zacarias, sem dúvida nenhuma, gozava de uma certa comodidade, e ali podiam ficar todo o tempo que fosse necessário.

Segundo a mais sadia teologia Josefina, hoje podemos dizer que São José acompanhou a sua esposa durante a visita a Isabel. José, como homem prudente, não iria deixar Maria viajar sozinha pelas montanhas da Judéia, sem companhia; ele era o guardião e o protetor da Virgem. Afirmamos ainda mais: José esteve presente durante a visitação de Maria à sua prima e participou dos louvores que as duas santas mulheres tributaram a Deus por ter realizado coisas admiráveis. "A razão, a autoridade e o próprio dever de São José, diz o Pe. Mercier, nos induzem a acreditar que ele mesmo acompanhou a sua esposa à casa de Isabel. Como compreender que ele tenha abandonado numa viagem tão longa (aproximadamente quatro dias) aquela que lhe havia sido confiada pelo próprio Deus? "

O RECENSEAMENTO

O evangelista relata que "Maria ficou com Isabel cerca de três meses, voltando depois para a sua casa" (Lc 1,56). Não sabemos ao certo se a partida de Maria, e em consequência de José ocorreu antes do nascimento de João, porém é plausível que ela tenha ficado com sua prima até o nascimento do filho desta, e junto com ela também José. Depois voltaram para Nazaré, onde, na humilde casa, prepararam-se juntos para o grande evento da vinda do Filho de Deus ao mundo. Ali compartilhavam o mesmo caminho de

santidade, aspiravam à mesma esperança de manifestação do Messias, sujeitavam-se às mesmas provações da pobreza e do trabalho esmerado do dia-a-dia.

Os dias transcorriam normalmente na vida do casal. Humildes e sem alarde, eles cuidavam do maior dos tesouros debaixo daquele teto e se preparavam para mostrá-lo aos que aspiravam por sua manifestação. Mas, de repente, uma ordem do imperador César Augusto veio romper a monotonia do povoado e a imperturbabilidade do casal: os emissários do imperador comunicavam que todos deviam apresentar-se no lugar de origem para o recenseamento. O governo de Roma queria ter em mãos o número de seus cidadãos espalhados pelo império para, assim, poder planejar melhor quanto podia arrecadar com as taxas e os pedágios estipulados pela lei. Como José e Maria pertenciam à casa de Davi, deviam apresentar-se em Belém, lugar onde Davi nasceu.

Devido ao seu estado de gravidez, Maria tinha motivos suficientes para não fazer aquela longa viagem até Belém, mas nenhum dos dois queria separar-se, sobretudo na iminência do momento particular do nascimento do libertador. Maria podia muito bem, segundo o decreto imperial, não ter ido a Belém devido ao seu estado avançado de gravidez com aquela atitude, os dois estavam consequentemente levando ao cumprimento a profecia de Miquéias, que séculos atrás havia declarado: "Mas tu, Belém de Éfrata, embora pequena entre as clãs de Judá, de ti sairá para mim aquele que deve governar Israel" (5,1).

Para São José, o recenseamento não era um ato de submissão à autoridade estrangeira do imperador, mas sim um meio para fazer valer, para si e para a criança que nasceria da sua esposa, os frutos, os direitos e os títulos de filho de Davi. Assim, a sua presença em Belém, comprovada pelos documentos oficiais teria um grande valor de testemunho, especialmente porque era um período turbulento. De fato, ninguém jamais negará a Jesus o direito de proclamar-se Filho de Davi.

Depois de percorrerem durante três dias o caminho de Nazaré, a Belém, perfazendo um total de aproximadamente 130 quilômetros, José e Maria chegaram ao destino onde deviam inscrever-se, conforme o decreto imperial prescrevia.

Ao chegarem em Belém, o movimento era muito grande, o fluxo de pessoas era demasiado, as pensões estavam lotadas, as casas dos familiares repletas, já que os descendentes de Davi eram numerosos. Não era possível encontrar um lugar adequado para Maria grávida. Portanto, José não procurou uma pensão, mas deve ter ido à casa de seus parentes, onde lhe devem ter oferecido um lugar disponível. Sabemos que a tradição coloca o nascimento de Jesus numa gruta, e isso, aliás, é comprovado hoje pelo movimento arqueológico que se encontra em Belém, um dos lugares sagrados que gozam da maior autenticidade. Mas afirmamos que José e Maria foram para casa de seus parentes. Como isso se explica?

É mais fácil admitir que Jesus nasceu num lugar de freqüência habitual, mesmo porque Mateus, ao narrar a visita dos magos ao menino, diz: "E, entrando na casa, viram o menino com Maria sua mãe..."(2,11), portanto diz que estavam numa casa. Com isso, somos propensos a indicar que Maria e José se hospedaram numa sala privada para hóspedes, como o termo grego "Katályma", usado por Lucas, 2,7 indica, ou seja, um lugar reservado para os hóspedes. Na verdade, não se tratava em última análise de uma hospedaria.

Nas colinas de Belém existem numerosas concavidades naturais que servem tranqüilamente para morar. O exemplo disso é que ainda hoje os árabes utilizam essas concavidades incorporando-as a suas casas, fazendo, portando, com que qualquer dessas "grutas" seja transformada, segundo os gostos de cada um, em parte de uma casa. Assim, não ficam dúvidas sobre a sua possível utilização como moradia; uma "gruta" podia muito bem ser transformada num estábulo ou numa casa. Portanto a casa dos parentes de José podia muito bem ser assim, ou Jesus ter nascido na parte mais humilde da casa. O fato de o recém-nascido ter sido colocado por sua mãe em uma manjedoura é facilmente explicável pelo costume daquele tempo, onde num lugar como Belém, por falta de algo melhor, se usava uma manjedoura, mesmo porque as exigências deles não eram as mesmas que temos hoje.

Portanto, nada impede que a casa dos parentes de José tivesse um lugar como o que os Evangelhos nos recordam: muito humilde. A pobreza e a simplicidade em que Jesus quis nascer indica muito bem o modo como Deus quis restaurar a sua aliança com os homens. De fato, Jesus desejou ser um tudo semelhante a nós, menos no pecado.(Fl 2,6-7).

Com a lição de humildade e pobreza que o Filho de Deus deu com o seu nascimento, não devemos nos admirar que os primeiros destinatários da sua missão salvadora tenham sido os pastores, que estavam nas redondezas tomando conta das ovelhas, quando o Anjo do Senhor lhes apareceu e comunicou esta mensagem : "Hoje, na cidade de Davi, nasceu o salvador de vocês, Cristo o Senhor. Esta será a prova: vocês encontrarão uma criancinha enrolada em panos numa manjedoura" (Lc 2,11-12). Os pastores correram imediatamente para a gruta e encontraram Maria, José e o Menino, como o Anjo havia anunciado.

Os pastores da Palestina levavam uma vida nômade e dormiam nas grutas da região. Não gozavam de boa reputação e eram pouco considerados pelos demais. Tinham uma profissão "impura" para os judeus: trabalhavam com facas e bastões para defender suas ovelhas dos lobos e ladrões. Eram detestados sobretudo pelos fariseus, que aconselhavam o povo a não comprar o leite nem a lã de suas ovelhas.

Junto com a visita dos pastores que acorreram ao lugar onde Jesus nasceu depois que alguém lhes revelou esta grande e jubilosa notícia (Lc 2,15-16), devemos a Mateus um detalhe: a visita dos Magos do Oriente (Mt 2,11) . Esses estrangeiros testemunharam junto com José as condições humanamente humilhantes do nascimento de Jesus, anúncio do "despojamento", com o qual o Cristo consentiu livremente, para a remissão dos pecados. Estes Magos reconhecem Jesus recém-nascido como o Salvador, com uma missão universal.

A CIRCUNCISÃO

Passados oito dias do nascimento do Menino, seus pais, conscientes de suas obrigações como bons judeus, tomaram Jesus e o apresentaram na Sinagoga para circuncidá-lo. A exigência desse ritual após o oitavo dia do nascimento do filho inspirava-se na legislação sacerdotal. Era com esse rito que se dava a inserção dos recém-nascidos

hebreus no povo eleito; com esse rito a criança entrava oficialmente no povo de Abraão e na história, nos costumes, na honra, na tradição e sobretudo na fé do Povo da Aliança. O povo hebreu, consagrado ao monoteísmo e escolhido como povo de Deus, tinha portanto, na circuncisão, um sinal religioso, como uma característica racial que o distinguia da gente não semítica. Este sinal fora estabelecido desde Abraão (Gn 17, 12-14). Por isso, a circuncisão era um acontecimento extraordinário para as famílias judaicas, um rito sagrado que se celebrava com uma solenidade especial. Os parentes e amigos da família eram geralmente convidados para a cerimônia, que não deixava também de ser uma festa. Era costume, do mesmo modo realizar este rito na casa dos pais, assim como escolher um padrinho para a criança. Na cerimônia preparavam-se duas cadeiras: uma para o padrinho da criança que a segurava e outra para Elias que, segundo o costume, estava presente em toda cerimônia da circuncisão. Este rito não era exclusivo dos sacerdotes. Todo israelita podia realizá-lo, porém com frequência era o próprio pai da criança quem o executava (Gn 21,4).

Às vezes até a mãe podia realizá-lo (Ex 4,25), e ultimamente até um médico (1 Mac 1,61). José, que conhecia bem a lei, sabia que aquela era a sua obrigação. Por isso, foi ele quem realizou a operação. Enquanto desenvolvia o rito, o "ministro da circuncisão" rezava as seguintes palavras: "Bendito seja o Senhor, nosso Deus, que nos santificou com os seus preceitos e nos permitiu introduzir o nosso filho na aliança de Abraão, nosso Pai."

São José, com aquele seu gesto, acolheu Jesus no povo de Israel, e assim trocou o antigo Israel pelo novo Israel de Deus". Com aquele gesto de José, a vida de Deus se uniu à história dos homens, confirmando a esperança dos povos. Jesus estava inserido na vida do seu povo, o povo da aliança de Moisés. Agora Jesus estava registrado diante da autoridade civil e religiosa.

Junto com a cerimônia, impuseram-lhe o nome Jesus. Naquele momento do exercício da sua paternidade, José, homem do silêncio, pronunciava para todo mundo a grande palavra, que constitui a salvação para todo homem: Jesus. Cumpria assim a sua primeira missão paterna, anunciada pelo Anjo: "Tu o chamarás Jesus... (Mt 1,21) . Daquele momento em diante, o nome "Jesus", pronunciado por José, seria amado, admirado e acatado por muitos, mas também seria odiado, incompreendido e não aceito por outros.

O fato de dar o nome a uma pessoa era muito importante na mentalidade do povo hebreu, pois o nome de uma pessoa designava a sua missão, encerrava o seu destino, as qualidades de uma pessoa.

No Antigo Testamento, às vezes o próprio Javé impunha o nome ou até o trocava. É o caso de Abrão, que passou a ser chamado de Abraão, porque seria o pai de uma multidão. Também no Novo Testamento prevaleceu o costume de usar o nome da pessoa à sua missão ou identidade. É o caso de Simão, que passou a ser chamado de Pedro, que significa Pedra, Rocha.

Por isso, antes de impor o nome a um filho, os pais discutiam na família como a criança deveria ser chamada. Impor o nome ao filho era um direito fundamental dos pais, pois com isso desenvolviam o sentido da autoridade sobre o filho. José impôs o nome a Jesus seguindo o preceito divino "Porás o nome de Jesus, porque ele salvará o seu povo

dos seus pecados." Deste modo, José estava representando o Pai celestial e exercendo as funções e direitos de pai (31) .

Cumprida esta prescrição da Lei mosaica, restavam ainda outras determinações legais a serem cumpridas. Era preciso que o menino fosse apresentado no Templo e ali fosse realizada uma cerimônia em consonância com o costume da consagração dos levitas ao Senhor, conforme relata o livro dos Números no capítulo oitavo.

Quanto a consagração de todo primogênito da família a Deus, a lei era bastante precisa, Assim, lemos em Êxodo: "O Senhor falou a Moisés e lhe disse; Consagra-me todo primogênito: todo o primeiro parto entre os israelitas, tanto de homens como de animais, será meu" (Ex 13, 1-2). Com esta prescrição, Deus afirmava o seu domínio sobre os filhos do seu povo.

A participação de José foi fundamental no rito da apresentação de Jesus no Templo, pois como pai, ele era responsável pelo menino, por isso devia cumprir a lei que lhe dizia respeito. Lembremo-nos do que, na mentalidade do seu povo, o pai tinha para com o filho o dever de circuncidá-lo, resgatá-lo perante o Senhor, ensinar-lhe a Torá e uma profissão e arrumar-lhe casamento.

Na cerimônia de apresentação do Menino, o pai devia fazer o resgate, ou seja, o primogênito era resgatado mediante a oferta de cinco ciclos de prata à caixa do tesouro do Templo, o que equivalia aproximadamente a vinte dias de trabalho de um operário daquele tempo (32) .

Desde o momento em que o Anjo lhe havia transmitido, em nome de Deus, a ordem de aceitar Maria como sua esposa e de impor o nome ao menino (Mt 1,21), José teria guardado, dia após dia, o preço do resgate do seu filho. Ele não tinha dúvida quanto a isso, pois, se qualquer outro pai, diante da gravidez da sua esposa, não tinha certeza a respeito do resgate, porque podia nascer uma filha em vez de um filho, José sabia desde o início que o filho de Maria seria o primogênito, um filho chamado Jesus.

Portanto, José viveu a espera do primogênito, trabalhando materialmente para ele, porém sabendo espiritualmente que ele seria o Salvador do seu povo (Lc 2,30).

A presença e a apresentação de Jesus no Templo de Jerusalém coloca em evidência um ato de valor histórico que José e Maria realizaram, devido ao conhecimento da missão que tinham do seu filho. Seus pais sabem que Jesus é santo por excelência, que é um consagrado a Deus de modo absoluto, por isso, estão conscientes de que apresentá-lo no Templo é o reconhecimento dessa consagração especial. Além do mais, a apresentação já no Antigo Testamento era usada particularmente com os levitas e os sacerdotes (Dt 17, 12; 18,5). Por isso, esse gesto teve um significado eminentemente sacerdotal: tende a mostrar que Jesus, desde aquele momento é o sumo Sacerdote da Nova Aliança (Hb 9, 11-14). Os teólogos também interpretam o termo apresentação com um significado sacrificial : Jesus é apresentado no Templo como sacerdote que oferece e como sacrifício que é oferecido. "No primogênito estava representado o povo da aliança, resgatado da escravidão para passar a pertencer a Deus".

Também a propósito disto, Jesus, que é o verdadeiro "preço" do resgate, não somente "cumpre" o rito do Antigo Testamento, mas ao mesmo tempo supera-o, pois não é um simples homem sujeito a ser resgatado, mas o próprio autor do resgate."(33)

José era o sacerdote presente naquele grande ato: o santuário, o altar, os cantos, as paredes e todo o cortejo inspiravam majestade e religiosidade; José, generoso e pronto na sua obediência, levantou os braços, apertou a tenra hóstia do sacrifício e exclamou: Pai eterno, eis o menino que me destes em lugar de filho. Amo-o mais do que a mim mesmo. Adoro-o profundamente e com enorme reverência o reconheço como meu Deus. Nele vivo, nele existo, mas quereis que este dom querido e adorável seja sacrificado para o bem de todos os homens. Eu me prostro, ainda que com grande dor..."

As prescrições relativas ao menino junto ao Templo, na cidade santa de Jerusalém, estavam cumpridas. Mas ainda restava a obediência à lei referente à mãe. Conforme a lei de Moisés, toda mãe era obrigada, após o parto a apresentar-se no Templo para purificar-se. Com efeito, a mulher, após dar a luz, era considerada impura. Se o filho fosse menino, a sua impureza durava quarenta dias e, se fosse menina, estendia-se por oitenta dias (Lev 12, 2-4). Durante esse período, a mulher-mãe não podia sair de casa e nem mesmo tocar nas coisas sagradas. Depois que esse prazo terminava, ela devia comparecer ao Templo santo, para participar da cerimônia de purificação a ser declarada legalmente pura. Esse rito simples era acompanhado pela oferta de um cordeiro de um ano para o sacrifício ou, quando a família era pobre, de um pombinho, para manifestar assim a expiação de seus pecados.

No ato desta cerimônia encontrava-se um homem piedoso chamado Simeão, que, cheio de alegria, pegou o menino nos braços e agradeceu ao Senhor indicando Jesus como a "salvação preparada por Deus a favor de todos os povos" e "Luz para iluminar as nações e glória de Israel, seu povo" (Lc 2,29-35). Lucas destaca sobretudo que tanto José como Maria estavam admirados com as coisas que se diziam dele.

FUGA PARA O EGITO

Depois de satisfeitas todas essas prescrições legais, conforme o costume da época, era hora de voltar para casa, para o trabalho do dia-a-dia. Mas o evangelista Mateus descreve que, antes do retorno à Galiléia, haverá um outro fato muito importante, em que a Providência divina recorrerá novamente a José. Através da comunicação em sonho de um Anjo, é-lhe indicado o Egito como meta temporária de fuga, ou seja, até que Herodes morresse. Neste detalhe da fuga e permanência da Sagrada Família no Egito, devido à pena de Mateus, lemos: "Levanta-te, toma o menino e sua mãe e foge para o Egito e fica lá até eu te avisar, porque Herodes está procurando o menino para o matar" (Mt 2,13). A ordem de Deus para se exilar com a família foi cumprida imediatamente e com perfeição. "De noite, tomou o menino e sua mãe e retirou-se para o Egito, onde ficou até a morte de Herodes, para se cumprir o que o Senhor havia anunciado por meio do profeta: "Do Egito

chamei o meu filho" (2,14- 15). Ainda de noite ele empreende a viagem rumo ao desconhecido, seguindo o mesmo destino de Abraão, que se refugiou neste país, e de José do Egito, que procurou salvar-se ali das mãos de seus irmãos. Havia muito chão a percorrer, eram necessárias muita coragem e confiança em Deus, mas a ordem divina era que se exilassem nessa terra estrangeira, pois ali estariam em segurança, e seria dali, daquele país famoso por suas tradições, suas cidades cheias de monumentos solenes e seus centros culturais e comerciais, que o Senhor seria chamado, como o profeta havia anunciado: "Do Egito chamei o meu filho" (Os 11,1). É por esse motivo que Mateus vê na fuga ao Egito e depois na volta da Sagrada Família o cumprimento da verdadeira libertação prefigurada pelo antigo Egito e individualizada na expressão de Oséias citada acima.

Na fuga para o Egito, o evangelista se compraz em mostrar o nosso Patriarca exercendo suas funções e direitos de chefe da família que lhe foi confiada. É para ele que o Anjo aparece, é com ele que o Anjo fala, é a ele que o lugar aonde devem ir é comunicado. Será a ele que, depois, o Anjo transmitirá a data de retorno à terra de origem.

O evangelista nos relata esta fuga para o país estrangeiro com poucas palavras; não entra em detalhes, não indica o tempo nem a forma da viagem, nem tampouco descreve circunstâncias do trajeto. Limita-se a contar-nos o essencial, e o essencial é que Herodes procurava matar o menino Jesus. A atitude de Herodes não era estranha, pois já havia mandado matar outras pessoas consideradas rivais. Esse tirano não era benquisto pelo povo, e quando morreu, aos 69 anos, os judeus comentavam aos cochichos que ele tinha se "apoderado do trono como uma raposa, reinado como um tigre e morrido como um cachorro". Mandar matar todas as crianças do sexo masculino, com menos de dois anos de idade, residentes na pequena aldeia de Belém e adjacências, tinha sido um de seus últimos atos infames, bem condizente com o seu mau caráter.

Para buscar a liberdade em outras terras, a Sagrada Família teve que empreender uma viagem penosa e arriscada, pois o Egito não ficava perto. Para atingi-lo era preciso fazer uma caminhada de cerca de 400 quilômetros. É descartada a possibilidade de que tenham feito essa travessia pelo deserto sozinhos. Certamente serviram-se de pessoas que conheciam esse trajeto para chegar ao objetivo, pois, além do cansaço da caminhada, havia escassez de água, falta de segurança etc. Mesmo os soldados romanos, equipados e treinados para longas caminhadas, preferiam combater a atravessar aquele deserto, conforme relatou Plutarco.

Os acontecimentos durante a viagem pelo deserto não nos foram relatados, portanto não existe nada que possa satisfazer a nossa curiosidade. Só existem piedosas e graciosas lendas, descritas com imagens poéticas pelos apócrifos (34). Algumas dessas lendas relatam que animais ferozes os acompanhavam no deserto, que bois e outros animais lhes traziam o que era necessário, ou que árvores se inclinavam enquanto o Menino Jesus passava, ou ainda, que árvores secas, sem folhas, tornavam-se frondosas para abrigá-los em suas sombras (35). Claro que a Providência Divina não deixou de socorrê-los nessa caminhada. Assim, árvores e palmeiras que se inclinavam para lhes fornecer frutos ou que faziam jorrar água fresca para matar a sede não passam de fantasia dos apócrifos.

Entretanto, a lenda que teve maior repercussão na iconografia e na literatura encontra-se no Pseudo Mateus, nos capítulos 22 e 24. Ele narra que, "enquanto estavam

conversando, viram á sua frente os montes do Egito e suas cidades. Com alegria chegaram aos limites de Ermópolis, e entraram em uma cidade do Egito chamada Sotine.

Como não houvesse ali nenhum conhecido em cuja casa pudessem hospedar-se, entraram no templo denominado Capitólio do Egito.

Nesse templo haviam sido colocados 365 ídolos, aos quais cada dia se atribuíam sacrilegamente honras de divindades. Ora, aconteceu que, ao entrar a beatíssima Maria com a criança no templo, todos os ídolos caíram por terra, ficando completamente estragados e quebrados; assim demonstraram evidentemente que não eram nada". Prossequindo a narrativa, diz que "então Afrodísio, governador da cidade, ao saber do ocorrido, dirigiu-se ao templo com todo o seu exército. Os pontífices do templo, ao ver Afrodísio correr ao templo com todo o exército, pensavam que se vingaria daqueles que haviam feito os deuses caírem por terra. Mas ele, ao entrar no templo, vendo todos os ídolos prostrados no chão, aproximou-se de Maria e adorou o menino que ela tinha nos braços. Depois de adorá-lo, disse a todo o seu exército e aos amigos: "Se este não fosse o Deus do nossos deuses, os nossos deuses não teriam caído por terra diante dele, nem permaneceriam prostrados na sua presença, de maneira que, tacitamente, proclamou que é o Senhor deles.

Portanto, se não fizemos todos, com maior cautela, o que fazemos aos nossos deuses, poderemos incorrer no perigo de sua indignação e irmos todos ao encontro da morte: como aconteceu ao Faraó rei do Egito, o qual, não dando atenção aos múltiplos prodígios, foi submerso ao mar com todo o seu exército.

Então todo o povo daquela cidade acreditou, por meio de Jesus Cristo, no Senhor Deus.

É interessante notar que esta descrição, imaginária ficou imortalizada no mosaico da abside da basílica Santa Maria Maior de Roma, onde está representada a cena de Afrodísio. Essa mesma realidade religiosa também é lembrada na prática de piedade das "Sete dores e alegrias de São José", que lembra a alegria de São José "ao ver cair por terra os ídolos dos egípcios".

Quanto ao lugar onde a Sagrada Família viveu no Egito, não é possível precisá-lo. Mateus é tão genérico neste ponto que podemos concluir que bastou José chegar à fronteira do Egito, ao sul de Caza, em direção a Wadi Aris, para estar seguro, fora do domínio de Herodes. Contudo, são diversas as localidades que disputam a honra de ter hospedado a família imigrante de Nazaré. Entre elas destacamos Heliópolis, lugarejo distante 10 quilômetros de Cairo. Também no vilarejo de nome Matarieh, próximo do Cairo, num lugar denominado "Jardim de Bálsamo"; são venerados um antigo sicômoro, conhecido com "árvore da Virgem", e uma fonte, cuja tradição busca uma interpretação no "Evangelho árabe da Infância", explicitando que a Sagrada Família se dirigiria ao sicômoro hoje chamado Matarieh e Jesus fez com que ali brotasse uma fonte, na qual a Senhora Maria lavava as suas fraldas. Do suor de Jesus, que se espalhou, proveio o bálsamo da região (c 24). Hoje nesta localidade está erigida uma igreja dedicada à Sagrada Família. Ainda em Cairo, entre as várias igrejas edificadas, uma das mais importantes é Abu Sargha, construída segundo a tradição no lugar onde morava a Sagrada Família. Outras localidades se contentam em ter a honra ao menos da estada da Sagrada Família. Entre elas citam-se Bubaste, Bilheis, Pelusio e Koskam. Os elementos convencionais nos quais essas

tradições se apoiam são quase sempre uma árvore, uma fonte ou uma igreja com uma referência clara a lendas apócrifas.

Pouco nos importa saber o lugar onde residiram o certo é que foi neste país, poderoso por causa de seus exércitos ágeis que a Providência os colocou por algum tempo, alojados provavelmente em um dos bairros hebreus, situados numa cidade próxima à fronteira oriental. Numa dessas localidades os "hebreus podiam encontrar auxílio e conforto junto aos compatriotas que viviam naquele país, famoso por suas tradições antigas, por suas cidades de monumentos solenes e por seus centros culturais e comerciais onde pulsava a vida do grande mundo. No ambiente onde a Sagrada Família passou a viver, assim como em todo o Oriente, iniciara-se o culto ao imperador e o número de ídolos era bastante elevado: adorava-se o carneiro, o abutre, o crocodilo, o falcão... Além do mais, existiam um vasto domínio de magia e de superstições, especialmente no interior" (36).

Com a solidariedade de seus compatriotas, José encontrou um lugar para instalar-se com a sua família e deu início à nova vida em terra estrangeira, sem despertar nenhuma atenção para os israelitas que ali viviam. Juntos, os israelitas em país estrangeiro formavam uma associação mais bem estruturada e funcional do que na sua própria pátria, pois, pressionados pelas circunstâncias, precisavam ajudar-se mutuamente para subsistir.

O tempo foi passando e o exílio determinado pela Providência chegava ao fim. Segundo uma das versões mais prováveis, dois anos após a matança dos inocentes, Herodes morreu depois de uma doença dolorosa e repulsiva. Livre do tirano, o Anjo apareceu novamente em sonho a José no Egito e lhe disse: "Levanta-te, toma o menino e a mãe e retorna à terra de Israel... José levantou, tomou o menino e a mãe e foi para a terra de Israel. Mas, tendo ouvido que Arquelau reinava na Judéia em lugar de seu pai Herodes, teve receio de ir para lá. Avisado em sonho, retirou-se para as bandas da Galiléia, indo morar numa cidade chamada Nazaré" (Mt 2,20-23). Solicito como sempre, José preparou tudo, pegou o menino e sua mãe e se pôs a caminho em direção da sua terra de origem. Voltar para a sua terra era, sem dúvida, motivo de grande alegria, porém o clima por lá estava tenso e semeado de discórdia e violência. A política não andava bem as revoltas e a guerra civil havia causado muitas mortes. Arquelau, que assumira o governo da Judéia em lugar de seu pai Herodes da mesma forma um tirano, com sede de poder, e sua fama de atrocidades havia chegado também ao Egito. O povo acabava de sair das mãos de um sanguinário e começava a sentir na carne a dureza de um novo despotismo. José ao tomar conhecimento de todas essas péssimas notícias, sentiu medo e, como pai, temeu pela vida do menino. Como bom israelita, gostaria de no retorno, passar por Jerusalém, visitar o Templo onde ficou distante de seus olhos durante o período de exílio e dar graças ao Senhor antes de iniciar a sua nova vida em Nazaré, mas novamente Deus fixou os rumos da sua vida, comunicando-lhe que se dirigisse diretamente a Nazaré, evitando assim qualquer risco de vida para o menino. Os primeiros anos da vida de Jesus haviam sido cheios de inquietude. Agora, na pacata Nazaré, rodeado por seu ambiente familiar, José podia viver mais sossegado.

É importante destacar um fato particularmente significativo nesta moldura do exílio. Tanto a ordem de refugiar-se no Egito como de retornar à pátria não foi transmitida a Maria. E sim a José, o que evidencia o reconhecimento da sua autoridade ou jurisdição paterna sobre Jesus. Neste acontecimento particular, José exerceu plenamente a sua

paternidade, a sua missão de chefe da Sagrada Família e esposo de Maria. Nesse fato vemos a sua participação e colaboração clara e precisa no mistério da redenção. A ele foi confiado o início da nossa redenção, conforme rezamos na oração da coleta da missa do dia 19 de março. José foi ao mesmo tempo guarda legítimo e natural, chefe e defensor da família divina, ministério que exerceu durante toda a sua vida.

Terminada todas as vicissitudes e contratempos, de regresso do exílio José estabeleceu-se com a sua família na pequena Nazaré e retomou as suas atividades de artesão. Afinal, era esta a sua profissão. De volta ao seu ambiente, tudo se tornara mais fácil. Portanto, dificilmente teria encontrado dificuldade em retomar os seus trabalhos na aldeia e nas vizinhanças, pois embora não fosse um homem de cátedra, era muito prático e capaz de, nas ocorrências da vida, tomar decisões não só no que se referia a si mesmo, como também aos outros. A sua profissão fazia dele um homem bastante conhecido entre os nazarenos, e o período que passou longe da sua terra, sem manter contato com os parentes e conterrâneos, não foi suficiente para apagar da memória do povo a imagem daquele homem completo, com sua personalidade rica e responsável em seus deveres.

Sua pequena oficina, que permaneceu por um bom tempo fechada, empoeirada e despercebida, começava novamente a ser o ponto de encontro das pessoas, o ponto de referência para muitos da cidade e da região circunvizinha. Muito mais que isso, era o palco sublime da presença de Jesus criança e iniciante na arte, da carpintaria. De novo o barulho da serra e do martelo passava a chamar a atenção dos transeuntes e a dar tom de vida mais movimentada à pacata cidadezinha.

Como antes, as mãos habilidosas do carpinteiro de Nazaré eram requisitadas não só para fabricar uma mesa ou um par de cadeiras, mas também para abrir uma valeta no quintal de um vizinho, consertar uma porta ou uma janela numa das poucas centenas de casas pobres do lugarejo, ou ainda traçar com maestria e habilidade os fundamentos de uma nova construção.

Desta maneira, o dia-a-dia de José começava a tomar novamente o seu ritmo, junto com a sua castíssima esposa e o seu filho, que "crescia robusto, cheio de sabedoria, pois a graça de Deus estava com ele" (Lc 2,40).

Como qualquer criança de seu tempo, Jesus queria crescer, e por isso observava com atenção o comportamento do pai e da mãe e se espelhava nos seus exemplos para tornar-se como eles. Será um aluno atento na carpintaria como esmero e manejo da serra e as pancadas certas do martelo. Sentir-se-á feliz aos sábados, ao deixar a labuta da oficina ou os bancos da escola para acompanhar o pai à sinagoga, ficará admirado ao seguir com atenção seus gestos e suas inclinações na casa de oração, sentirá orgulho dele ao vê-lo encaminhar-se para frente na sinagoga, pegar o pergaminho da palavra de Deus nas mãos e proclamar em voz alta e altissonante a todos os presentes a palavra do Senhor.

Será no convívio com os pais que aprenderá o que é necessário para a vida, mas será também na sinagoga, lugar rico em ensinamentos, que irá entender muitas coisas. Atraído por sua curiosidade de criança, saberá que a pequena lâmpada, sempre acesa diante do armário que guarda sigilosamente os pergaminhos da Sagrada Escritura, simboliza a luz da lei divina ali presente que ilumina todos os homens. Será na freqüência à sinagoga que compreenderá que as estrelas de seis pontas significam o emblema do seu antepassado

Davi, o grande rei que escreveu salmos belíssimos, muitos dos quais já sabia de cor, pois tinha aprendido em casa nos joelhos de Maria, sua mãe, ou na companhia do pai na capintaria.

Será na sua família, pequena escola de Nazaré, que Jesus aprenderá a rezar e santificar o dia elevando o pensamento a Deus com as orações costumeiras do israelita. José e Maria, cientes da educação devida ao filho, não se limitarão a transmitir ensinamentos a Jesus apenas em casa, mas seguramente o encaminharão todos os dias a uma escola sinagoga, onde terá como livro os textos sagrados e como professor um rabi. Na escola aprenderá a recitar em voz alta o Shemá, a fórmula fundamental da fé do seu povo, assim como aprenderá longos trechos do Pentateuco. Em casa, aos poucos, entenderá os episódios, da história do seu povo, e como toda criança começará a amar os seus heróis estudados nos textos sagrados, como os Profetas, o poderoso José do Egito, Moisés o grande libertador e líder que conduziu o povo da escravidão do Egito pelo deserto por quarenta anos até a terra prometida, e Davi, que na sua simplicidade abateu o gigante Golias...

Com José Jesus irá aos poucos aprendendo o significado das grandes festas religiosas do seu povo que eram celebradas durante o ano (37). Quando já havia completado 12 anos, teve a oportunidade de participar pela primeira vez dos festejos da Páscoa na cidade santa de Jerusalém. Levar o filho pela primeira vez para participar oficialmente do culto ao verdadeiro Deus era motivo de muita alegria para todos os pais. As cerimônias desses dias tinham um significado muito profundo. José, a exemplo de outras famílias de sua cidadezinha, preparou tudo para fazer a peregrinação a Jerusalém, comida para a viagem, tenda para pernoitar, afinal eram quatro dias de viagem pelos montes de Judá, percorrendo em média 35 quilômetros por dia, além do burrinho para transportar tudo.

Chegados a Jerusalém, estes simples aldeões de Nazaré puderam admirar o palácio de Herodes com suas torres e muros, o formalismo dos fariseus e sobretudo espantar-se com o extraordinário número de peregrinos, fazendo com que a população, que normalmente era 78 mil, passasse para 150 mil ou mais pessoas. Tudo ali se confundia: costumes, língua e gente diferente misturada com pobres, doentes, coxos e cegos que aproveitavam os festejos para mendigar. No dia do início dos festejos José estava lá acompanhando Jesus, na parte do pátio do Templo reservada aos homens.

Terminados os festejos, que se prolongavam mais dias, era tempo de voltar para casa. Os peregrinos de Nazaré se reúnem para em caravana empreender a viagem de retorno, subdivididos em grupos de homens e mulheres. Jesus, porém, ficou na cidade, entre os pórticos do Templo, sem que seus pais percebessem, e ouvia os ensinamentos dos rabinos. Sua ausência na caravana foi notada quase depois de um dia de viagem, quando devem ter parado para descansar junto à fonte de Berot. Imediatamente os seus pais voltam a Jerusalém e o procuram por todos os lados, até que o encontram entre os doutores. Sua mãe, apreensiva, perguntou-lhe: "Filho, por que você procedeu assim com a gente? Seu pai e eu estávamos bastante aflitos procurando você." (Lc 2,48). Nestas palavras de Maria fica evidenciada a paternidade real de José; não só os que ignoravam a divindade e a concepção admirável de Cristo chamam José de pai de Jesus, afirma Suárez, mas o próprio evangelista e também a Virgem Maria. (38)

Comumente a iconografia apresentou este fato ocorrido aos doze anos da vida de Jesus como "A perda de Jesus de Jerusalém",

porém seguramente não foi uma perda de Jesus entre a multidão que se apinhava em Jerusalém naqueles dias, mas sim uma decisão livre e espontânea do próprio Jesus... Ele mesmo quis permanecer lá, e não foi por um descuido de seus pais. Devemos notar que, aos doze anos, os adolescentes israelitas começavam a gozar uma certa autonomia e já eram considerados socialmente. Assim, não foi difícil para Jesus conseguir o seu intento, mesmo porque os adolescentes podiam acompanhar tanto o pai como a mãe em caravanas separadas, as quais se encontravam somente em alguns pontos preestabelecidos. Portanto, nem José nem Maria podiam imaginar que Jesus tivesse ficado em Jerusalém.

Depois de encontrá-lo, Jesus desceu com eles para Nazaré e, no seio da Sagrada Família, uma das tantas famílias desta pequena cidade da Galiléia, crescia e "robustecia-se de sabedoria, e a graça de Deus estava com ele" (Lc 2,40). Estas poucas palavras resumem o longo período da vida "oculta" que Jesus viveu à espera do cumprimento da sua missão messiânica. Durante todo esse período, Jesus viveu no âmbito da sua família, sob os cuidados de São José, que tinha conforme os deveres de um pai na época, a responsabilidade de alimentá-lo, vesti-lo e instruí-lo na lei e ensinar-lhe um ofício. Nesse contexto, Jesus crescia "em sabedoria, em estatura e em graça" (Lc 2,52), tudo na docilidade total aos seus pais "era-lhes submisso" (Lc 2,51). Correspondia portanto, com todo respeito às atenções de seus pais e, dessa forma, "quis santificar os deveres da família e do trabalho, que ele próprio executava ao lado de José". (39).

Os evangelistas silenciam completamente sobre os anos da "vida oculta" de Jesus em Nazaré. Sabemos apenas que levou uma vida comum, não apresentando nada de especial entre os habitantes da sua cidade. Na oficina de José, acompanhou os acontecimentos por vezes tumultuados da história do seu povo, cujo governador, Arquelau, destacava-se pela crueldade, mostrando ter um braço forte para governar. Seu comportamento tirano gerava rebeldia, movimentos de revolta comandados por líderes espontâneos que se estendiam por toda a Judéia. Aspirava como qualquer cidadão do seu tempo a uma verdadeira e completa libertação, que depois iria pregar com toda veemência pelas terras da Palestina.

A instabilidade política reinante no país e o descontentamento do povo com o domínio dos romanos marcaram profundamente as etapas da vida de Jesus adolescente e jovem. Contudo, todos esses anos foram acompanhados pelos constantes e sábios conselhos de José educador. Ali, na casa de Nazaré, José transmitia ao filho a sua experiência profissional e humana.

Os anos passavam e José, fiel vocacionado, sentia que o tempo da sua partida deste mundo se aproximava. Restava-lhe, porém, transmitir a Jesus uma última experiência, justamente a da sua morte. A sua missão estava terminada, tudo o que o pai lhe determinou estava realizado. Era hora de deixar estas duas companhias tão ternas que lhe tinham marcado a vida, privar-se da presença de Jesus e de Maria por algum tempo e ir juntar-se às almas dos justos aguardando o suspirado dia da redenção de todos os homens.

Não podemos dar uma resposta precisa quanto ao número de anos que São José viveu. Podemos apenas, baseando-nos em Lucas 2, 41-52, afirmar concretamente que ele

viveu até os doze anos de Jesus. Mas, quando morreu exatamente é uma pergunta que aguça a nossa curiosidade e não encontramos nenhuma referência a ela nos Evangelhos. Por isso, devemos recorrer às opiniões concernentes à Sagrada Escritura e também à razão. As opiniões divergem muito, porém a opinião mais unânime entre os teólogos josefinos é que ele morreu no início da vida pública de Jesus. Essa opinião é compartilhada por teólogos como Gerson, Suárez, São Boaventura, São Bernardino de Sena, São Jerônimo e outros. Para os defensores dessa opinião, São José morreu depois do batismo de Jesus no Jordão e antes das bodas de Caná. Portanto, logo nos primeiros dias da vida pública de Jesus. Os motivos da conveniência de sua morte quando Jesus tinha cerca de trinta anos, (Lc 3,23) podem ser deduzidos do fato de que nas bodas de Caná José estava ausente, não porém Maria (Jo 2, 1-11). Durante a pregação de Jesus, quem se dirige a ele é sua mãe Maria e seus primos (Mt 12,46ss). Junto aos pés da cruz, Jesus confiou sua mãe ao discípulo João (Jo 19,27). Se José estivesse vivo, essa recomendação de Jesus não teria sentido. Esta opinião, portanto, parece-nos a mais sensata, mesmo porque, na opinião de alguns teólogos, José, não tendo participado do ministério de Jesus, fez com que ele pudesse revelar claramente que a sua filiação era divina, indicando com isso que São José teria cumprido a sua missão diante de Deus com perfeição.

Mas, como acenamos, existem outras opiniões a este respeito. Uma delas, também muito conhecida, é de Santo Epifânio, para quem São José deve ter morrido depois que Jesus completou doze anos. O fundamento da sua afirmação é que, depois dessa data, os evangelistas não se referem mais a José. Essa opinião não possui fundamento, pois São José tinha a missão de custodiar Jesus. Se tivesse morrido neste momento particular da vida de Jesus, como poderia ter realizado todo o desígnio de Deus a seu respeito?

Outros, como São João Crisóstomo, afirmam que São José esteve presente inclusive aos pés da cruz de Jesus. Essa opinião não é compartilhada pela maioria dos teólogos, pois Jesus na cruz confiou a sua mãe ao discípulo João. Se José ainda vivesse, como haveria Jesus de confiar sua mãe aos cuidados de um discípulo? Como poderia Jesus romper o vínculo do matrimônio existente?

Há os que postulam a morte de São José durante a vida pública de Jesus, e como prova usam as palavras do evangelista Mateus: "Não é este o filho do carpinteiro?" (Mt 13,55). Que José tenha vivido durante a vida pública de Jesus também não encontra ressonância nos Evangelhos. A prova disso é que não estava nas bodas de Cana. O fato de chamarem Jesus de "filho do carpinteiro" durante a sua vida pública prova apenas o costume dos judeus de chamarem os filhos citando o nome ou a profissão dos pais, quer estes fossem vivos ou mortos.

Portanto, a opinião de que José morreu após o batismo de Jesus no Jordão, é a mais plausível e sensata, pois José já teria cumprido a sua missão.

Resta-nos ainda responder a uma pergunta que aguça a nossa curiosidade: Como foi a morte de São José? Não temos elementos convincentes para nos esclarecer a respeito deste momento particular do nosso santo. Temos porém a afirmação do grande estudioso Josefino Isidoro de Isolani. Ele diz que nas igrejas do Oriente, no dia 19 de março, desde os primeiros séculos, costumava-se ler solenemente ao povo uma narração piedosa da morte de São José. Esse relato seguia deste modo: "chegou para São José o momento de

deixar esta vida. O Anjo do Senhor lhe apareceu e anunciou que chegara a hora de abandonar o mundo e ir repousar com seus pais. Sabendo que estava próximo o seu último dia, quis visitar pela última vez o Templo de Jerusalém, e ali pediu ao Senhor que o ajudasse na hora derradeira. Voltou a Nazaré e, sentido-se mal, recolheu-se ao leito. Em pouco tempo o seu estado agravou-se. Entre Jesus e Maria, que o assistiam carinhosamente, expirou suavemente, abrasado no amor divino. Morte bem-aventurada! Como não deve ter sido doce e abrasada de amor divino a morte daquele que expirou nos braços de um Deus e da mãe de Deus? Jesus e Maria choraram ao fechar os olhos de José. E como não havia de chorar aquele mesmo Jesus que choraria sobre a sepultura de Lázaro? Vede como ele o amava! disseram os judeus. José não era só um amigo, mas um pai querido e santíssimo para Jesus."

Aceitando que José tenha morrido antes, é presumível que ele tenha sido assistido por Jesus e Maria na sua hora suprema; uma morte das mais afortunadas que se possa desejar. Por isso ele é considerado patrono da boa morte. O último ato da sua vida foi cumprido no obscuro e pobre casebre de Nazaré, mas foi de tamanha relevância que só este homem de missão única na terra dele pode ser protagonista.

A experiência da morte sempre traz solidariedade. Por isso os seus familiares se reuniram para ajudar naquele momento especial. Naquele dia, como era normal nas pequenas cidades e aldeias, Nazaré parou para dar o último adeus ao grande amigo. Afinal nos longos anos de convivência com o seu povo, José havia deixado a sua marca de homem justo, trabalhador, prático e amigo de todos. Por causa da sua profissão, ajudou muitos nazarenos a levantar as quatro paredes de barro batido para construir suas casas. Consertou-se uma infinidade de arados. Fabricou mesas, bancos e uma variedade de utensílios para os lares de quase todos os moradores do lugar e dos arredores.

A DÚVIDA DE JOSÉ

O evangelista Mateus inseriu no centro da mensagem do Anjo a José estas palavras: "Sendo homem justo e não querendo denunciá-la, José seu marido, resolveu abandoná-la sem escândalo"(Mt 1,19).

Alguns, baseando-se nesta períclope, inclinaram-se a acreditar que Maria conservou silêncio absoluto sobre a visita do Anjo, que lhe comunicou a sua maternidade, e assim, partiu para a Judéia, para a casa de sua prima Isabel, sem contar nada a José, mesmo porque não estavam necessariamente coabitando debaixo do mesmo teto, já que, segundo a lei mosaica, os esponsórios celebrados perante duas testemunhas, davam a conotação de casados, porém o matrimônio civil ainda estava incompleto, pois geralmente devia ocorrer depois de um ano com a festa nupcial, na qual a noiva era introduzida na casa do esposo.

Já descartamos a possibilidade de que José não tenha acompanhado Maria na caminhada e estada em Ain-Karin também é ilógico que Maria não tenha comunicado nada a José sobre a sua maternidade. Além do mais, essa postura não estaria de acordo com a psicologia. Não é possível que ela não tenha dito nada a José sobre a visita do Anjo, cujas conseqüências sem dúvidas calaram fundo na sua existência a partir daquele momento.

Como fazem todas as esposas, desde o momento em que percebem os sinais da sua primeira maternidade, ela teria ficado muito feliz e tido o prazer de compartilhar o fato com seus íntimos. Não é possível pensar que Maria tenha se privado dessa alegria de comunicá-la a José. Necessariamente Maria deve ter contado tudo a José, mesmo porque teria que dar-lhe uma explicação sobre a sua ida imediata à Judéia e a sua longa permanência na casa de Isabel.

Ainda perdura a opinião de que Maria recebeu a comunicação do Anjo antes de se verificar a celebração do seu matrimônio, ou seja, quando estava apenas compromissada com José em casamento, e depois partiu sem a companhia de José para visitar Isabel e, três meses mais tarde ao regressar para casa José percebeu os sinais da maternidade na sua esposa. Nesta ótica, a coisa mais clara é verificar que São José foi assaltado por uma série de dúvidas, uma angústia que assolou o seu ânimo, e, diante disso, muitos autores piedosos e bem intencionados se esmeraram em atormentá-lo com suas dúvidas.

Na opinião de um desses autores, José não conhecia o significado daquele acontecimento na vida de Maria, portanto ficou calado. Não ousou romper o silêncio divino que cercava a sua esposa e assim, no silêncio, procurou a vontade de Deus. Não conhecia o caminho seguro que Deus lhe traçou e ninguém neste momento podia aconselhá-lo. Portanto, o amor à sua esposa e a obscuridade daquele mistério que o tocou profundamente envolveu-o num silêncio total e, em contraste, a sua justiça para com Deus e para com todos o impeliu deixar tudo nas mãos de Deus, confiando-lhe inclusive a sua esposa. E, na disponibilidade de deixar tudo, Deus lhe revelou o seu grande desígnio, e, assim como Maria tinha aderido à vontade do Pai em atitude de humildade e obediência incondicional, também ele o fez. Depois de compreender o desígnio de Deus a seu respeito, não titubeou, lançou-se completamente no mistério que Deus lhe propusera, sem cálculos humanos. Superou na obediência da fé e do amor os limites angustiosos e as incertezas do seu próprio horizonte. O contato com o mistério expulsou dele o temor e a escuridão e, mesmo de sua própria nulidade, tinha presente em sua mente a afirmação do Anjo: "Não temas..." (Mt 1,20). Daí tomou corpo toda a atividade de José, porque "aqui lhe foi dado o conjunto de sentimentos, de atitudes, a nova marca de ternura e de força, de atenção e de esperança, a novíssima capacidade de amar..." (40)

Portanto, Maria comunicou a José a sua maternidade. Afinal o seu esposo era a pessoa de maior confiança para ela e, por direito, o primeiro que devia tomar conhecimento dela. Ao saber da grande missão que Deus confiara à sua esposa, passou a questionar qual seria o seu papel nesse grande mistério. José entra em contato com o inexplicável; a sua esposa estava grávida por obra do Espírito Santo e, assim, como podia ele comportar-se nesta situação? A saída que ele encontrou, segundo os relatos evangélicos, foi abandoná-la, porque era um homem justo. Na verdade, teólogos e exegetas procuraram explicações para esta sua atitude. Eis algumas:

- A teoria mais antiga insinua que José suspeitou que havia algo errado, uma desonra para Maria e por isso, por ser bom, não viu outra alternativa a não ser abandoná-la secretamente. Foram partidários dessa teoria Santo Ambrósio (41). São João Crisóstomo, (42) São Pedro Crisólogo, (43) São Justino, (44) e Santo Agostinho (45).

Essa teoria encontrou muita oposição, porque não condiz com a pessoa de Maria, colocando-a na desonra. São Jerônimo, sobretudo combateu-a energicamente. Sustentar essa posição é contradizer o conceito de justiça expresso por Mateus, pois se Maria tivesse sido adúltera, a atitude de José de perdoo-la seria de bondade, e bondade não é justiça. (45)

- Uma segunda teoria era defendida sobretudo por São Jerônimo, ele afirma que São José, "conhecendo a castidade de Maria e surpreendido pelo acontecido, envolveu no silêncio o mistério que não compreendia". Nesse caso, a sua atitude daria uma solução para o problema que não sabia como resolver. Maria seria abandonada depois que ele tomasse todas as precauções para não prejudicá-la.

Esta solução de São Jerônimo é interessante, porém não satisfaz à altura, porque São José, embora justo, não supera suas incertezas. É oportuno dizer que muitos escritores posteriores e modernos simpatizaram com essa solução.

- Uma terceira teoria se fundamenta na humildade de São José. Ele sentiu-se indigno de compartilhar a vida ao lado de Maria, depois de saber que ela tinha concebido por obra do Espírito Santo.

Esta posição foi defendida por Santo Tomás, São Bernardo, São Basílio, Orígenes e Gerson. Portanto, a dúvida de José não diz respeito à fidelidade de Maria, mas à conveniência da sua presença ao lado dela. Quando ele conheceu a vontade de Deus sobre a sua esposa, resolveu retirar-se, temendo ser um obstáculo para a ação de Deus sobre ela. Atualmente esta interpretação é seguida pela maioria dos escritores Josefinos. Não se achando digno de conviver ao lado da sua esposa diante deste grande mistério, José teve uma reação igual a de todos os justos da Bíblia diante de Deus, quando ele se apresenta em suas vidas; " como Moisés que tira as sandálias, como Isaías espantado com a visão de Deus três vezes santo, como Isabel que se pergunta como a Mãe do Salvador pode vir até ela, como o Centurião do Evangelho, enfim como Pedro que protesta: Afasta-te de mim, Senhor, porque sou um pecador" (47) .

As três interpretações aqui apresentadas, diferentes e até contrapostas, delineiam São José como um homem de grande bondade, humilde e consciente da sua pequenez diante do grande mistério, um homem de grande domínio de si, em suma um homem santo. Mas nenhuma delas explicita a justiça de José (48). Como Mateus enfocou a causa da sua decisão. Cabe-nos, portanto, lembrar que o conceito de justiça na Sagrada Escritura quer exprimir a atitude de uma pessoa que, sendo "justa", torna-se livre e totalmente disposta a realizar os desígnios de Deus no seu projeto de salvação. Essa dimensão de justiça encaixa-se perfeitamente na pessoa de São José. Homens justos diante dos olhos de Deus foram Abraão (Gn 12,1; 15,6), Moisés (Ex 3, 1ss) , Noé (Gn 7,1ss), Isaac, Jacó...Nessa ótica, o evangelista Mateus coloca São José na galeria das personagens mais importantes da história da salvação. Deus introduziu o seu Filho no mundo, contando com a justiça de São José. A sua inserção no ministério da encarnação de Jesus lhe dá uma conotação de grandeza e dignidade.

A PATERNIDADE

Deus respeitando a liberdade de cada uma de suas criaturas, pediu a José que aceitasse ser o pai de Jesus, o Messias, da mesma forma como pediu a Maria que aceitasse conceber o seu filho. Ambos responderam positivamente ao apelo do Criador, Maria simplesmente disse: Eis aqui a serva do Senhor. Aconteça comigo segundo a tua palavra" (Lc 1,38). José, diante do anúncio do Anjo, não titubeou e tomou consigo Maria, sua esposa. Nesta decisão abraçava uma missão enorme, comparável apenas à da sua esposa. Portanto, José revestiu-se de uma dignidade sublime, aceitando, embora sem a contribuição física na geração de Jesus, a paternidade mediante a qual estabeleceu um relacionamento particular com o Verbo de Deus.

A paternidade de José tem o seu fundamento jurídico no matrimônio com Maria. Foi justamente para garantir a proteção paterna a Jesus que Deus escolheu José como esposo de Maria.

Portanto, o filho de Maria também é filho de José, em virtude do vínculo matrimonial que os une, São José é chamado pai de Jesus, do mesmo modo como é esposo de Maria, sem a união da carne, mas por força da união conjugal; ou seja, muito mais unido a ele do que se fosse adotado de fora.

A paternidade de José não pode ser confundida ou equiparada com uma adoção, porque Jesus não só foi gerado por uma mulher, Maria, circunstância esta que poderia ocorrer também no caso de uma relação adulterina, mas "somente de uma mulher", o que exclui absolutamente qualquer tipo de infidelidade. A paternidade de José em relação a Jesus deve-se ao seu matrimônio com Maria. Assim, José é pai de Jesus do mesmo modo como é esposo de Maria, sem a união sexual, mas por força da união conjugal. Se havia entre Maria e José um verdadeiro matrimônio, sem que a concupiscência tivesse parte, então por que o Filho que a virgindade de Maria gerou não seria recebido como filho do casto José? Ele é um marido casto, assim como ela é uma esposa casta. Por que não seria pai virgem quando Maria mereceu ser mãe sem deixar de ser virgem? Por isso Santo Agostinho afirma que "José é tanto mais pai quanto mais é o castamente". (Tanto firmus pater quanto castius pater) (49).

A paternidade de José não foi uma simples adoção, mas também não foi uma paternidade natural ou física. Se José fosse o pai natural de Jesus, o evangelista Mateus, ao descrever as várias genealogias, ou os antepassados do Messias (Mt 1,1-16)), não terminaria dizendo: "Jacó foi o pai de José, esposo de Maria, da qual nasceu Jesus, chamado Cristo" (Mt 1,16). Se fosse o pai natural de Jesus, Mateus terminaria dizendo que "José gerou Jesus..." Além do mais, Mateus logo em seguida esclarecerá novamente que o nascimento de Jesus não teve o concurso de José: "A origem de Jesus Cristo, porém, foi assim: Maria, sua mãe, estava prometida em casamento a José. Mas, antes de morarem juntos, ficou grávida do Espírito Santo" (Mt 1,18). Portanto, José não cooperou na concepção de Jesus. Se assim fosse, não poderíamos falar em concepção virginal.

Tanto Lucas (1, 35) quanto Mateus (1,20) explicam que foi a misteriosa força divina que realizou o grande mistério da encarnação de Jesus no seio de Maria. Portanto, José não teve nenhuma participação na concepção de Jesus, tanto é verdade que conhecemos a sua angústia profunda diante da gravidez de Maria.

A esta altura nos vem espontânea a pergunta: Se José não é o pai natural de Jesus, como podemos chamá-lo de verdadeiro pai?

Podemos afirmar que a paternidade de José é especial, privilegiada por um desígnio especial de Deus. Ela é uma exceção, por isso mais eficiente, fazendo dessa paternidade algo mais sublime que a paternidade natural. Se Deus estabeleceu que um homem se torna pai através da geração física, ou seja, a paternidade generativa possui uma ordem universal, não poderia muito bem, com pleno direito, estabelecer uma ordem especial para a paternidade de José? Este é o caso da paternidade de José. Deus interveio diretamente, fazendo com que a concepção virginal de Maria fosse sobrenatural, assim como foi sobrenatural a paternidade de José.

Os teólogos que gostam de chamar a comunicação do Anjo em nome de Deus a José de "o anúncio a José", explicitando-lhe a vocação e a missão, esclarecem que José foi o primeiro chamado a ser pai de Jesus e depois esposo de Maria. Assim, o matrimônio com Maria era a base da paternidade de José. É fundamentalmente devido ao matrimônio com Maria que José possui todos os direitos de paternidade, uma paternidade que passa pelo casamento com a mulher que foi escolhida para ser a mãe de Jesus. Para Santo Tomás, o matrimônio de José com Maria foi verdadeiro, e no seu ensinamento "a prole é um bem do matrimônio não porque gerada dentro do matrimônio, mas também porque é recebida e educada no matrimônio; assim, Jesus é um bem do matrimônio de Maria e de José, embora não no primeiro sentido... O matrimônio foi ordenando de maneira especial para receber e educar a prole no seu âmbito". (50)

São Francisco de Sales, procurou explicar a paternidade de São José com um exemplo sui generis: "Explico muitas vezes que, se uma pomba deixa cair uma semente de tâmara do seu bico num jardim dizemos que a palmeira que nascer dessa semente pertencerá ao proprietário desse jardim. Se é assim, quem poderá duvidar de que, quando o Espírito Santo deixou uma semente divina cair no "jardim fechado" da Santíssima Virgem, um jardim que pertence a José como uma mulher pertence ao seu marido, quem, eu pergunto, poderá negar que a palmeira divina que produz fruto de imortalidade, pertence ao bem-aventurado José?" (51) O teólogo Francisco Suárez (1548 -1617) tem a mesma opinião. Para ele, José, como verdadeiro esposo de Maria, é por direito pai de Jesus como Jesus pertence a Maria, necessariamente pertence também a José, pois esse fruto do matrimônio só pode ser propriedade de ambos.

Aceita a verdadeira paternidade de José, resta-nos ainda um esclarecimento. Para os judeus, a paternidade física não era tão determinante como é para nós. Podemos demonstrar isso partindo de dois casos da Bíblia. O primeiro atribui não à mãe que gerou mas à patroa, o Filho da escrava, se fosse a própria patroa que permitisse que a sua escrava tivesse relações sexuais para suscitar dela a descendência. Para ilustrar esta situação particular basta lembrar o patriarca Jacó: todos os filhos que ele teve com as escravas de suas duas mulheres Lia e Raquel foram considerados filhos de suas legítimas esposas, com os mesmos direitos e deveres que tinham os filhos nascidos diretamente de Lia e Raquel (Gn 30, 1-13).

O outro caso é a lei do Levirato estabelecida no livro do Deuteronômio 25,5ss: "Quando dois irmãos morarem juntos e um morrer sem deixar filhos a mulher do falecido

não se casará fora da família com um estranho. O cunhado a tomará como esposa para cumprir o dever do levirato. O primogênito que ela tiver receberá o nome do irmão morto, para que o seu nome não desapareça de Israel." Nesse caso, a paternidade legal prevalece sobre a natural.

Em relação a José, o caso é diferente. Ele foi pai legal de Jesus, mas não por causa da Lei do Levirato ou do filho da escrava.

Na verdade, o caráter único e exclusivo dessa paternidade não deve de maneira alguma levar a uma minimização dessa paternidade.

A própria virgem sua esposa deu o testemunho da sua paternidade: "Teu pai e eu te procurávamos". Seguindo os desígnios de Deus, Jesus devia nascer de uma mulher esposada, porém virgem. Suárez, ao defender a paternidade de José, afirma que "não só os que ignoram a divindade e a sua concepção admirável de Cristo chamavam José de pai de Jesus, mas o próprio evangelista e a Virgem Maria" (52). "Tu o chamarás Jesus", disse o Anjo a José, e esta ordem, vinda do alto, designava a investidura oficial de José, que daquele momento em diante era nomeado pai do Filho de Deus.

"A prole não é considerada um bem do matrimônio apenas por ser gerada por meio dele, nos diz Santo Tomás, mas porque é acolhida e educada no matrimônio. Mas nem o nascimento do adultério, nem o filho adotivo educado no matrimônio são um bem do matrimônio, porque este não é destinado à educação deles, como ao ímber foi destinado especialmente este matrimônio para educá-la" (53). Assim, para Tomás Jesus é um bem do matrimônio, em virtude da união hipostática (54). "Não totalmente como as outras crianças" (55), pois foi recebido no matrimônio, mas não por meio dele. O tornar-se carne do Filho de Deus assumindo a humanidade exigiu, todavia, a sua educação, tarefa esta atribuída ao esposo e à esposa unidos pelo matrimônio.

Portanto, a paternidade de José não é secundária ou aparente, mas possui em plenitude a autenticidade da paternidade humana. A educação do filho não é uma tarefa só da mãe, mas também do pai, que tem a obrigação de instruí-lo, ou seja, educá-lo além de nutri-lo.

Mediante o exercício da sua paternidade, São José foi constituído por Deus para servir diretamente a pessoa e a missão de Cristo. Assim, tornou-se cooperador no grande mistério da redenção.

Foi o "coordenador do nascimento do Senhor" (56), "o ministro de toda a economia", o Minister Salutis. "A ele foi confiada cuidadosamente a sua guarda da nossa redenção" (57).

É graças a José e à sua paternidade que Jesus se torna Filho de Davi e, no plano divino, o Messias seria escolhido na casa de Davi, portanto a "davidicidade" é uma condição indispensável para reconhecer a messianidade de Jesus.

Trata-se de uma promessa feita a Davi, através do profeta Natã (II Sm 7,11-16). Assim, durante toda a sua vida pública, Jesus é reconhecido com o título de filho de Davi (Mt 1,1; 9,27; 12,23; 15,22; 20,30-31; 21,9-15), e com isso a paternidade messiânica de José é reconhecida. Portanto, a pessoa de São José na existência de Jesus e na nossa história não foi secundária, mas muito importante e necessária. Para aqueles que quiserem separar José de Maria, Santo Agostinho responde fazendo o próprio São José interferir:

"Por que me separar? Não é através de mim que as graças sobem e descem? Se eles lhe dissessem: "Porque não gerastes por meio da carne" e ele responderia: "Por acaso ela deu à luz por obra da carne? "Aquilo que o Espírito Santo operou, operou para ambos..." (58).

O cardeal Billot reconhece a dificuldade de encontrar uma palavra apropriada para indicar a paternidade de José. Para ele, trata-se "de um caso único e singular, em que a língua humana não possui um termo que a defina exatamente" (59). Diante dessa dificuldade, a paternidade de José foi definida como adotiva, legal, virginal, vicária, nutrícia etc., termos que servem para exprimir apenas os seus aspectos negativos ou secundários. Vamos procurar brevemente os motivos que levaram os teólogos a definir essa paternidade com os termos acima mencionados.

Muitos quiseram chamar José de "pai adotivo". Este título indica uma relação paterna com o filho que não é da família, mas que se tornou em virtude da lei. É uma palavra inadequada, pois Jesus não era um estranho na sua família: José personalizava a paternidade divina sobre ele. Portanto, esse título não se encaixa bem, já que a adoção implica a acolhida de um filho, de uma pessoa estranha na própria família. Entretanto, alguns teólogos defenderam esse termo. Suárez dizia: "Por meio da adoção, também uma pessoa completamente estranha se torna filho, e o que adota é considerado pai, embora de certo modo. Assim, José aceitou e adotou como filho caríssimo, entregue pelo próprio Deus, Aquele que a sua esposa lhe deu sem a sua cooperação, mas por obra do Espírito Santo" (60). Mas o próprio Suárez acentua depois que não foi José que adotou Jesus como filho, e sim foi Jesus quem adotou José como pai. A este propósito, é bom lembrar que o matrimônio de José e Maria, como muito bem ensinou Santo Tomás, foi de maneira particular estabelecido por Deus para receber e educar Jesus Cristo.

Outra expressão para designar essa paternidade é "pai legal", baseando-se na afirmação do Anjo ao convidar a José que Maria, sua esposa, estava grávida por obra do Espírito Santo, e que dela nasceria um filho no qual ele colocaria o nome de Jesus. (Mt 1,21) Esta expressão tem um sentido estritamente jurídico. Contudo, não deixa de ser apropriada, porque explicita que a sua prole é legítima, reconhecida pela lei, podemos herdar o nome e os bens.

Deste modo, confere a José a legitimidade da sua paternidade e ao mesmo tempo a faz messiânica, visto que José torna-se o meio pelo qual Jesus recebe o título messiânico de filho de Davi. Esse título, porém, tem um significado formal e não responde à relação íntima entre pai e filho, portanto é incompleto.

"Pai virginal" é outra denominação bastante comum entre os teólogos. Este título também não deixa de ser impróprio, embora possa ser dos mais adequados e aceitáveis, porque capta a essência espiritual desta paternidade e determina a sua natureza. Nesta afirmação, São José é colocado junto com Maria dentro do matrimônio virginal do qual Jesus nasceu. Contudo, resta-nos salientar que existe uma grande diferença entre José pai e virgem e Maria mãe e virgem, porque Maria, permanecendo virgem, concebeu Jesus em seu seio por obra do Espírito Santo, dando-lhe um corpo, carne e sangue, como é comum a todas as mães, José, ao contrário, não participou de nada disso. Em consequência, também é um termo impróprio.

Alguns estudiosos preferiram chamar Jose de "pai nutrício", levando em conta a sua dedicação a Jesus no exercício da sua obrigação como pai, mas este termo também é inadequado, pois São José não foi um simples guarda de Jesus. Ele indica apenas um aspecto da sua paternidade, colocando em luz algumas funções determinantes de toda paternidade: alimentar, defender ou, em sentido genérico, educar. Limitar a paternidade de São José a isso é restringi-la, desconsiderando a grande missão que ele recebeu de Deus.

Chamar São José de "pai matrimonial" de Jesus também já foi defendido na teologia Josefina, levando em consideração que a sua paternidade deriva do seu matrimônio com Maria. Parece que o próprio Santo Tomás se coloca nessa linha quando afirma que "o matrimônio de José foi disposto para acolher e educar a prole, Jesus", isto é, houve uma predisposição divina. Essa é também uma denominação incomum, assim como a expressão "pai vigário" para indicar que José devia fazer as vezes de Deus Pai. É uma linguagem difícil de ser entendida.

O título mais comum que os teólogos encontraram para designar a paternidade de São José é "pai putativo", baseando-se em Lucas 3, 23: "Ao iniciar o ministério, Jesus tinha uns trinta anos, filho, segundo se pensava de José..." Esse título também diz pouco. Serve somente para afirmar que os habitantes de Nazaré acreditavam que ele era o pai, sem que ele o fosse, o que pode fazer com que também nós acreditemos sem que ele o seja. Com esse termo excluímos São José da participação física no nascimento de Jesus, sem destacar os aspectos positivos da sua paternidade.

Diante de tantos títulos e qualificações para esta paternidade, qual seria a mais adequada para continuar chamando São José de pai? Duas expressões se apresentam como mais adequadas: pai putativo e pai virginal. O primeiro nega a relação de uma paternidade natural, mas não exclui nenhuma das atribuições que dizem respeito a essa paternidade. O segundo tem a facilidade de proporcionar um melhor entendimento dos fiéis, já que todos sabem que Maria concedeu por obra do Espírito Santo, e não por obra de um homem. Na verdade, nenhum título exprime a totalidade do relacionamento de São José com Jesus. Como esposo de Maria ele teve a missão não só de sustentá-la, ou de dar testemunho da sua virgindade para defender a sua honra, mas também, como afirmou o Papa Leão XIII na encíclica *Quamquam Pluries*, "De participar da sua excelsa dignidade". A dignidade de Maria é ser mãe de Jesus. Por isso, São José participa dessa dignidade como pai de Jesus. Ciente disto, Suárez afirma que São José tem, junto com o nome de pai, a realidade da paternidade enquanto pode tê-la uma criatura, excluindo somente a geração física, ou como também afirmou São João Crisóstomo que São José teve, "salvo a sua virgindade, tudo aquilo que é próprio de um pai". Em comunhão, podemos dizer que a paternidade de São José é um caso único, é uma paternidade sobrenatural, por isso acima de todas as paternidades que possamos conhecer. Não encontrando uma palavra que possa expressar perfeitamente essa paternidade especial, o melhor seria continuar chamando São José simplesmente de "pai de Jesus", como a Sagrada Escritura sempre o chamou, não acrescentando nenhum adjetivo especial a esse título. Chamá-lo de "pai de Jesus" continuará um perigo de heresia, porque o povo cristão sabe muito bem que São José não é o pai natural de Jesus.

A MISSÃO

Como José é verdadeiro pai de Jesus, tornou-se o único homem na terra que teve a honra de compartilhar com Deus Pai a mesma invocação filial de Jesus. Este foi acolhido por ele na sua família não só juridicamente, mas efetivamente com seu filho. Seus sentimentos paternos em relação a Jesus foram expressões puras e genuínas de um amor autenticamente paterno. "Ele teve para com Jesus, disse Pio XIII, por um especial dom celeste, todo o amor natural, toda a solicitude afetuosa que um coração de pai pode conhecer (61). Com "afeto paterno" São José desempenhou a sua função de pai, conviveu com Jesus, abraçou-o e nutriu-o" (62). São José tinha por Jesus um amor paternal, embora não o tenha gerado; a sua paternidade foi extremamente rica. O matrimônio de José com Maria foi direcionado para a educação de Jesus. Neste sentido, Jesus deve muito a seu pai, que o alimentou com o seu trabalho e o formou intelectual, moral e socialmente. O Papa Paulo VI soube captar muito bem este aspecto educativo de José no exercício do seu ministério, quando disse: "São José é o tipo do Evangelho que Jesus, depois de deixar a pequena oficina de Nazaré e iniciando a sua missão de profeta e de mestre, anunciará como programa para a redenção da humanidade".

Efetivamente a presença contínua deste homem virtuoso, honesto e sério não podia deixar de influir na formação psicológica e humana de Jesus criança. A sua dedicação, o seu amor a Jesus foi completo: "A vida de José não teve outro sentido e razão a não ser o de servir o menino... Colocou à disposição dos desígnios de Deus a sua liberdade, a sua legítima vocação humana, a sua felicidade conjugal, aceitando a condição, a responsabilidade e o peso da família, e renunciando, por um incomparável amor virgíneo, ao natural amor conjugal que a constitui e a alimenta, para oferecer com o sacrifício total a sua existência às exigências imponderáveis da vinda do Messias." (64) "Fez da sua vida um serviço, um sacrifício ao mistério da encarnação e à missão redentora que lhe estão intimamente ligados, usou a autoridade legal que lhe competia sobre a Sagrada Família para fazer dela um dom total de si, da sua vida do seu trabalho... Fez a oblação de si, de seu coração e de todas as suas capacidades no amor colocando-se a serviço do Messias germinado na sua casa " (65).

A São José competia nutrir, cuidar e educar o Filho de Deus, pois recebeu esse tesouro em suas próprias mãos, e por isso, desde o momento em que recebeu Maria como sua esposa, também se tornou pai do Verbo Divino. O Papa Paulo VI, ao considerar a paternidade de São José, via nele não apenas o responsável pela descendência davídica de Jesus, algo indispensável para que pudesse ser reconhecido como Messias, mas também aquele que ofereceu ao Filho de Deus "o estado civil, a categoria social a condição econômica, a experiência profissional, o ambiente familiar e a educação humana" (66). Por isso, Deus, concedendo-lhe que fosse participante do nome que lhe é próprio, ou seja, o de pai, também o fez co-participante do cargo e da responsabilidade paterna em relação a Jesus. Exceto na geração carnal, como já explicitamos, José compartilha toda a realidade do significado de pai que é atribuído a um homem. Não há dúvida de que Jesus sempre reconheceu a autoridade paterna de José e o considerou legal e efetivamente seu superior, sujeitando-se a ele, prestando-lhe toda obediência e respeito. O monge citercense Bernard Matelet afirma que "José aceitou ser pai em nome de Deus, verdadeiramente pai

e, enquanto Maria recebia um coração de mãe, o Espírito Santo formava em José um coração de pai". (67)

São José, como verdadeiro educador em razão de seu matrimônio e da sua paternidade, providenciou todo o sustento e formação para Jesus. Conforme os costumes do seu tempo, José procurou cumprir as determinações próprias dos pais como a instrução religiosa, que começava já no início da adolescência e consistia no ensino de trechos da Sagrada Escritura, no conhecimento das prescrições de Deus ao seu povo (Ex 10,2) feitas através do ensino oral com leituras, explicações, interrogações e respostas (Dt 8, 7,20; Ex 13,8). José também teve a obrigação de ensinar a Jesus uma profissão que geralmente passava de pai para filho. Na educação religiosa, ensinou a Jesus as longas orações que o bom judeu recitava todos os dias em casa ou na sinagoga e no Templo, como o "Shemá", e as orações após as refeições. Estas orações deviam ser aprendidas de cor a partir dos doze ou treze anos, quando adolescentes se tornavam sujeitos às leis e aos costumes do povo. Jesus aprendeu com seu pai os pontos fortes da história da libertação do povo da escravidão e as linhas gerais da história da salvação, os salmos, as máximas dos livros sapienciais, os ensinamentos dos profetas... A obra da educação de Jesus por José não nos foi revelada pelos evangelistas, mas é certo que toda a vida de Jesus ficou impregnada de ensinamentos e exemplos do seu pai e a sua formação cultural deve-se em grande parte a ele.

A este altura podemos perguntar: Maria também não educou Jesus? Devemos lembrar que, para os hebreus, a mulher não era tida em grande consideração. Não tinha obrigação de estar presente nas sinagogas aos sábados, nem de ir ao templo de Jerusalém nas grandes festas, não herdava nada dos pais, a menos que não houvesse um filho homem : Mesmo com toda a marginalização da mulher, podemos dizer que Maria educou o filho com seu exemplo e seu amor. Inserida na tradição do seu povo, Maria, como qualquer mulher da sua época, ensinou-lhe os primeiros rudimentos de instrução, sobretudo a moral (Prov. 1,8; 6,20). Esses ensinamentos maternos se prolongavam até a adolescência.

Em resumo, podemos esboçar a responsabilidade paterna de José em relação a Jesus nos seguintes encargos:

- a imposição do nome ao menino (Mt1,15), quando assumiu o direito paterno e o reconheceu como filho;
- o reconhecimento de Jesus como sendo "da casa e da família de Davi" (Lc 2,4);
- a circuncisão (Lc 2,21) com a qual Jesus entrou a fazer parte do povo da aliança;
- o resgate de Jesus como primogênito (Lc 2,22ss);
- o cuidado na fuga e permanência no Egito (Mt 2,13-22);
- a vida em Nazaré (Mt 2,51), onde Jesus lhe era submisso.

Para os hebreus o pai tinha a obrigação de circuncidar o filho, pagar o resgate, instruí-lo na Torá, dar-lhe uma profissão e também uma esposa.

Ante tamanha responsabilidade e dedicação, a quem podemos atribuir um amor tão ardente ao próprio Deus a não ser a José, depois de Maria? Seu coração abrasou-se de amor na companhia do Filho de Deus durante trinta anos, recebendo de Deus a afeição de pai

para com Jesus. Portanto, o seu amor foi original, podendo chamar o Filho de Deus de meu filho. "Foi refletindo sobre este dom do céu confiado a José que o Papa IX, ainda jovem sacerdote, escrevia : " Quantos o esperaram ansiosamente e quiseram contemplá-lo com os próprios olhos, e não puderam. Os profetas o apregoaram, mas somente de longe, os patriarcas o viram, mas somente com a fé. E se o precursor o vê e o apresenta de perto, e os apóstolos o vêem e o pregam às multidões José foi o único com Maria que o acariciou em seu peito paterno..." O mesmo Papa escreverá mais tarde sobre São José. " Aquele que tantos reis e profetas quiseram ver, José não só o viu, como conversou com ele e com afeto paterno o abraçou e beijou e com cuidado solícito nutriu aquele que devia ser alimento de vida eterna para o povo fiel". São José, como pai, nutriu Deus Menino com seu o trabalho; governou e dirigiu aquele que dirige o universo; protegeu-o e defendeu-o das ciladas de Herodes e recebeu do próprio Filho de Deus toda a ternura e amor."

São Bernardo, grande devoto de São José, ao considerar a missão do nosso ilustre santo, assim se expressava: O Senhor encontrou José segundo o seu coração e lhe confiou com plena segurança o segredo mais misterioso do seu coração.

Desvendou a ele a obscuridade e os segredos da sua sabedoria. Aquilo que numerosos reis e profetas desejaram escutar e não ouviram foi concedido a ele. José , que não só o viu e ouviu, como o carregou, guiou seus passos, abraçou-o, beijou-o, nutriu-o e protegeu-o "(68). Portanto, a missão que São José desempenhou em relação a Jesus foi muito além de uma simples proteção ou de provimento do necessário de defesa de Jesus dos perigos. José o educou para a vida e para o trabalho. Esta é a razão pela qual o Espírito Santo o honrou com o nome de pai, e a sua missão de pai teve uma incidência profundamente positiva em toda a vida de Jesus. Neste sentido, a missão de São José é bem diferente do serviço que outros santos e anjos prestaram, pois suas funções têm como caráter peculiar o cuidado pessoal e direto da pessoa de Jesus Cristo. Por isso, ele está unido tanto à divindade como à humanidade de Jesus, com uma união sem precedentes.

É justamente devido ao fato de ser pai e esposo que São José é um personagem sublime em santidade, sendo enriquecido abundantemente por Deus com muitas graças, para que pudesse desempenhar plenamente a sua missão grandiosa e única: "missão de cuidar do Filho de Deus, o Rei do mundo; missão de cuidar da virgindade e santidade de Maria; missão de cooperar e participar do grande mistério escondido nos séculos... Toda a santidade de José está justamente no cumprimento fiel e até escrupuloso dessa missão tão grande e ao mesmo tempo tão sublime, tão alta e tão escondida, tão luminosa e tão envolvida de escuridão." (70)

Mais uma vez o Papa Pio IX vem nos ajudar a contemplar a missão sublime e grandiosa de São José, quando dizia que ela constitui a sua "singular, absoluta e incomparável santidade, porque, na verdade, a nenhuma outra pessoa, a nenhum outro santo foi confiada essa tarefa , e entre São José e Deus não vemos nem podemos ver senão Maria Santíssima com a sua maternidade divina".

Se Maria foi predestinada e preparada por Deus desde toda a eternidade para a missão de mãe do Filho de Deus, José é aquele que Deus escolheu para ser o "coordenador do nascimento do Senhor" (71) . Ele recebeu o encargo de prover a inserção "ordenada" do Filho de Deus entre os homens. Este o múnus paterno de José. Naturalmente, a tarefa que

desempenhou ajudou-o a penetrar no ministério de Deus escondido em Jesus e a ser penetrado por eles, possibilitou-lhe descobrir a sua nova riqueza e aos poucos transformar-se numa imagem luminosa de homem justo e temente a Deus. Seus anseios mais ocultos sua sede de amor, verdade e santidade começaram a ser saciadas pela riqueza de Deus na sua vida e pelo amor sublime devotado a Jesus e a Maria. Desta maneira, diante dos desígnios de Deus, São José tornava-se mais "a sombra opaca para velar os raios daquele sol divino como dizia Pio XI, do que para absorvê-los e refleti-los."

II PARTE

Até agora, a nossa reflexão, procurou ressaltar de maneira generalizada São José diante de sua vocação e sua missão. Pretendo em seguida dirigir-me mais diretamente à sua pessoa e tentar descobrir, na medida do possível as suas qualidades naturais e sobrenaturais, características que permitem colocar o nosso santo no pedestal mais alto depois de Maria.

DIGNIDADE

O lugar eminente que São José ocupa diante de nossos olhos na dinâmica da salvação operada por Cristo, está fortemente ligado às graças especiais que Deus lhe concedeu preparando-o e ajudando-o de modo que fosse capaz de cumprir perfeitamente e tarefa que lhe foi confiada. Além disso, o relacionamento estreito que manteve com Jesus e Maria ao longo da sua missão foi um fator preponderante para fazer dele um homem rico em virtude para com Deus e com o próximo.

A paternidade de José o coloca logo após a maternidade de Maria na proximidade de Jesus, e, quanto mais unido a Cristo, tanto maior a sua dignidade. De fato, a paternidade de José em relação a Jesus é muito rica cheia de conteúdo, pois em tudo ele teve com Jesus um relacionamento de pai, na autoridade, na educação, no afeto e na convivência: Assim não é exagero asseverar que a sua dignidade só é ultrapassada pela de Maria e, portanto superior à dos anjos do céu. José é associado à dignidade da paternidade divina. Pois é pai de um filho que é o único de Deus, pai não por uma simples denominação, mas por vontade de Deus, pai por obra do Espírito Santo, que incutiu no seu coração paternal toda a perfeição.

Podemos afirmar que alguém é excelso em grandeza ou em dignidade quando o bem que possui é maior em comparação com outros bens, ou quanto maiores forem as suas qualidades. De São José sabemos que lhe coube a missão sublime de pai de Jesus com todas as obrigações que pertenciam a um pai. Jesus foi-lhe obediente e submisso, portanto Deus o investiu de uma tarefa altíssima. Mediante o exercício da sua paternidade, foi chamado por Deus a ocupar um lugar preeminente no serviço à pessoa de Jesus, cooperando assim no grande mistério da redenção que se operou na plenitude dos tempos.

São Francisco de Sales, ao considerar a dignidade de São José, assim se expressou: "Se os príncipes da terra se preocuparam em confiar os seus filhos aos educadores mais capacitados e se Deus podia fazer o mesmo, de modo que cuidasse de seu filho um homem revestido de todas as perfeições, segundo a dignidade e a excelência da pessoa entregue aos seus cuidados, que era o seu Filho, como afirmar que, tendo podido fazer isso, não o tenha querido nem feito?"

O mesmo santo compara São José a uma palmeira, afirmando que ela mostra a sua força e a sua solidez no fato de que, quanto mais carregada, mais alta se torna e não se curva, não se abaixa devido ao peso que está suportando, mas instintivamente se lança para o céu. José, afirma ele, é semelhante essa palmeira, porque sempre foi forte, valente, constante e "perseverante e, sendo justo, a sua vontade estava sempre unida e era conforme à de Deus".

Para os teólogos, a superioridade de São José em relação a João Batista é admitida devido à diferença de vocação e de missão. João Batista foi o profeta que deu testemunho de Jesus com a palavra e com a própria vida, mas não teve nenhum poder sobre a pessoa de Jesus. Dele se diz: "Em verdade vos digo: entre os nascidos de mulher, nenhum foi maior que João Batista, e, no entanto, o menor no reino dos céus é maior do que ele"(MT 11,11). Uma limitação misteriosa, mas de outro lado, não podemos afirmar com isso que nem Jesus nem Maria, nascidos de uma mulher, sejam inferiores a João Batista.

A afirmação de que a dignidade de José supera a das personagens do Novo Testamento, com exceção de Maria, também é compartilhada por Suárez, quando afirma:

Considero que a missão do apóstolo constitui o maior encargo entre os que existem na Igreja... Entretanto, não é improvável a opinião segundo a qual a missão de José é ainda mais perfeita, por ser de ordem superior... Existem encargos ou ministérios da ordem da graça santificante, e nesse caso considero os apóstolos em suma dignidade... Porém existem ministérios que se encontram no limite da ordem da união hipostática a qual é de per si mais perfeita... Justamente nessa ordem, no meu modo de ver, está o ministério de São José, ou seja, no último degrau (72).

O CASAMENTO COM MARIA

Outra razão para levar em consideração a dignidade de São José está no seu matrimônio com Maria.

É certo, dizia o Papa Leão XIII, que a dignidade da mãe de Deus encontra-se tão alto, que nada pode haver de mais sublime. Mas pelo fato mesmo de entre a Santíssima Virgem e José ter-se estreitado o vínculo conjugal, não há dúvida de que se aproximou como ninguém dessa dignidade altíssima, em virtude da qual a Mãe de Deus, ocupa um lugar eminente, a grande distância de todas as criaturas.

Considerando que o casamento é a comunidade e a amizade máxima a que, por sua natureza, está ligada a comunhão de bens, segue-se que, se Deus quis dar José como esposo à Virgem, deu-o a ela não só como companheiro de vida, testemunha da sua virgindade e avalista da sua honestidade, mas também para que ele participasse, mediante o pacto conjugal, da sua excelsa grandeza" (73). Por meio do matrimônio se estabelece uma certa paridade entre os cônjuges, de sorte que o cônjuge de maior condição eleva ao seu nível o cônjuge que está em categoria inferior. Um rei transforma em rainha uma escrava, ao desposá-la, embora não possa fazê-la rainha no seu interior, transformando a sua personalidade até torná-la igual a ele. Se isso é impossível para um rei da terra, não o foi para Deus, já que Maria devia necessariamente ter ao lado um esposo digno. Por isso, Deus o levou à altura dela. Com razão São José é, depois de Maria, o maior dos santos em dignidade, pois foi escolhido para a mais sublime das missões. Por isso, o Papa Pio IX afirmava: "Tendo Deus escolhido o bem-aventurado José, entre todos os santos, para ser verdadeiro e puríssimo esposo da Virgem Imaculada e pai putativo do seu filho, comunicou-lhe em abundância graças singulares para desempenhar encargos tão sublimes, graças singulares que o tornam um santo singular entre todos " (74) .

Com razão os teólogos, ao contemplarem a dignidade sublime de São José, tiveram a sensibilidade de associá-la ao significado do seu nome. De fato, na Bíblia o nome exprime a missão de uma pessoa. Abraão, pela sua missão, tornou-se pai de muitos povos (Gen 17,5) e Pedro a pedra sobre a qual a Igreja foi edificada (Mt 16,18). O nome José significa acréscimo, aumento. Segundo o grande teólogo Santo Alberto Magno, o significado desse nome "convém àquele que nas suas relações com Deus, foi elevado acima de todos por sua união com Maria, mãe de Deus, e pela paternidade adotiva de Jesus, elevando-se mais do que todos os mortais". O próprio Santo Agostinho compara os outros

santos a estrelas, e São José ao sol. O nome de São José é repetido várias vezes nos Evangelhos, como que para eternizar aquele que foi escolhido pelo pai do Filho de Deus; é um nome glorificado pelo Espírito Santo, como dizia São Boaventura. Se José do Egito, que era um simples pastor, tornou-se o vice-rei do Egito, estando abaixo somente do Faraó, e a sua descendência foi tão próspera que formou duas tribos de Israel, a de Manassés e a de Efraim, assim foi São José, homem que cresceu em dignidade, santidade e grandeza espiritual diante de Deus.

COOPERADOR NOS MISTÉRIOS DA REDENÇÃO

O que faz de São José uma figura fenomenal é o fato de que participou como nenhuma outra pessoa, com exceção de Maria, do mistério da Encarnação de Jesus. Junto com Maria, ele se envolveu na mesma realidade desse evento e foi depositário do mesmo amor pelo qual fomos todos predestinados a ser filhos adotivos de Deus por obra de Jesus Cristo. Portanto, a função de José está profundamente ligada ao mistério da encarnação, porque é exercida dentro da instituição do matrimônio e no exercício da sua paternidade.

É fundamentalmente importante ter em mente que, ao afirmar essa prerrogativa de São José, não esqueçamos que Jesus Cristo é o único mediador entre Deus e os homens, conforme a afirmação de São Paulo: "Há um só Deus e um só Mediador entre Deus e os homens, Jesus Cristo..."(1Tm 2,5). Jesus, ao encarnar-se, quis ter necessidade de Maria para encarnar-se, também precisou de São José por um longo período de anos da sua vida. Podemos afirmar que São José cooperou no mistério da encarnação de Jesus, porque foi designado para o matrimônio virginal com Maria, em vista do nascimento de Jesus. A sua cooperação foi indireta como esposo de Maria, mais muito importante e necessária. Cooperou assim, mesmo que remotamente, para a nossa redenção, enquanto nutriu e protegeu o Filho de Deus, partilhou e dividiu com ele vários anos da sua vida. Devido à sua missão, ele é um cooperador eminente de Cristo no mistério da Salvação.

Em consequência da sua grande missão na cooperação dos mistérios da nossa redenção, e em consequência do seu generoso sim ao apelo divino, podemos afirmar também a sua santidade. Nos Evangelhos, a santidade de José é descrita com poucas palavras: "Homem justo" (Mt 1,19). O termo "justo" na Sagrada Escritura significa a soma de todas as virtudes, ou, como disse São João Crisóstomo, significa "perfeição de todas as virtudes". São José, como homem, justo, teve sempre a sua vontade unida e conforme à vontade de Deus. Esse é, portanto, o fundamento da sua santidade. O Pe. Oliver dizia: que "São José foi dado à terra para testemunhar de modo visível as perfeições admiráveis de Deus Pai". Qual não deveria ser, então a santidade deste santo, que Deus plasmou expressamente com suas mãos para ser o seu representante diante de seu Filho único!

A alta santidade de São José foi defendida por grandes nomes como Gerson, Santa Teresa, Santo Afonso, São Francisco de Sales, São Bernardino de Sena e outros. Alguns, como Gerson e Bernardino de Bustis, chegaram a defender a sua santificação no seio materno, prerrogativa que teve Jeremias; "Antes de saíres do seio da tua mãe, eu te santifiquei" (Jr 1,5), e também São João Batista "Será cheio do Espírito Santo desde o seio da sua mãe" (Lc 1,15). Outros, como o Cardeal Lepicier, defenderam a sua impecabilidade, afirmando que São José jamais manchou a sua alma com a mais leve sombra de pecado em toda a sua vida. Com isso, admitem também que foi isento da concupiscência.

Não resta dúvidas, portanto, de que São José viveu a santidade como uma exigência da sua missão de esposo de Maria e de pai de Jesus. Neste sentido, viveu uma identificação perfeita da sua vontade com a de Deus, uma união sublime com Deus. Por ser "justo", o único juízo e apreciação que os Evangelhos fazem sobre São José, e como esse qualificativo é reservado no Novo Testamento somente a Deus, São José é santo e por isso possui o conjunto e o equilíbrio de todas as virtudes. A santidade é ao mesmo tempo causa e fruto das virtudes, pois uma pessoa santa não pode deixar de ser virtuosa. Assim, as três virtudes teologais: fé, esperança e caridade, não podia, deixar de estar latentes no coração do nosso santo em todas as circunstâncias da sua vida de união com Jesus e Maria, assim como de comunhão com os irmãos.

A fé, que se caracteriza por uma profunda e amorosa adesão à vontade de Deus, foi o distintivo de todas as suas ações no confronto com a vontade de Deus. Toda a vida interior tem a sua base na fé, pois "o homem justo vive da fé" (Rm 1,17). Ela é o elemento fundamental da santidade; é a submissão absoluta e consciente diante da Palavra; é a raiz de toda justificação, conforme asseverou o Concílio de Trento.

Neste sentido, Abraão é o protótipo de uma fé firme e inabalável, pois acreditou em Deus, "e isso lhe foi creditado como justiça" (Rom 4,3). Acreditou quando Deus lhe determinou que saísse da sua terra, da sua pátria, da casa do seu pai e fosse para uma terra estranha com a promessa de uma grande descendência (Gn 12, 1-3). Acreditou quando Deus lhe disse que, mesmo estando velho e tendo uma mulher estéril, se tornaria pai de uma grande multidão (Gn 15,5). Acreditou quando Deus lhe ordenou que sacrificasse o seu próprio filho Isaac.

Neste contexto, podemos contemplar a fé de José, quando lhe foi pedido que fosse pai de um filho que ia nascer de uma virgem, algo que até então não tinha sido ouvido, pois esse menino seria concebido por obra do Espírito Santo. Ele acreditou na concepção virginal de Jesus no seio da sua esposa, mesmo quando por força das circunstâncias, viu o Messias esperado por seu povo como libertador nascer numa manjedoura, na extrema pobreza de Belém, e sendo forçado em seguida a refugiar-se no Egito.

A esperança é outra virtude característica de São José. Ele sempre confiou em Deus, não percebendo a calma em Belém nas circunstâncias difíceis do nascimento de Jesus. Quando recebeu o anúncio do Anjo de partir para o Egito, obedeceu prontamente. Sua serenidade se manifestou também quando perdeu o menino em Jerusalém: simplesmente se limitou a procurá-lo com diligência.

A caridade ou o amor que alguém possui em relação a Deus é o parâmetro de toda a santidade. E José amou Jesus como ninguém neste mundo. Amou a Deus como se ama o

próprio filho, e isto é o grau máximo de amor. Portanto devemos concluir que, devido à sua participação especial na vida de Jesus, São José é o mais excelso em amor a Deus, e por isso o mais santo.

Além das virtudes teológicas que ornaram a vida de São José, o Evangelho sublima em particular algumas virtudes morais como a prudência ao ser o guarda fiel do segredo da encarnação de Jesus; a justiça, no sentido de que deu tudo que era devido a Maria e a Jesus, prestando-lhes um serviço; a fortaleza, sendo valoroso em todas as atividades de que foi incumbido, lutando corajosamente contra todas as dificuldades com que se deparou a temperança, vivendo humildemente como artesão de Nazaré. Daí podemos deduzir que era um homem austero e sóbrio.

Outra virtude característica do nosso santo foi o seu silêncio. Ele é o homem do silêncio, como nos apresentam as narrações dos evangelhos, que não pronunciavam sequer uma palavra dele, como se o seu silêncio também fosse a sua característica, a sua marca pessoal. Quando percebeu que a sua esposa estava grávida, viveu em silêncio o problema dilacerante com que deparava. Decidiu então romper o casamento, não reconhecendo como seu o direito de tomar Maria como sua esposa, já que existia uma criança cuja origem ele ignorava.

Quando o Anjo lhe apareceu e lhe pede que aceite Maria como esposa, não dirá uma palavra. Portanto a sua resposta ficou condicionada às diretrizes do alto: "Fez como o Anjo lhe ordenou e tomou consigo a sua esposa" (Mt 1,24). Aqui o seu silêncio se expressa numa atitude dócil ao cumprimento da vontade divina. O mesmo se dá nos acontecimentos do nascimento e da apresentação de Jesus no Templo, quando da sua boca não sai nenhuma palavra. Mesmo em circunstâncias em que se poderia esperar alguma manifestação de seus sentimentos, ele mantém o silêncio. Quando encontrou Jesus sentado entre os doutores no pátio do Templo, deixou a palavra para Maria. Não exprimiu nem a angústia que sentiu nem a admiração secreta que se apoderou dele ao ver o seu filho conversando com os mestres da lei.

O silêncio de São José não é pobreza de espírito, mas um silêncio que colheu o mistério da presença do Verbo feito carne. Ele teve a alegria de viver na intimidade com Jesus, de acompanhar o menino que crescia em idade, graça e sabedoria. Tinha consciência de que o mistério no qual fora introduzido junto com sua esposa era inexprimível. Por isso, é o exemplo do homem cuja riqueza interior se desenvolve silenciosamente, sem tentar dar provas da sua existência com palavras. Adotou, assim a mesma atitude de Maria, que conservava tudo em seu coração. Manteve, portanto um silêncio meditativo, vivendo com o Salvador na pobre Nazaré.

O silêncio era para ele o melhor modo de viver o amor mais profundo. São José preencheu o seu silêncio com tudo que lhe era proporcionado pela presença de Jesus e de Maria. Era um silêncio atento a tudo o que essa presença significava e sempre aberto para receber tudo o que se lhe apresentava. A grandeza precípua de São José, diz Bossuet, foi ter servido a Deus em silêncio, e com isso a Igreja não possui nada mais ilustre, porque na verdade, não possui nada mais escondido que o nosso santo.

Devido ao seu silêncio e em consequência da sua humildade, podemos deduzir que São José foi destinado por Deus para ser como uma sombra opaca ao redor de Jesus, mais

paraocular os raios daquele sol divino do que para ser iluminado por ele, mais para absorvê-los do que para refleti-los. Foi uma sombra do Pai eterno no mistério da encarnação. Descendente de Davi, de família real, contava 23 reis entre seus antepassados, mas na sua humildade para um obscuro do interior, não buscando glórias nem tendo ambições, sua vida foi de uma docilidade incondicional à vontade de Deus.

Quando o Anjo lhe ordenou que tomasse a sua esposa com o menino, não questionou, não perguntou como faria a viagem, quem lhe daria os recursos, nem mesmo procurou saber quanto tempo devia ficar no exílio do Egito. A sua adesão à vontade de Deus se caracterizou por uma docilidade estupenda por uma prontidão excepcional na obediência e na execução.

A "RESSURREIÇÃO" DE SÃO JOSÉ

Muitos teólogos, entre os quais Crígenes, Tomás de Aquino e Clemente de Alexandria, afirmaram que José esteve entre os santos que na ressurreição de Jesus saíram dos sepulcros, conforme a narração de Mateus 27, 52-53 " Os sepulcros se abriram e os corpos de muitos justos ressuscitaram. Saindo de suas sepulturas, entraram na cidade santa depois da ressurreição de Jesus e apareceram a muitas pessoas." Este relato existe somente em Mateus. Se estas ressurreições aconteceram realmente, é evidente que se coloca São José em primeiro lugar, devido à sua grandeza de pai de Jesus e esposo de Maria. Entre os teólogos, porém, se questiona se essas ressurreições foram definitivas ou apenas temporárias, para uma participação momentânea na ressurreição de Jesus. Mas, se foi uma ressurreição definitiva, José ressuscitado foi acompanhado ao céu, sendo o seu corpo glorificado.

Outros teólogos, como Bernardino de Sena, Suárez, Cornélio Lápide e o próprio Gerson, afirma que José subiu aos céus em corpo e alma com a ascensão de Jesus. Segundo São Francisco de Sales, não se deve duvidar que São José "goze do singular poder junto Daquele que o levou aos céus em corpo e alma." O Papa Bento XIV limitou-se a afirmar que se pode crer piedosamente que São José ressuscitou. Para Suárez, a ressurreição de São José não é um artigo de fé, por isso a Igreja nunca se pronunciou a este respeito, mas é um artigo de piedade fundamentando que São José supera todos os santos em graça e em glória, e que é em corpo e alma o mais próximo de Jesus e de Maria no céu, assim como esteve na terra.

São Bernardino de Sena, afirma que " podemos crer por devoção, e não por segurança temerária, que Jesus ornou o seu pai putativo com o mesmo privilegio concedido à sua Santíssima Mãe, de modo que, como ela foi levada aos céus em corpo e alma, assim também no dia da Ressurreição do Senhor Jesus, ressuscitou consigo o santíssimo José. Assim como a Sagrada Família esteve unida na terra por uma vida laboriosa cheia de graça e de amor, do mesmo modo reina agora na glória em corpo e alma." (75)

Em todos os casos, seja qual for a conclusão, devemos admitir que uma eventual ressurreição de São José e a sua conseqüente assunção ainda são uma opinião devota e não uma doutrina certa.

O PODER DA INTERCESSÃO

São Gregório Nazianzeno disse que "São José reúne em si um tesouro de riquezas e Deus concentrou na sua pessoa os esplendores de todos os santos". Por isso, é natural que, devido a sua presença na vida da Igreja e na vida dos cristãos, ele tenha um grande poder de intercessão. Esse poder foi sempre defendido por numerosos escritores josefinos, mesmo por que a Igreja sempre ensinou o poder da intercessão dos santos diante de Deus.

Convencido disso, Santo Tomás de Aquino ensina: "Alguns santos receberam o privilégio de nos proteger em casos especiais. A São José, porém, foi conferido o encargo de nos socorrer em todas as necessidades. Foi-lhe dado defender, proteger e amparar com benevolência perenal todos os que a ele recorrem." O mesmo dirá Santa Teresa do Menino Jesus: "Parece que o Senhor deu aos outros santos a graça de socorrer-nos em algumas necessidades particulares, mas, quanto ao glorioso São José, sei por experiência própria que ele nos socorre em todas." Sendo São José esposo e pai, Maria e Jesus lhe obedeceram na terra; ele era o chefe da casa de Nazaré e Jesus e Maria lhe eram submissos. No céu, José continua gozando os títulos de esposo e pai; portanto, é lógico que tanto Maria como Jesus continuem no céu com a mesma atitude de respeito e consideração para com São José.

"No céu, diz Santa Teresa de Ávila, é feito tudo o que São José pede". Devido sua qualificação como esposo e pai, São José tem diante de Maria e do próprio Jesus uma força de intercessão muito grande. O seu patrocínio é universal.

Como dizia Gerson, os pedidos de São José no céu "são considerados por Nosso Senhor, como ordens, pois o pedido de um pai ao filho tem o valor de uma ordem". Ele se avantajava entre os demais santos, porque pode ajudar em todas as necessidades. Foi vendo esse poder de intercessão de São José que Santo Afonso perguntou: "Quem não sabe que São José ocupa, depois de Maria, o primeiro lugar no coração de Deus, e por isso pode tudo junto ao Senhor em favor daqueles que o invocam?" Ninguém depois de Maria participou tanto da graça de Cristo, por isso ninguém depois de Maria pode nos conceder mais graças que São José, pois a sua vida recolhe em si um abismo de graças. Por isso Gerson diz que "no céu São José não pede, mas manda, não impetra, mas impera".

Santa Teresa, a grande devota de São José, dirá: "Tomei o glorioso São José como meu advogado e patrono e confiei nele com fervor. Este meu pai e protetor me ajudou nas necessidades em que me encontrava e em muitas outras mais graves, nas quais estavam em jogo a minha honra e a saúde da minha alma... Vi claramente que a sua ajuda sempre foi maior do que eu esperava. Não me lembro até agora de haver-lhe pedido alguma graça sem que a tenha recebido imediatamente. E o que me maravilha de verdade é lembrar os grandes favores que o Senhor me concedeu e os perigos da alma e do corpo de que fui libertada pela intercessão deste santo... Aliás, também outras pessoas que, a meu conselho,

se colocaram sob o seu patrocínio, reconheceram isso por experiência e são muitas as almas que se tornaram já há algum tempo suas devotas por terem experimentado esta verdade... Pela grande experiência que tenho dos favores que São José obtém de Deus, gostaria de persuadir a todos a serem seus devotos. Não conheci nenhuma pessoa que lhe seja verdadeiramente devota e pratique qualquer devoção em sua honra que não faça progressos notáveis no caminho das virtudes. As almas que se colocam sob a sua proteção são ajudadas de maneira toda particular. Já faz vários anos que, no dia da sua festa, eu lhe peço uma graça especial e ele sempre me atendeu. Se a graça que lhe peço não é tão conforme à glória de Deus, ele mesmo a corrige e faz com que eu adquira um bem ainda maior. Se a minha palavra pudesse ter autoridade, de boa vontade me alongaria a contar com detalhes as graças que esse glorioso santo concedeu a mim ou a outras pessoas... Quem não acredita em mim, peço pelo amor de Deus, que experimente, e verá por experiência própria, quanta vantagem existe em colocar-se sob a proteção deste glorioso patriarca e sem ser seu devoto"... (76)

Também Dom José Marelló, fundador da Congregação dos Oblatos de São José, grande devoto do nosso patriarca, exortava a todos que se colocassem sob o patrocínio de São José, se quisessem fazer progressos rápidos na vida espiritual. Dizia: "Recomendemo-nos a São José, guia e mestre da vida espiritual, modelo inatingível de vida interior e escondida". Ainda mais, ele declarava a confiança ilimitada que o devoto deve ter na intercessão de São José com este pensamento: "Se São José não concedesse graças, não seria mais São José." Da mesma opinião é o Pe. Lallement, quando afirma: "Cada alma que deseja progredir na vida interior deve se esforçar para tornar a devoção a São José presente na sua vida, pois ele recebeu o encargo de governar, sob a direção do Espírito Santo, o Filho de Deus e a sua mãe, e por esse mérito adquiriu como que um direito de conduzir interiormente as almas dos fiéis. Portanto, aqueles que o têm como seu diretor espiritual fazem progressos maravilhosos na vida". Acrescente-se que Santa Teresa dizia que as graças que São José mais concede são o perdão dos pecados, o amor a Jesus e a Maria, uma vida interior e uma boa morte. Ele possui efetivamente o remédio para todas as nossas necessidades, tanto do corpo como da alma, porque possui um crédito junto a Jesus, e por isso pode nos valer em todas as necessidades. Também Pio XI, grande devoto de São José, exortava "todos os fiéis de qualquer lugar ou condição a terem confiança no patrocínio e na tutela do bem-aventurado São José", o qual tem diante de Deus uma intercessão "onipotente". E o Papa Bento XV considerou São José como o caminho mais breve da santidade. Por meio dele somos conduzidos diretamente a Maria e mediante Maria à fonte de toda a santidade, Jesus. Ele é o dono da fonte da graça.

O PROTETOR

O relacionamento pessoal e direto com Cristo e a missão redentora que São José teve deve estender-se logicamente a toda a Igreja, que é o prolongamento de Cristo no mundo. Embalados por essa verdade, os bispos e os superiores gerais e diversas ordens religiosas pediram, durante a realização do Concílio Vaticano I, que São José tivesse um culto especial na liturgia e o Concílio decretasse que "São José, a quem Deus tinha

confiado a guarda da Sagrada Família, fosse declarado primeiro Patrono da Igreja, depois da Virgem Santíssima".(77) Esse pedido não foi examinado no Concílio devido às vicissitudes políticas da época, que fizeram com que o Concílio terminasse antes do previsto, mas o Papa Pio IX resolveu a questão com o decreto da Sagrada Congregação dos Ritos Quemadmodum Deus , de 08 de dezembro de 1870, no qual São José é proclamado Patrono da Igreja Católica.

O Papa motiva a escolha do Patrocínio de São José dizendo que, à semelhança do antigo José, quando chegou a plenitude dos tempos, "Deus elegeu um outro José, constituindo-o como senhor da sua Casa e de suas propriedades, e como guarda dos seus tesouros mais queridos": deu-lhe como esposa a Mãe de Deus; foi considerado pai de Jesus, "que ele abraçou e beijou com afeto paterno, e o nutriu com solicitude especialíssima... Por essa dignidade sublime concedida pelo Senhor ao seu servo fidelíssimo, a Igreja lhe rendeu honras inferiores somente àquelas concedidas a Maria, e implorou a sua proteção em tempo de angústia". E, como muitos prelados e fiéis pediram que fosse declarado Patrono da Igreja, "o nosso santíssimo senhor Papa Pio IX, comovido com os últimos acontecimentos, para pedir o patrocínio do poderosíssimo patriarca São José a si mesmo e a todos os fiéis, quis aceitar o desejo dos santos Pastores e o declarou solenemente Patrono da Igreja Católica." (78)

Por ocasião dos 50 anos da proclamação de São José como patrono da Igreja, o Papa Bento XV , no "motu proprio" de 25 de julho de 1920, assim se expressava: " Nós, confiados grandemente no seu patrocínio, a cuja vigilância e providência Deus quis encomendar o Unigênito encarnado e a Virgem Mãe, ordenamos a todos os prelados do mundo católico que , em tempos tão necessitados para cristandade, exortem os fiéis a invocar São José com diligência. O patrocínio de São José sobre toda a Igreja é complemento e prolongamento da sua paternidade em relação a Cristo, Cabeça da Igreja."

Também o Papa Leão XIII na sua encíclica Quamquam Pluries, de 15 de agosto de 1889, explica o porque do patrocínio de São José sobre toda a Igreja Católica com este raciocínio: "As causas e razões especiais pelas quais São José foi proclamado Patrono da Igreja e em virtude das quais ela se colocou repetidas vezes sob a sua proteção são estas : " Porque ele foi o esposo de Maria e pai, como era reconhecido, de Jesus Cristo. Daí derivam sua dignidade e graça, santidade e glória".

Para o Papa Leão XIII , São José foi aquele que cuidou assiduamente da sua esposa e do seu divino Filho, sustentou e vestiu a ambos, salvou-lhes a vida buscando-lhes um refúgio seguro. Governou com autoridade "a casa divina que José comandava com poder e continha em si os germes da Igreja nascente" "Por ser esposo de Maria e pai de Cristo - exerce uma autoridade em certo sentido paterna. Portanto, é conveniente e sobremaneira honroso para o bem-aventurado São José que, assim como em outro tempo cuidou santamente da Sagrada Família em Nazaré, em todas as suas necessidades, da mesma forma defenda e proteja agora com o seu patrocínio celeste a Igreja de Cristo." (79)

Os mesmos conceitos serão expressos pelo Papa Leão XIII na oração que compôs e indulgenciou, para que fosse rezada no mês de outubro depois do terço de Nossa senhora: " Por esse laço sagrado de caridade que vos uniu à Virgem Imaculada Mãe de Deus, e pelo amor paternal que tivestes ao Menino Jesus, ardentemente vos suplicamos que lanceis um

olhar benigno sobre a herança que Jesus Cristo conquistou com seu sangue, e nos socorrais em nossas necessidades com vosso auxílio e poder. Protegeí, guarda da divina Família, o povo eleito de Jesus Cristo. Afastai para longe de nós, pai amantíssimo, a peste do erro e do vício. Assisti-nos do alto do céu, nosso fortíssimo sustentáculo, na luta contra o poder das trevas, e assim como outrora salvastes da morte a vida ameaçada do Menino Jesus, assim também defendei agora a Santa Igreja de Deus das ciladas de seus inimigos e de toda a adversidade..." (80)

A encíclica leonina, que proclama São José como Patrono da Igreja Universal, espelha a necessidade da proteção da Igreja naqueles tempos difíceis. De fato, constatava-se a falta de fé, o esfriamento da caridade e a depravação das idéias. Havia oposição à Igreja e ao papado e a tentativa de derrubar os fundamentos da religião. Por isso mesmo o Papa dirá : "Para fazer com que Deus seja mais favorável às nossas orações, e para que, entre tantos intercessores que podem ser invocados, derrame de maneira mais pronta e copiosa auxílios à sua Igreja, acreditamos ser muito útil que o povo cristão se habitue a pedir com devoção a confiança, junto com a Virgem Mãe de Deus, também ao seu castíssimo esposo São José . E temos bons motivos para crer que isto será particularmente agradável à Virgem Santa...".

As razões pelas quais São José deve ser tido como Patrono da Igreja e a Igreja, por sua vez, espera muito da sua proteção especial residem sobretudo no fato de que ele é o esposo de Maria e pai putativo de Jesus Cristo. Se Deus deu José como esposo a Maria, deu-o não só como companheiro da sua vida, testemunha da sua virgindade e tutor da sua pureza, mas também como participante, por força do vínculo conjugal, da excelsa dignidade com a qual havia adornada. Por disposição divina, entre todos, ele foi guardião e, na opinião dos homens, pai do Filho de Deus. Daí se seguia que o Filho de Deus lhe fosse submisso, lhe obedecesse e prestasse a honra e a reverência que os filhos devem aos pais. Portanto, é justo e digno que, assim como ele guardou no seu tempo a Família de Nazaré, agora guarde e defenda com o seu patrocínio a Igreja de Deus. Por seu chamado e por sua resposta generosa José é verdadeiro pai de Cristo; foi o sustentáculo dele em sua infância e adolescência, foi seu protetor e educador. Estas mesmas funções lhe competem agora em relação à Igreja.

A proclamação de São José como Patrono Universal, não teve o simples objetivo de conferir-lhe uma função honrosa na Igreja, mas foi acima de tudo o reconhecimento de um fato que estava um tanto escondido, embora palpitasse no coração de muitos fiéis. Essa proclamação teve um significado de grande importância, como disse o teólogo e Cardeal Lepicier, " pois se São José é o esposo de Maria e o pai putativo de Jesus, então o seu patrocínio se estende a todos que são devedores do seu resgate a Cristo e à Mãe, já que ele foi o protetor de ambos. Por isso São José é um Protetor de honra, para todos os santos que estão nos céus."

O patrocínio "deve ser invocado e continua sendo sempre necessário à Igreja não só para defendê-la dos perigos, que surgem continuamente, mas também e sobretudo para confortar no seu renovado empenho de evangelização do mundo e levar adiante a nova evangelização dos países e nações...onde a religião e a vida cristã já foram tão prósperas, mas hoje se encontram submetidas a dura provação. Para levar o primeiro anúncio de Cristo ou voltar a apresentá-lo onde ele foi descuidado ou esquecido, a Igreja precisa de

uma particular "força do alto" , que é dom do Espírito Santo, certamente, mas não está separada da intercessão e do exemplo dos seus santos. (81)

A Igreja , sabendo que São José foi escolhido por Deus para confiar-lhe os "inícios da nossa redenção e colocando-o como chefe da Sagrada Família, invoca o seu patrocínio a fim de que "continue do céu a sua intercessão pela Santa Igreja , que venera como protetor". (82)

Como conclusão, podemos dizer com Pio IX, por ocasião da proclamação de São José como patrono da Igreja Universal, que "daquele momento em diante a presença de São José se tornaria mais atual, mais reconhecida e mais luminosa".

Mas São José não é protetor só da Igreja, mas de todos os fiéis. O próprio Pio IX declarava no seu decreto: "Para que ele proteja a todos os fiéis." E Leão XIII, na oração já mencionada, especifica: "Amparaí cada um de nós com o vosso constante patrocínio, a fim de que, a vosso exemplo e sustentados com o vosso auxílio, possamos viver virtuosamente, morrer piedosamente e obter no céu a eterna bem-aventurança. "Todos os cristãos devem ter sempre São José diante dos olhos com o seu exemplo humilde, o seu modo maduro de servir e participar da "economia da salvação", visto que ele respondeu com prontidão e dedicação ao serviço de Jesus um sacrifício total. Por isso, José foi para Jesus um modelo perfeito, pois se colocou completamente à disposição da vontade de Deus e executou humilde e fielmente o plano divino da encarnação, e por isso tornou-se de tal modo " o modelo dos humildes, que o cristianismo enaltece; São José é a prova de que, para ser bons e autênticos seguidores de Cristo não são necessárias grandes coisas, mas bastam e são necessárias virtudes comuns e autênticas." (83)

Deus pediu tudo a São José e ele respondeu ao seu apelo fazendo-se um holocausto da vontade divina. Por isso, é o tipo ideal do Evangelho, ao qual Jesus fará alusões em suas pregações. São José é aquele que descobriu o Reino de Deus e deixou tudo para possuí-lo é o protagonista da parábola do tesouro escondido, que vende tudo o que possui para comprá-lo. É o comerciante de pérolas preciosas, que vende todas as demais pérolas que possui para comprá-la. Portanto, São José merece o título evangélico de "servo bom e fiel".

Ele desenvolveu com tanta responsabilidade e serviço a sua vocação, exerceu a sua autoridade na Sagrada Família de modo tão exemplar que mereceu de Pio XI o título de "Pai da grande caridade." (84) Portanto, José teve por Jesus um amor sem limites, ao lado de Maria, e do mesmo modo pelo próximo.

Nos exemplos que São José nos lega, "vemos como Deus espera de cada um de nós o que Ele tem o sacrossanto direito de esperar, ou seja, a correspondência fiel e generosa aos seus apelos, à sua vontade, aos seus desejos, o exemplo fiel e diligente de tantos dons naturais e sobrenaturais que Ele mesmo distribuiu a cada um, segundo os diversos deveres do estado que a cada um é imposto" (85). Como disse o Papa João XXIII, São José fala pouco, mas vive intensamente, não se eximindo de qualquer responsabilidade, que a vontade do Senhor lhe impõe. Oferece um exemplo de atraente disponibilidade ao chamado divino, de calma em cada acontecimento, de plena confiança, fundamentada numa vida de sobre-humana fé e caridade e de grande meio da oração..."(86) Para o Papa Paulo VI, São José é a prova da grandeza ingênita de vida de qualquer pessoa, se esta procurar transformar-se numa resposta de amor a Deus, aceitando generosamente a sua vontade. Por

isso, o Papa propõe a adesão de São José à vontade de Deus como sendo "o segredo da grande vida" para cada homem. (87)

Como São José foi o educador de Jesus, a Igreja confia a vida espiritual dos fiéis a ele, considerando que a vida cristã consiste efetivamente no empenho de reproduzir e desenvolver em nós o próprio Jesus com todos os seus sentimentos e, em todo esse procedimento, São José continua sendo o formador insuperável. São José é acolhido pelo povo particularmente como protetor e modelo dos operários. De fato, a arte cristã sempre apresentou, em grande quantidade, telas e escultores do nosso santo como trabalhador, carpinteiro de Nazaré, que ganha a vida e sustenta a sua família com o suor do seu rosto. Seu trabalho foi orientado para um nobre e elevadíssimo fim: sustentar o próprio Filho de Deus e a sua Mãe. José dignificou o trabalho, inclusive o mais desprezível, como era o seu na mentalidade dos romanos da época, os quais afirmavam que nada de nobre e digno podia vir de uma oficina operária. José trouxe na sua pobre oficina uma renovação e dignificação para o trabalho, por isso muitos Papas não hesitaram em propô-lo como modelo dos trabalhadores. Já Leão XIII, Papa dos operários, afirmava em sua encíclica "Quamquam Pluries" que os operários "devem de modo singular e com direito próprio, recorrer a São José e tomar dele o que hão de imitar". Também Bento XV propõe "São José como modelo a ser imitado e como patrono a ser venerado." Pio XI aponta São José como exemplo a ser imitado e como remédio contra o comunismo ateu, pois pertenceu "a classe operária e sentiu o peso da pobreza em si e na Sagrada Família, da qual era o chefe solícito e abnegado. A São José foi confiada o Deus Menino, quando Herodes quis matá-lo. Com uma vida de fidelidade cumprimento do dever de cada dia, deixou um exemplo de vida para os que ganham o pão com o trabalho de suas mãos". Pertence à classe operária e "experimentou o peso da pobreza para si mesmo e para a sua família, da qual era o chefe vigilante e afetuoso; a ele foi confiada a criança divina, quando Herodes atentava contra a sua vida. Com uma vida de cumprimento muito fiel do dever de cada dia, deixou um exemplo para todos... mereceu ser chamado justo, exemplo vivo da justiça cristã, que deve dominar na vida social" (88). Ao propor o exemplo de São José, o Papa João XXIII dirá: "A Igreja deseja conscientizar os trabalhadores para considerarem a sua grande dignidade, e os convida a fazer de suas atividades um meio poderoso de aperfeiçoamento pessoal e de mérito eterno." (89)

Também Pio XII, dirigindo-se aos trabalhadores, lhes fez este convite: Se quereis estar perto de Cristo, "Ite ad Joseph" (Gn 41,55), "Ide a José." O humilde artesão de Nazaré não só personifica junto de Deus e da Igreja a dignidade do trabalhador braçal, mas também é sempre o vosso custódio providente e de vossas famílias". O mesmo Papa ainda dirá que "Nenhum trabalhador esteve tão perfeita e profundamente penetrado (do espírito do Evangelho) como aquele que viveu com Cristo na mais estreita intimidade e comunhão de família e de trabalho, como São José." (90)

Por ter vivido e desenvolvido o seu ministério numa família, São José também é particularmente o protetor das famílias. O Papa Leão XIII dizia que, quem quisesse restaurar o ideal familiar, devia ir até José. Na verdade, a família de Nazaré é o modelo mais sublime para toda família cristã. Em Nazaré estava o germe e o cerne da perfeição de toda família cristã. No seio desta santa família São José foi o chefe amado e obedecido;

ali Maria lhe prestou toda a reverência e Jesus lhe era submisso. São Bernardo dizia que "humildade sem par é que um Deus obedeça a um homem, mas ver um homem que mande em um Deus, é uma glória incomparável". Só um homem do quilate de José podia ser digno de tal honra. Eis, portanto, o seu lugar privilegiado na Sagrada Família de Nazaré. Este santo lar é o exemplo para todas as famílias; por isso, todas as famílias devem consagrar-se a São José e tê-lo como seu protetor. O Papa Pio XII, diante de uma massa de trezentos mil católicos reunidos na praça de São Pedro em Roma, no dia 07 de setembro de 1947, falava da necessidade de salvar as famílias das correntes materialistas, de realizar uma melhor justiça social, uma igualdade na distribuição dos bens, na busca da lealdade na convivência humana, na realização da paz... Para que isso acontecesse, ele pedia aos presentes que escolhessem São José como patrono, pois dizia ele, "nunca existiu um homem tão perto do Redentor pelos vínculos domésticos, pelos relacionamentos do dia-a-dia, pela harmonia espiritual e pela vida de graça, como José, da estirpe de Davi".

Da mesma forma o Papa Pio XI, também dirigindo-se a um grupo de recém-casados no dia 18 de março de 1938, se expressava: "As famílias que vocês constituíram e iniciaram se assemelham à família na qual estava com autoridade de pai. Que este protetor da família à qual pertencem Maria e Jesus também seja o protetor de vossas famílias; que ele, com sua providência paterna e intercessão onipotente vos seja de ajuda, para vós e para vossas famílias: dizemos a sua intercessão onipotente porque é isto mesmo que deve ser dito... A intercessão de São José é a intercessão do esposo, do pai putativo, do chefe da casa de Nazaré, que era composta por ele, por Maria e por Jesus. "Em São José, dizia Leão XIII na encíclica *Quamquam Pluries*, os cônjuges têm um exemplo perfeito de amor, de concórdia e de fidelidade conjugal."

São José também é apresentado como modelo e protetor dos sacerdotes. Embora não tenha tido a grande honra do sacerdócio, pois a sua missão foi determinada diretamente por Deus, ou seja, para guardar Jesus, o tesouro divino na terra, José foi quem mais intimamente viveu com Jesus, pois o tocou, sustentou com seu suor, defendeu com sacrifícios. O mesmo corpo que nasceu da Virgem Maria é, na opinião de Santo Tomás, aquele que o sacerdote segura nas mãos no momento da consagração; é o mesmo corpo que José acariciou com ternura de pai, abraçou e beijou. Portanto, existe um relacionamento entre o sacerdote e São José. Não é por nada que uma das orações que o sacerdote fazia antes, em preparação para a celebração da missa, assim se exprimia: "Ó Deus, que nos destes a realeza do sacerdócio, concedei-nos, vo-lo suplicamos, que assim como o bem-aventurado José mereceu trazer e tratar reverentemente em suas mãos o vosso Filho Unigênito, nascido da Virgem Maria, assim fazei com que, com pureza de coração e inocência de vida, mereçamos servir em vossos santos altares, e assim tomemos hoje dignamente o sacrossanto corpo e sangue do vosso Filho, e mereçamos o prêmio eterno no século futuro."

Muitos fundadores de Congregações procuravam incutir a devoção a São José em seus membros sacerdotes, Santo Afonso Maria de Ligório recomendava encarecidamente que todos os seus filhos redentoristas fossem devotos do santo patriarca. São Vicente de Paulo gostava de apresentar São José como o modelo perfeito para os sacerdotes e religiosos, e recomendava aos missionários que fossem zelosos em propagar o culto a São José em terras de missões. Também o fundador da Congregação dos Oblatos de São José,

José Marelllo, recomendava sempre aos seus Oblatos a devoção e a imitação de São José para o êxito no ministério. Dizia: "Recomendemo-nos a São José, guia e mestre de vida espiritual, modelo inalcançável de vida interior e escondida". Dizia ainda que é necessário tomar as próprias inspirações de São José, que foi o primeiro na terra a cuidar dos interesses de Jesus; ele no-lo guardou criança, protegeu-o menino e fez o papel de seu pai nos primeiros trinta anos de sua vida na terra."

A relação entre a Eucaristia e São José não é algo novo na teologia josefina, pois já São Bernardo dizia: "Aquele que não conservou o trigo para si, mas para todo o povo". São Bernardino de Sena, tomando a analogia dos dois José, afirma a superioridade do pai de Jesus, porque "Ele não só proporcionou aos egípcios o pão da vida corporal, mas procurou com muita sagacidade para todos os eleitos o pão do céu, que sustenta a vida celeste." (91) Também Pio IX, no Decreto Quemadmodum Deus, ensina que São José nutriu aquele que os fiéis deviam comer como pão da vida eterna". (92) Cirino dizia que, assim também "como José mereceu cuidar respeitosamente com suas mãos o Menino Jesus", assim também os sacerdotes devem "servir os altares sagrados com a pureza de coração e a inocência de ação, e oferecer e receber dignamente o sacrossanto corpo e sangue de Nosso Senhor."

O valor e a eficácia de ter São José como protetor e modelo também foram proclamados pelo Papa João XXIII numa audiência em 29 de julho de 1961 aos reitores de seminários. Na oportunidade, ele colocava como pontos fundamentais da formação religiosa a piedade eucarística e com ela a devoção ao Santíssimo Nome de Jesus e seu preciosíssimo sangue, a devoção a Nossa Senhora e também pedia aos reitores que incutissem nos seminaristas uma "confiança especial em São José" pois, sendo "justo", silencioso e discreto, São José é modelo perfeito para ser imitado em quaisquer circunstâncias e naquelas que exigem abnegação de si e abandono total a Deus."

São José também é apresentado como mestre de vida interior. Já São Bernardino de Sena afirmava que São José teve o dom da contemplação no mais alto grau. Sim, porque passou a sua vida na feliz intimidade com Jesus e Maria. Na vida simples entre as paredes da casa de Nazaré, ele vivia a intimidade com o seu Salvador, podia contemplar de modo concreto o próprio Filho de Deus. Por isso, não é exagero pensar, afirmou Graciano, que "um só abraço de Jesus, um só gesto de Jesus para com seu pai adotivo era suficiente para elevar a sua alma ao mais alto grau de contemplação". Não é por nada que os progressos da vida interior dos santos foram conseguidos na escola de Nazaré. Santa Teresa diz que aprendeu os segredos da vida interior na devoção a São José: "De todas as almas que se dirigem a São José, não conheço uma só que não tenha feito progressos rápidos na perfeição." José Marelllo aconselha continuamente aos seus religiosos dizendo: "Peçamos a São José que seja o nosso diretor espiritual".

São José sempre exerceu uma força irresistível na vida dos santos, constituindo para eles uma verdadeira escola de santidade. Sem dúvida a devoção a São José foi para muitos santos um meio para que alcançassem a perfeição de suas vidas e chegassem a santidade. São Luís Gonzaga, desde bem pequeno, procurava imitar a pureza de São José. Santo Inácio tinha em seu oratório uma imagem de São José, onde passava horas em meditação. São João Maria Vianey, o Cura D'Ars, foi um imitador perfeito de São José, no trabalho e no silêncio, pregando sempre a devoção a esse grande santo. São João Batista de La Sale,

desde pequeno, era devoto de São José, e cada dia rezava a ladainha em sua honra. Em suma, foram inúmeros os que trilharam o caminho da santidade procurando imitar o exemplo do nosso santo patriarca e invocá-lo nas necessidades.

São José também é invocado como protetor da boa morte. Justamente por ter morrido ao lado de Jesus e de Maria, a tradição sempre o teve como protetor da boa morte. É nossa crença que os santos nos céus, vivendo a plenitude do amor de Deus, nos obtêm as mesmas graças que mais alcançaram e viveram na terra. Ora, entre as graças que São José obteve neste mundo, uma das especiais foi a de ter morrido ao lado de Jesus e de Maria. Os santos têm muito para nos ensinar, por isso não está fora de contexto lembrar que Santa Teresa, grande devota de São José, nos diz : que observava em muitas de suas irmãs carmelitas que, no momento de darem o último suspiro, " tinham uma calma, uma tranquilidade inefável. Dir-se-ia que se encontravam em doce êxtase ou no repouso da oração. Nada indicava que uma tentação perturbasse a paz íntima de que gozava". São abundantes os exemplos de devotos de São José que, na hora da morte, sentiam-se calmos e serenos e expiravam suavemente. Por isso, Bernardo de Bustis, grande devoto de São José, diz de maneira muito simples, mas conveniente, que Jesus, tendo as chaves do paraíso nas mãos, deu uma para Maria e outra para José para que, na hora da morte, possam introduzir os seus devotos no lugar de refrigério e de paz.

Ele é o "refugio dos pecadores, conforme rezamos na sua ladainha. Deus o fez plenipotenciário, ou seja, aquele que pode socorrer e aliviar todos os pecadores em suas necessidades. Os egípcios no Antigo Testamento diziam a José nos momentos difíceis: "Salus nostra in manu tua est", a nossa salvação está em tuas mãos. Assim também os seus devotos podem recorrer a ele com o mesmo apelo: "A nossa salvação está em vossas mãos. "O inferno, disse o Pe. Huget, grande devoto de São José, "tem horror de uma alma verdadeiramente devota de São José".

III PARTE

A terceira parte focaliza São José nas lentes de Mateus e Lucas passando pelos apócrifos, pelos Padres da Igreja, Magistério, Culto, Arte etc. Até chegar nos contos atuais de estudos Josefinos. É um panorama rico de referimentos à história, lugares, pessoas,

estudiosos e devotos. Com isso, apreciamos o ilustre Protetor da Igreja presente e significativo ao longo dos séculos.

SÃO JOSÉ NO NOVO TESTAMENTO

No Novo Testamento, as primeiras notícias sobre São José vêm dos evangelistas Mateus e Lucas, que procuraram ilustrar para as comunidades cristãs hebraica e grega tudo o que era possível sobre o nascimento, a infância e a adolescência de Jesus. Assim, eles não puderam deixar de colocar em evidência a colaboração de Maria e de José no plano da encarnação e da redenção.

Os dois evangelistas concordam em apresentar São José como descendente da estirpe de Davi (Mt 1,1-16.20; Lc 1,27; 2,4; 3,23-31). Porém divergem na genealogia, cada um seguindo uma série de antepassados diferentes: Mateus chega até José através de Jacó (1,16) e Lucas através de Eli (3,23).

Lucas (1,26) apresenta Nazaré como o lugar onde José se casou com Maria, a qual, cheia do Espírito Santo, concebeu Jesus. E acrescenta que, devido ao edito de César Augusto que ordenara a realização de um recenseamento, José e Maria partiram de Nazaré em direção a Belém, onde Jesus nasceu (2,1-7).

Mateus escreve para os hebreus e sublinha mais a messianidade de Jesus, filho de Davi. Mostra que Jesus é descendente de Davi por intermédio de José, esposo de Maria. Lucas destaca mais a concepção e o nascimento de Jesus, evidenciando a virgindade de Maria.

Mateus por querer a paternidade legal de José, que recebeu por intermédio do Anjo essa incumbência de Deus, inclusive a de impor o nome ao Menino. Lucas, ao contrário, atribui a Maria a incumbência de dar o nome a Jesus (1,13). Fala ainda da apresentação de Jesus no Templo quarenta dias depois do seu nascimento, onde se dá a purificação de Maria e o resgate do primogênito. Neste quadro, José escuta maravilhado o que Simeão diz a respeito do Menino e recebe a benção (2,1-15).

Mateus, que apresenta José como pai legal de Jesus, também reconhece sua autoridade sobre Maria e seu filho. Mostra isso através do exercício de seus direitos e de suas funções como chefe da Sagrada Família. É a ele que o Anjo aparece e comunica o que deve fazer. Será ele que deverá tomar as decisões quanto a Maria e ao Menino. (2,13). Este evangelista cita o Egito como o lugar onde a Sagrada Família se refugiou para fugir às perseguições de Herodes, em permanência que durou até a morte do rei. (Mt 2, 19ss) que aconteceu no ano 750 de Roma. Esclarece ainda que, ao voltar do Egito, José foi morar em Nazaré devido ao caráter cruel e vingativo de Arquelau (2,22 ss). Lucas dá mais uma informação quando diz que José costumava dirigir-se cada ano com sua família a Jerusalém para a festa da Páscoa (2,41). Foi justamente numa dessas ocasiões que Jesus, aos 12 anos, ficou na cidade sem o conhecimento dos pais, causando a eles um grande sofrimento. Lembra ainda que, em Nazaré, o Menino era submisso a seu pai e a sua mãe (2,51). Mateus (13,55) e Marcos (6,3) declaram que o trabalho ou a profissão de José era carpinteiro. A generalidade do termo *faber* permite atividades materiais.

Em síntese, os trechos da Sagrada Escritura que falam sobre o nosso Santo podem ser resumidos nos seguintes:

.Descendente da casa de Davi - Mt 1,16 / Lc 1,27.

. Esposo de Maria - Mt 1,18.

. Pai de Jesus - Mt 1,20; 13,55 / Lc 3,23; Jo 1,45 ; 6,42.

. Perplexidade diante do mistério da encarnação - Mt 1,19.

. Viagem a Belém para o recenseamento ordenado por César Augusto - Lc 2,4-6.

. Fuga ao Egito e volta com Maria e o Menino para Nazaré - Mt 2, 14. 19-23.

. Perda e encontro de Jesus aos 12 anos no Templo de Jerusalém; em seguida o Menino desceu com eles a Nazaré, onde lhes era submisso - Lc 2,48.

. Era um homem justo - Mt 1,19.

Em resumo, os dados dos evangelistas sobre São José são estes: era justo, filho de Davi, esposo de Maria, pai de Jesus e carpinteiro. São poucas informações, mas de importância fundamental, como todas as da Sagrada Escritura, pois são como sementes cheias de vitalidade e de conteúdos inexauríveis.

SÃO JOSÉ NOS APÓCRIFOS

São conhecidas como apócrifos algumas obras que versam sobre os mesmos assuntos de escritos bíblicos, mas que não são consideradas inspiradas. São textos da mesma época dos escritos bíblicos, ou até um pouco posteriores, datando dos últimos séculos antes de Cristo ou dos primeiros séculos da era cristã. Apócrifo quer dizer secreto, escondido, oculto, pois não era de uso público ou não usado oficialmente na liturgia ou no ensino.

Essa literatura dos apócrifos teve realce a partir da metade do 2º século, porém a Igreja não os reconheceu como verídicos, pois não passavam de ficções, acompanhadas por muitas fantasias e lendas até bastante pueris. Entretanto, exerceram uma influência profunda na pregação e na devoção popular, assim como nos escritores da Igreja, na liturgia e nas expressões artísticas. É graças a essas fontes que temos um São José representado como velho, com um bastão florido na mão, assim como o cenário do seu casamento no Templo de Jerusalém e outros episódios.

Um dos apócrifos que falam de José é o Protoevangelho de Tiago, do 2º século. Ele descreve a vida de Maria, seus pais, seu nascimento, a vida no Templo, o casamento com José, a anunciação, a visita a Isabel, a prova das águas amargas, o nascimento de Jesus, a visita dos reis magos e a matança dos inocentes. Outro apócrifo é o Evangelho do Pseudo Mateus, do século VI, que em parte é uma reelaboração do Proevangelho de Tiago. Serviu de inspiração para pinturas como a apresentação de Maria no Templo, a estada no Egito e os milagres de Jesus na infância. Há também o Pseudo Tomás de século III, que descreve Jesus como um menino extravagante, muitas vezes ingênuo e generoso. Outros apócrifos são o Livro da Natividade de Maria, que é uma breve referência ao Pseudo Mateus; o Evangelho Siro-Árabe da Infância, do século VI, o Evangelho Armênio da Infância, do ano 590, que repete o Protoevangelho e outros; a História de José, o Carpinteiro, do II século; e o Livro da Infância do Salvador, dos séculos IX e X.

Todos esses escritos tentam imitar os livros sagrados da Bíblia e procuram satisfazer a curiosidade. Ressaltam a virgindade de Maria e a divindade de Jesus. Sobre São José, dizem que era carpinteiro e construía arados, cargas e outros objetos de madeira destinados à agricultura. Afirmam que ele casou-se pela primeira vez aos 40 anos com uma mulher chamada Melca, com quem viveu quarenta e nove anos e teve quatro filhos (Judas, Justo, Tiago e Simão) e duas filhas (Assia e Lídia). Ficou viúvo aos 89 anos e em seguida foi chamado pelos sacerdotes para casar-se com uma jovem de 12 anos de nome Maria. Como esta tivesse outros pretendentes, os sacerdotes fizeram a escolha através de um bastão florido, do qual saiu uma pomba que voou sobre a cabeça de José como sinal de sua eleição divina.

Segundo esses apócrifos, a anunciação do Anjo a Maria ocorreu dois anos depois do casamento, enquanto José estava trabalhando fora. Quando voltou, viu em Maria os sinais da gravidez. Eles destacam as dúvidas de São José e a prova das águas amargas (Nm 5,11-13). Ressaltam o parto milagroso de Maria, que permaneceu virgem. Falam da fuga ao Egito, da volta a Nazaré e da vida da Sagrada Família.

Relatam que José viveu com Maria até a idade de 111 anos, sempre com ótima saúde, mente sadia e vigor para o trabalho. Quando o tempo da sua morte chegou, ela lhe foi comunicada por um Anjo. Jesus e Maria estiveram ao lado do seu leito de morte e o confortaram. José foi sepultado num túmulo de família...

SÃO JOSÉ NA IGREJA PRIMITIVA

A Igreja do I século não deu muita atenção a São José, pois estava mais preocupada em realçar a pessoa de Jesus Cristo, nascido de uma virgem, o que não deixava de ser um acontecimento difícil de entender. Portanto, era necessário esforçar-se para proclamar a divindade de Jesus e torná-la aceitável, utilizando os recursos pedagógicos da época. Essa despreocupação em relação ao nosso Santo continuou no decorrer de todo o século, coisa que não aconteceu com Maria.

Os Padres da Igreja não trataram expressamente de São José em seus escritos, mas apenas de forma ocasional, quando analisavam um texto evangélico. Porém alguns proclamaram a grande dignidade do Santo. Podemos citar, por exemplo, os nomes de Justino, Irineu, Inácio de Antioquia, Tertuliano, Orígenes, São Basílio, São Cirilo de Jerusalém, Santo Ambrósio, São Pedro Crisólogo, Santo Isidoro de Sevilha, São Jerônimo, Santo Agostinho, São Bernardo, São Tomás de Aquino, São Boaventura e São Bernardino de Sena.

Santo Ambrósio (+ 397) considerou verdadeiro o matrimônio de José e Maria com base no Direito Romano. São Jerônimo (+ 419- 420) sustentou a virgindade de José. Santo Agostinho (+ 430) defendeu e ilustrou a virgindade do nosso Santo, o seu verdadeiro casamento com Maria e a sua paternidade singular. Foi depois dele que se começou a falar de São José com mais interesse.

É de se notar que os monges e os abades contribuíram muito para a teologia Josefina. O primeiro deles foi São Beda, o Venerável. Depois dele podemos citar São Bernardo (+ 1153), que comparou José do Egito com José de Nazaré. Foi também ele o autor da oração que a Igreja recomenda aos sacerdotes na preparação da Missa. São Tomás de Aquino (+ 1274) afirmou o matrimônio perfeito entre José e Maria, quanto à sua essência e perfeição. Defendeu a virgindade perfeita de José, que a conservou por toda a vida. Ensinou que o voto de virgindade de José e de Maria foi condicionado antes do casamento.

A difusão de uma doutrina Josefina se inicia no século XIII. O franciscano São Boaventura fala de São José no seu "Comentário sobre São Lucas" e em diversos sermões, nos quais o exalta como exemplo perfeito de devoção a Jesus e a Maria. São Bernardino de Sena admite a ressurreição e a ascensão do nosso Santo no seu "Sermão sobre São José, Esposo da Bem-aventurada Virgem". A Igreja tirou de seus sermões as leituras para o ofício do Patrocínio de São José. Depois vêm os chamados três Bernardinos, o de Feltre (+ 1494), o de Bustis (+1513) e o de Laredo (+1540), assim como São Vicente Ferrer (+ 1419) e Santo Antonino de Firenze (+ 1459). □

Destaque especial deve ser dado a Jean Charlier (+ 1419), chanceler da Universidade de Paris, mais conhecido como Gérson devido ao lugar onde nasceu, perto de Rethel. Ele apresentou com ênfase apaixonada a doutrina Josefina e se distinguiu por zelar pela honra de São José. Escreveu "Considerações sobre São José", "Josefina" e um "Sermão sobre a gloriosa Natividade da Virgem Maria e sobre a recomendação de seu esposo virginal José" que foi pronunciado aos Padres do Concílio de Constança (08 09 1416), exortando-os a invocar oficialmente a intercessão do Santo e a instituir uma festa em sua honra para obter a unidade da Igreja. Este autor sustentou a santificação de São José já no seio materno, sua imunidade à concupiscência, sua ressurreição e ascensão ao céu. Outro

josefólogo digno de menção é o dominicano Isidoro Isolani (+ 1528), que apresentou um verdadeiro tratado teológico sobre nosso Santo em sua obra "Suma dos dons de São José", de 1522. Foi o primeiro a recolher com ordem e método tudo o que de melhor havia sido registrado sobre o grande Patriarca. Estes dois, Gérson e Isolani, representam um marco histórico significativo no desenvolvimento da teologia Josefina. Abriram um horizonte amplo para um número considerável de estudiosos que escreveram sobre São José e sua teologia.

O século XVI conheceu uma das figuras mais eminentes da devoção Josefina, que elevou o culto a São José ao seu alto esplendor. Foi Santa Teresa d' Ávila (+ 1582), que pregou o seu patrocínio e promoveu o seu culto na Espanha. Ela dedicou o seu primeiro mosteiro de Ávila (1562) ao "glorioso pai São José". Outros dez mosteiros da sua Ordem foram verdadeiros centros de irradiação da devoção ao nosso Santo. Não podemos falar da história do desenvolvimento do culto a São José sem levar em consideração essa figura eminente. Em todos os seus mosteiros, Santa Teresa colocava uma imagem de São José para que ele fosse honrado. Na sua autobiografia manifesta um grande amor ao Santo, apresentando-o como mestre de vida interior e advogado poderoso em todas as necessidades. De certo modo, como disse o papa Bento XIV, "São José deve a Santa Teresa a glória que hoje tem no mundo". Santa Teresa tinha convicção plena de que todas as graças que recebia de Deus para sua alma e seu corpo as obtinha por ter invocado a proteção de São José.

Para reconhecer a grandeza do Santo, devemos lembrar outros grandes escritores como Caetano (+ 1536), Bernardino de Laredo, que publicou "Josefina" em 1535, João Maldonado (+ 1583), Pedro de Morales (+ 1614), Pedro Canísio (+ 1597), Francisco Suárez (+ 1617), jesuíta que revolucionou o pensamento sobre São José descrevendo-o como membro da ordem da união hipostática, Jerônimo Graziano da Mãe de Deus (+ 1614), carmelita descalço, discípulo de Santa Teresa, que publicou em 1597 o livro "Josefina", João de Cartagena (+ 1618), São Lourenço de Bríndisi (+ 1619), São Francisco de Sales (+ 1622), que influiu muito na difusão da devoção Josefina com seu "Tratado do amor de Deus" e suas "Conferências Espirituais". Cornélio Lapide (+ 1637) reivindicou para o Santo o culto de suma dulia. Olier (+ 1657) colocou a fundação de seus seminários sob a proteção de São José, São Vicente de Paulo (+ 1660) quis São José como patrono da Congregação da Missão. A carmelita Clara Maria da Paixão (+ 1675) intercedeu junto a Clemente X para que a festa de 19 de março fosse elevada ao rito de segunda classe (93). Bossuet (+ 1704) declamou panegírico famoso sobre São José.

No século XVIII, a teologia Josefina decaiu um pouco. Porém não faltaram com obras muito difundidas, como José Antônio Patrignani, que em 1710 publicou "O devoto de São José", traduzido em várias línguas. Pedro di Torre escreveu em 1723 "Excelências de São José". O carmelita Rafael Bavaro divulgou em 1723 "A História de São José". Em 1927, Antônio de Peralta desenvolveu na Cidade do México, "Dissertações Escolásticas sobre São José". Em 1767, em Ausburgo, Shenk fez uma "Dissertação Escriturística sobre São José" e no mesmo ano, em Bolonha, Trombelli escreveu "Vida e Culto de São José". Lembramos ainda Santo Afonso Maria de Ligório (+1787) e Gaspar Bertoni (+ 1853).

Do século XIX até os nossos dias encontramos Manuel Maria de Sanlúcar de Barrameda, capuchinho que escreveu "Nova Josefina" em dois volumes editados em

Compostela em 1830. Francisco Butiná, jesuíta e fundador de duas Congregações femininas (Servas e Filhas de São José) , publicou em Barcelona "Glórias de São José". Mercier, jesuíta, publicou em Paris "São José, esposo de Maria, pai nutrício de Jesus, patrono da Igreja", em 1895.

Devemos lembrar também que no século XIX surgiu aquela que poderia ser chamada de " teologia do trabalho ", devido à forte expansão industrial na Europa. Apareceu, então, uma corrente espiritual ligada a São José, que foi carpinteiro. Em conseqüência, nasceram congregações dedicadas à educação religiosa da juventude operária como os Josefinos de Murialdo, tendo como fundador Leonardo Murialdo, e os Oblatos de São José, fundados em Asti pelo Bispo José Marelllo.

Nesse contexto também surgem as campanhas populares e as promovidas por bispos e superiores gerais para obter da Santa Sé a proclamação do Santo como patrono da Igreja, assim como a menção do seu nome nas orações da Missa. O resultado de tudo isso foi a publicação de documentos ricos em teologia Josefina. Mais tarde, Cipriano Macabiau (+ 1915) desenvolveu uma ampla campanha para conseguir o culto de "protodulia" a São José e para que seu nome fosse colocado, na liturgia, logo depois de nome de Maria e mencionado no "Confiteor", no Suscipe, Sancta Trinitas", no "Communicantes" e no Libera nos". Conseguiu que sua petição fosse assinada por 66 cardeais e 826 bispos. Ainda no século XIX começaram a ser publicadas revistas populares que promoviam a devoção Josefina.

O século XX se abre com a esplêndida obra do cardeal espanhol José de Calasanz y Tutó, "Summa Josephina ex patribus, doctoribus, asceticis et poetis qui de eximia dignitate Sancti Joseph scripserunt", editada em Roma em 1907. Antes do Concílio Vaticano II, vários teólogos se ocuparam com a teologia Josefina. Entre tantos, destacamos Alexi-Henri-Marie Lépiciér (+1936), cardeal que escreveu "Tractatus de S. Joseph", com várias edições. Ele recebeu do papa Pio X a incumbência de compor a Ladainha de São José. Eugênio Cantera (+ 1955), agostiniano, publicou em 1917 "San José em el plano divino". O jesuíta José Maria Bover (+ 1954) escreveu "De cultu S. Joseph" em Barcelona, em 1926. O biblista Urbano Holzmeister, jesuíta, publicou em Roma "De Sancto Joseph quaestiones biblicae" em 1945. Outro jesuíta, Francis L. Filas, escreveu várias obras de caráter josefino, como "Joseph and Jesus, a theological study of their relationship" em 1952, e "Joseph the man closet to Jesus" em 1962. Bonifácio Llamera (+1959) escreveu em 1953 "Teologia de São José", livro que foi traduzido em várias línguas. Roland Gauthier publicou em 1953 a sua tese de láurea, que defendeu no Ateneo Angelicum com o título "La paternité de Saint Joseph". Digna de menção ainda é a obra "São José na Sagrada Escritura, na Teologia e no Culto" de Tarcísio Stramare, docente de Teologia Bíblica na Pontifícia Universidade Lateranense de Roma e diretor do movimento Josefino da Congregação dos Oblatos de São José. Esta obra, editada em 1983, é a monografia mais ampla que estuda a pessoa de São José, pai putativo de Jesus, através dos fundamentos e dos textos normativos da Escritura, da reflexão teológica e das expressões da oração da Igreja". O mesmo autor, além de outras obras e artigos profundos sobre o nosso Santo, escreveu em 1987 "San Giuseppe Virgulto Rigoglioso", onde procurou recolher todas as informações disponíveis sobre São José. Também merece nossa atenção a obra de José Antônio Carrasco, espanhol fundador do Centro Español de Investigaciones Josefológicas

e promotor da revista "Estudios Josefinos" e da Sociedad Íbero-Americana de Josefologia de Valhadolid, na Espanha. Ele publicou em 1984 "San José en lo misterio della Iglesia", onde procura explicitar o relacionamento singular de São José com Jesus e ao mesmo tempo oferece uma breve síntese da história da teologia de São José.

Nesta visão breve e panorâmica, naturalmente não mencionamos todos os autores e estudiosos da teologia Josefina. Existem muitas publicações de outros estudiosos, fundadores de congregações e confrarias etc.

SÃO JOSÉ NO MAGISTÉRIO

Não foram apenas os teólogos que se interessaram pela teologia Josefina. Também o Magistério da Igreja, na voz dos papas, colocou em evidência os pontos essenciais dessa teologia.

Pio IX estendeu a festa do Patrocínio de São José a toda a Igreja com o decreto "Inclytus Patriarcha Joseph", de 10 de setembro de 1847. E proclamou São José como Patrono da Igreja Universal com o decreto "Quemadmodum Deus", de 08 de dezembro de 1870, ensinando que ele é o segundo em poder de intercessão.

O mesmo Papa reconheceu o seu direito a um culto superior ao dos outros santos com o decreto "Inclytum Patriarcham", de 07 de julho de 1871. Além disso, testemunhou sua devoção ao grande Santo com um afresco enorme na sala Imaculada do Vaticano, que lembra a definição do dogma da Imaculada Conceição, no qual São José é colocado entre São Pedro e Jesus. Mandou erigir na Praça Espanha, em Roma, um baixo relevo representando o sonho de São José. Em 1871, foi confeccionado um tapete, no qual o patrocínio de São José é simbolizado por dois anjos que apresentam ao Santo o decreto pontifício e a Igreja. Ordenou, também, que fosse cunhada uma medalha em 1876 na qual São José é representado entre a Igreja e a Sagrada Família.

O Papa Leão XIII colocou o seu pontificado sob a "proteção poderosíssima de São José, patrono celeste da Igreja", na sua primeira alocução ao Colégio Cardinalício, em 28 de março de 1878. Fez menção constante ao Santo em suas diversas encíclicas. Na "Asteri Patris", de 04 de agosto de 1879, lembrou-o como esposo puríssimo da Virgem. Na "Sancta Dei Civitas", de 03 de dezembro de 1880, recordou-o como patrono da Igreja e esposo puríssimo. Na carta apostólica "Militans Iesu Christi Ecclesia", de 12 de março de 1881, confiou a ele o jubileu extraordinário que se iniciaria no dia de sua festa. Na encíclica "Diuturnum", de 29 de junho de 1881, lembrou-o como esposo de Maria e protetor da Igreja. Na encíclica "Etsi nos", de 15 de fevereiro de 1882, invocou Maria junto com São José, protetor e patrono dos cristãos. Na encíclica "Humanum genus", de 20 de abril de 1884, referiu-se a ele como esposo da Santíssima Virgem e protetor celeste da Igreja católica. Na "Quamquam Pluries", de 15 de agosto de 1889, expôs toda a doutrina sobre São José, desde os fundamentos de sua dignidade até as razões porque merece ser patrono

da Igreja e modelo de todas as famílias . Na carta apostólica "Neminem Fugit", de 14 de junho de 1892, instituiu canonicamente a Pia Associação Universal das famílias consagradas à Sagrada Família de Nazaré e afirmou a participação íntima de São José na dignidade suprema da Sagrada Família.

O Papa Pio X lembrou São José como esposo da castíssima Mãe de Deus e como patrono da Igreja católica na sua encíclica "E supremi apostolatus" de 04 de outubro de 1903.

Bento XV recordou a necessidade e a eficácia da devoção a São José e propôs a imitação de suas virtudes no Motu Proprio "Bonum sane", de 25 de julho de 1920, escrito por ocasião dos 50 anos da proclamação de São José como Patrono da Igreja Universal. Na encíclica "Spiritus Paraclitus" de 15 de setembro de 1920, fez observações sobre a riqueza e o significado de São José ser chamado pai de Jesus.

Na alocução de 21 de abril de 1926, o Papa Pio XI ensinou que o título de Patrono da Igreja já pertencia a São José desde o tempo em que era chefe da Sagrada Família. Na alocução de 19 de março de 1928, sustentou a superioridade de São José sobre São João Batista e São Pedro. Na alocução de 19 de março de 1935, mostrou a conexão do grande Patriarca com a união hipostática, de onde deriva sua intercessão poderosa. Na encíclica "Ad sacerdotii catholici", de 20 de setembro de 1935, afirmou que Jesus quis ser educado por José e Maria na casa de Nazaré. Na "Divini Redemptoris", de 19 de março de 1937, propôs o Santo como modelo e patrono dos operários diante do comunismo. Na alocução de 19 de março de 1928, reconheceu à sua intercessão o título de "onipotente".

Pio XII, na alocução de 10 de março de 1954, ao falar sobre o celibato sacerdotal, acentuou que Jesus não só "nasceu de um ventre virginal, como quis ser tratado por um nutrício virgem". No seu discurso de 1º de maio de 1955, destacou novamente São José como patrono e modelo dos operários e instituiu a festa litúrgica de São José Operário. Na encíclica "Haurietis aquas", de 15 de maio de 1956, descreveu o relacionamento familiar de Jesus com São José, salientando que o coração de Jesus palpitava de amor por seu pai putativo, a quem obedecia e ajudava no trabalho de carpintaria. Na rádio-mensagem de 19 de fevereiro de 1958 aos alunos das escolas católicas americanas, inculcou a devoção a São José, descrevendo sua profissão, santidade e personalidade.

João XXIII, na sua carta apostólica "Ite Voci", de 19 de março de 1961, nomeou o Santo como protetor do Concílio Ecumênico Vaticano II.

Paulo VI, no seu discurso aos trabalhadores da Fiat no dia 19 de março de 1964, afirmou a proximidade que esses trabalhadores têm com São José, que também foi trabalhador, e destacou a qualificação humana e social que Jesus recebeu dele. Na construção "Lumen Gentium", de 21 de novembro de 1964, salientou que no sacrifício Eucarístico veneramos sobretudo a memória da gloriosa Virgem Maria, e também a do Bem-aventurado José. Em 19 de março de 1966, tratou de relação entre São José e o mundo do trabalho. Na homilia de 19 de março de 1966, quando sagrava quatro bispos, exaltou a grandeza do grande Santo por sua dedicação total, com amor e por amor, ao serviço de Cristo. Na homilia de 19 de março de 1968, São José foi apontado como o introdutor ao Evangelho das Bem-aventuranças e como exemplo de docilidade e pronta obediência na aceitação e no cumprimento da vontade de Deus. Na homilia de 19 de março

de 1969, falou da existência do Santo como um holocausto às exigências da vinda do Messias e como o modelo do Evangelho que Jesus anunciou como programa para a redenção da humanidade. Na exortação apostólica "Marialis cultus", de 02 de fevereiro de 1974, disse que a Igreja guarda com "profunda reverência a vida santa que Jesus, Maria, sua mãe, e José, homem justo, viveram na casa de Nazaré". Na homilia de 19 de março de 1975, desenvolveu o significado da presença do Santo na família de Nazaré e na família cristã.

João Paulo II, na encíclica "Redemptor hominis", de 4 de março de 1979, inseriu São José no coração da redenção. Na alocução de 19 de março de 1980, salientou que "Deus confiou a São José o mistério cujo cumprimento muitas gerações esperaram...". Afirmou também que "a Igreja sempre foi consciente, e hoje é o de modo particular, de como foi fundamental a vocação daquele homem: de esposo de Maria, o qual passava diante dos homens como pai de Jesus, e que foi segundo o espírito de uma encarnação perfeita da paternidade na família humana e sagrada". Propôs o Santo como modelo a "todos os pastores e ministros da Igreja, para que sirvam o Povo de Deus com dedicação ativa e generosa, como São José serviu dignamente o Senhor Jesus e a Virgem Mãe".

Na encíclica "Laborem exercens", de 14 de setembro de 1981, colocou São José ao lado de Jesus: "Ele era o 'evangelho do trabalho', porque aquele que o proclamava era ele mesmo homem do trabalho como José de Nazaré". Na carta apostólica "Parati semper", de 31 de março de 1985, lembrou que Jesus viveu durante trinta anos ao lado de Maria e de José, o carpinteiro. Na encíclica "Dominus et vivificantem", de 18 de maio de 1986, apresentou São José no episódio da atividade messiânica de Jesus. Na encíclica "Redemptoris Mater", de 25 de março de 1987, José está presente em todos os episódios da infância de Jesus: nascimento, apresentação no Templo, fuga ao Egito e na vida em Nazaré, em que o Menino era submisso a seus pais. No prefácio do novo Código de Direito Canônico, de 25 de janeiro de 1983, João Paulo II confiou a reta observância das normas impetrando a Beatíssima Virgem Mãe da Igreja e "o seu esposo São José, patrono da Igreja".

Por fim, merece destaque a exortação apostólica "Redemptoris Custos" do mesmo Papa, sobre a figura e a missão de São José na vida de Cristo e da Igreja. Ela foi publicada em 15 de agosto de 1989, por ocasião do centenário da encíclica "Quamquam Pluries" do Papa Leão XIII, de 15 de agosto de 1889. Devemos este documento à devoção que João Paulo II tem por São José e ao pedido de cardeais e bispos para que a comemoração dos cem anos de "Quamquam Pluries" não passasse despercebida. Como o título do documento sugere, ele situa-se no centro da redenção, ilustrando a figura e a missão de São José na vida de Cristo e da Igreja. A missão do Santo foi servir na economia da salvação ao desígnio redentor que teve seu início no mistério da encarnação. Seu serviço foi o exercício de uma paternidade singular para com Jesus, no contexto do matrimônio com Maria, participando do mistério da encarnação como nenhuma outra pessoa, além de Maria.

Ao apresentar esta exortação apostólica, João Paulo II diz que é "uma alegria cumprir este dever pastoral, no intuito de que cresça em todos a devoção ao Patrono da Igreja Universal e o amor ao Redentor, que ele serviu de maneira exemplar. Desta forma, todo o povo cristão não só recorrerá a São José com maior fervor e confiadamente ao seu

patrocínio, mas também terá sempre diante dos olhos seu modo humilde e amadurecido de servir e 'participar' na economia da salvação".

Para o documento, foi no mistério da encarnação que "José de Nazaré participou como nenhuma outra pessoa, à exceção de Maria, Mãe do Verbo encarnado. Ele participou desse mistério junto com Maria, envolvido na realidade do mesmo evento salvífico, e foi depositário do mesmo amor, em virtude do qual o Pai eterno 'nos predestinou a sermos adotados como filhos', por intermédio de Jesus Cristo".

O núcleo central da verdade bíblica sobre São José está contido nas palavras do anjo: "José, filho de Davi, não temas receber contigo Maria, tua esposa, pois o que nela se gerou é obra do Espírito Santo. Ela dará à luz um filho, a quem porás o nome de Jesus, porque salvará o seu povo dos seus pecados" (Mt 1, 20-21). Este é o momento da sua existência ao qual se referem em particular os Padres da Igreja. O mensageiro dirige-se a José como "esposo de Maria". Dirige-se a quem, a seu tempo, deverá pôr esse nome ao filho que vai nascer da Virgem de Nazaré, desposada com ele. Portanto, dirige-se a José confiando-lhe os encargos de um pai terreno em relação ao filho de Maria. Assim, ele "recebeu Maria com todo o mistério de sua maternidade. Desse modo mostrou uma disponibilidade de vontade semelhante à disponibilidade de Maria, em referência àquilo que Deus lhe pedia por seu intermédio".

Pouco tempo depois da Anunciação, Maria dirigiu-se à casa de Zacarias para visitar sua prima Isabel e, "ao iniciar-se esta peregrinação, a fé de Maria se encontra com a fé de José. Se Isabel disse sobre a Mãe do Redentor: 'Feliz aquela que acreditou', esta bem-aventurança pode em certo sentido referir-se também a José, porque, de modo análogo, ele respondeu de forma afirmativa à palavra de Deus, quando esta lhe foi transmitida naquele momento decisivo. A bem da verdade, José não respondeu ao anúncio do anjo como Maria, mas 'fez como o anjo lhe ordenara e recebeu a sua esposa'. O que ele fez é puríssima obediência da fé." Pode-se dizer que o que José fez uniu-o de maneira absolutamente especial à fé de Maria. Ele aceitou como verdade vinda de Deus o que ela já havia aceito na Anunciação.

São José tornou-se, assim, um depositário singular do mistério "escondido desde todos os séculos em Deus" (Ef 3,9). Ele é o primeiro depositário desse mistério divino, junto com Maria. Simultaneamente com Maria e também em relação a Maria, ele participa desta fase culminante da auto-revolução de Deus em Cristo, e participa dela desde o primeiro instante. Podemos dizer que São José foi o primeiro a participar da mesma fé da Mãe de Deus e, procedendo desse modo, deu apoio à sua esposa na fé na anunciação divina.

O matrimônio com Maria é o fundamento jurídico da paternidade de José. Foi para garantir a proteção de um pai a Jesus que Deus o escolheu como esposo de Maria. Por conseguinte, a sua paternidade o coloca o mais perto possível de Cristo. Ela passa pelo matrimônio com Maria, ou seja, pela família. Para a Igreja, se por um lado é importante professar a concepção virginal de Jesus, por outro não é menos importante defender o matrimônio de Maria com José, pois é desse matrimônio que depende, juridicamente, a paternidade de José. "O filho de Maria é também filho de José, em virtude do vínculo matrimonial que os une."

"São José foi chamado por Deus para servir diretamente à pessoa e à missão de Jesus, mediante o exercício da sua paternidade". É justamente desse modo que ele coopera no grande mistério da redenção, quando chega a plenitude dos tempos, e é verdadeiramente "ministro da salvação". Sua paternidade expressou-se concretamente "em ter feito da sua vida um serviço, um sacrifício ao mistério da encarnação e à missão redentora...; em ter usado a autoridade legal, que lhe competia em relação à Sagrada Família, para lhe fazer o dom total de si mesmo, de sua vida e de seu trabalho; em ter convertido sua vocação humana para o amor familiar na oblação sobre-humana de si mesmo, de seu coração e de todas as capacidades, no amor que empregou a serviço do Messias germinando em sua casa".

A litúrgia, ao lembrar que os mistérios da salvação foram confiados à guarda solícita de São José, na aurora dos tempos, esclarece que também ele foi constituído por Deus como chefe de sua família, para que, como servo fiel e prudente, guardasse com solícitude paterna o seu Filho Unigênito".

"Com a autoridade paterna sobre Jesus, Deus também deve ter comunicado a José o amor correspondente, o amor que tem a sua fonte no Pai, 'do qual toda a paternidade toma o nome, nos céus e na terra' (Ef 3,15)".

José "desempenhou em relação ao Menino a tarefa importante e significativa de inserir oficialmente o nome de 'Jesus, filho de José de Nazaré' (Jo 1,45), no registro do Império". Essa inscrição mostra de forma bem clara que Jesus pertence ao gênero humano, é homem entre os homens, cidadão deste mundo, sujeito às leis e instituições civis, mas também salvador do mundo.

O crescimento de Jesus "em sabedoria, estatura e graça" ocorreu no ambiente da Sagrada Família, sob o olhar de São José, que tinha a alta função de criá-lo, isto é, de alimentá-lo, vesti-lo e instruí-lo na lei e numa profissão, de conformidade com os deveres estabelecidos para os pais daquela época. Por isso, no sacrifício eucarístico, a Igreja venera "a memória gloriosa sempre Virgem Maria... e também a de São José", porque foi ele quem sustentou Aquele que os fiéis deviam comer como pão de vida eterna."

O trabalho de carpinteiro que José realiza na casa de Nazaré se desenvolve num clima de silêncio que acompanha tudo aquilo que se refere à sua figura. Trata-se, porém, de um silêncio que desvenda de maneira especial o perfil interior dessa figura. Os evangelistas falam exclusivamente daquilo que José "fez". No entanto, permitem-nos vislumbrar em suas "ações" envolvidas pelo silêncio, um clima de contemplação profunda. José estava em contato diário com o mistério 'escondido desde todos os séculos'.

"O sacrifício total que José fez de sua existência às exigências da vinda do Messias em sua própria casa encontra motivação adequada na 'sua insondável vida interior', da qual lhe provêm ordens e consolações singularíssimas. Dela também lhe decorrem a lógica e a força própria das almas simples e límpidas, das grandes decisões, como foi a de colocar imediatamente à disposição dos desígnios divinos a sua liberdade, a sua legítima vocação humana e a felicidade conjugal, aceitando a condição, a responsabilidade e o peso da família e renunciando, por um amor virginal incomparável, ao amor conjugal natural que constitui e alimenta a própria família."

O patrocínio de São José sobre a Igreja católica "deve ser invocado e continua sendo sempre necessário para a Igreja, não só para defendê-la dos perigos, que se levantam continuamente, mas também e sobretudo para confortá-la no seu empenho renovado de evangelização do mundo e de levar para frente a nova evangelização dos países onde a religião e a vida cristã foram em tempos passados tão prósperas, mas hoje se encontram sujeitas a duras provações". Para levar o anúncio de Cristo ou para voltar a apresentá-lo onde foi esquecido, a Igreja precisa de uma força especial do alto, que é um dom do Espírito do Senhor, porém não dissociado da intercessão e do exemplo de seus santos.

"Além da confiança na proteção segura de São José, a Igreja confia no seu exemplo insigne, exemplo que transcende cada um dos estados de vida e é proposto a toda a comunidade cristã, sejam quais forem as condições e as tarefas de cada fiel."

SÃO JOSÉ NO CULTO

Como já acenamos, no início do Cristianismo a Igreja estava preocupada sobretudo em ressaltar a pessoa divina de Jesus Cristo, por isso não deu atenção a São José. Ademais, a sua convivência na Sagrada Família fez com que sua memória fosse absorvida pelas memórias mais luminosas de Jesus e de Maria. Por esse motivo, temos poucas referências e lembranças genéricas sobre ele na Palestina, o que não significa que não tenha tido uma devoção especial dos cristãos nos primeiros séculos.

Segundo Santo Epifânio, a construção de santuários cristãos começa por volta de 334. Arculfo, que era bispo da Gália, relata que em 670 havia em Nazaré duas igrejas enormes, uma no centro da cidade, onde se encontrava a casa em que Nosso Senhor foi nutrido, e outra no lugar onde foi construída a casa em que o arcanjo Gabriel entrou e falou à bem-aventurada Maria. Esse testemunho de Arculfo é confirmado mais tarde por São Beda e por São Vilibaldo. Escavações feitas em 1908 comprovaram a presença de vestígios de uma igreja antiga do século V ou VI, que é considerada a Igreja da Nutrição. Quanto à outra igreja, a da Anunciação, as escavações mostraram que uma primeira igreja ali foi edificada no início do século V. Estas duas igrejas são como que o relicário nazareno que dá testemunho do mistério da encarnação.

Existem referências ao túmulo de São José em Jerusalém, situado no vale do Cedron. Também há lembranças do nosso santo em Belém, na Basílica da Natividade, onde se encontra a inscrição (I)OSEPH (V)IRUM (M)ARIAE (Mt 1,16). Ainda em Belém, existe uma pequena igreja dedicada a São José, que surgiu em cima das ruínas de uma igreja antiga da época das Cruzadas, talvez para recordar a casa de que fala Mt 2,11, na qual os magos adoraram Jesus. São José é lembrado igualmente em el-Bireh, vilarejo ao norte de Jerusalém, que desde o século XIV é apontado como o lugar onde Maria e José notaram a ausência de Jesus (Lc 2,43ss). Em el-Gifna, onde a Sagrada Família teria descansado debaixo de um carvalho, foi edificada uma igreja consagrada a São José. Outra igreja latina dedicada à Sagrada Família se encontra em Rammallah. No Egito, diversas localidades disputam a honra de ter hospedado a Sagrada Família, como a Igreja de São José, na cidade do Cairo, consagrada em 1909.

O culto a São José floresceu na Europa a partir do século X, começando pela Itália e depois se espalhando por todos os cantos do mundo com um grande número de oratórios,

basílicas, igrejas, capelas, abadias, conventos e mosteiros dedicados ao Santo. É impossível mencionar todos os templos e edificações consagrados a ele no mundo inteiro, porém aqui procurarei destacar alguns entre os muitos que foram levantados em várias partes.

Sabe-se que o exemplo mais antigo da edificação em honra de São José na Europa se encontra em Bolonha, na Itália, onde desde 1129 havia um oratório consagrado a ele. Esse edifício, que passou por várias reformas, existe até hoje, tendo sido reconstruído em 1844. Na França, os franciscanos dedicaram a primeira capela a São José em Tolosa em 1222. Alguns anos mais tarde, em 1254, outra capela foi construída em Joinville-sur-Marne, para abrigar uma relíquia do Santo, que algumas informações dizem ter sido obtida na Palestina.

Em Avinhão, ainda na França, uma capela teria sido consagrada ao Santo na Igreja de Santa Agrícola entre 1371 e 1376. Em Novara, na Itália, uma capela dedicada ao Santo foi edificada em 1449 na catedral da cidade, para lembrar uma aparição de São José na noite de 19 de março de 1448. O manuscrito da história é conservado pelos carmelitas na igreja onde a aparição teria ocorrido. Em 1503, iniciou-se em Milão uma pequena obra que se tornou um santuário destinado ao culto do Santo, transformando-se num grande edifício em 1616. Em Veneza, no ano de 1543 uma igreja foi dedicada a São José, e em Florença o Santo é venerado com uma igreja desde 1516.

Em Colônia, na Alemanha, ele teve uma capela desde 1517 e uma igreja em 1635. Na Itália várias igrejas e capelas são dedicadas ao Santo, como uma capela em Gênova no ano de 1535, um convento em Savona no ano de 1538 e uma igreja em Palermo em 1612.

Em Roma aconteceu um verdadeiro florescimento de igrejas consagradas a São José. Já em 1540, a Arquiconfraria de São José dos Carpinteiros edificou uma capelinha de madeira sobre o Cárcere Mamertino. Em 1541, um altar foi erigido em honra do Santo na Igreja de Santa Maria ad Martyres, no Panteão. Dentro desse altar foi colocada terra trazida da Palestina, por isso o altar foi dedicado a São José da Terra Santa. Entre 1730 e 1732 foi construída a Igreja de São José in Via della Lungara, No Trastevere.

Hoje várias igrejas paroquiais são consagradas a São José na Cidade eterna. Contudo, merece menção especial a presença do Santo na Basílica de São Pedro no Vaticano. A sua imagem mais antiga na basílica é uma representação do "Sonho de São José", feita em mosaico em 1647, no qual é representado o anjo que lhe anunciou a prodigiosa concepção de Maria por obra do Espírito Santo. Outra estátua do Santo encontra-se na colunata de São Pedro: é uma obra da escola de Bernini, aproximadamente do ano de 1670. Em 1788, São José é representado como um homem vigoroso, com os olhos voltados para o céu e a mão direita sobre o peito, enquanto a esquerda segura um bastão. Outros sinais da devoção ao Santo na Basílica Vaticana são um altar de 1888 com um mosaico do Patrocínio de 1892 colocado na Capela do Crucifixo e uma imagem representando a "morte de São José", de 1964, que se encontra no átrio da basílica, na Porta da Morte. Um quadro foi colocado em 1851 na Capela do Crucifixo, representando São José com o Menino Jesus nos braços. Em 19 de março de 1963, o Papa João XXIII abençoou um novo mosaico no altar dedicado ao Santo e na oportunidade disse: "Abençoamos a imagem de São José no seu altar. Era nosso desejo realizar este ato de piedade para com o Esposo castíssimo de Maria e guarda de Jesus, e assim coroar este voto

para que também no templo máximo da cristandade se possa acender a devoção a São José, protector Sanctae Ecclesiae, protetor do Concílio Vaticano II...". É importante notar que no altar de São José, Patrono da Igreja Universal, é celebrada todos os dias uma missa pela paz.

Além da Itália e da França, onde existiu e existe um número considerável de edificações em honra de São José, também na Espanha é encontrada uma igreja no Mosteiro de São José de Ávila desde 1615. As catedrais de Valência e Cádiz são dedicadas ao nosso Santo. Em Barcelona, uma igreja foi edificada em 1882 em honra da Sagrada Família, porém com o objetivo de propagar a devoção a São José. Em Portugal, o santuário de Fátima faz menção ao Santo, que apareceu com o Menino Jesus e a Virgem aos três videntes no dia 13 de outubro de 1917. Na Polônia, na cidade de Kalisz, onde se realizou de 22 a 29 de setembro de 1985 o IV Simpósio Internacional de Josefologia, desde o século XVI é conhecida a Igreja de São José, edificada em 1350, que se tornou o centro da devoção do Santo, devido à presença de uma imagem milagrosa. Em 1909, foi consagrado o primeiro oratório a São José na cidade de Cracóvia e depois um outro em Poznan em 1618. Na Holanda, existe em Smakt um santuário Josefino desde 1600. Na Áustria, na cidade de Innsbruck, em 1613 foi fundada uma igreja dedicada a São José. Em Viena, em 1716 uma igreja foi consagrada ao Esposalício, e em 1898 outra foi edificada em honra da Sagrada Família. Na Bélgica, encontramos uma igreja destinada ao culto a São José desde 1842 na cidade de Bruxelas e outra dedicada a ele em Lovaina desde 1860, além da capela real de Orval e do santuário de Verviers. Em Antuérpia, desde 1637 uma igreja foi construída em honra do nosso Santo. Na Inglaterra, desde 1974 encontramos em Londres e "Memorial Church to Saint Joseph". Na Irlanda, na cidade de Knock, há um santuário nacional, onde é recordada a aparição de Nossa Senhora em 1879 e também de São José. Outro santuário dedicado a São José existe em Dublin, em Portland Row. Na Croácia, há um santuário consagrado ao Santo em Karlovac-Dubavac, além de mais 51 igrejas paroquiais destinadas ao seu culto.

A presença de São José também se tornou exuberante fora da Europa. No Canadá encontramos a Basílica de Montreal com o oratório de São José, fundado em 1904 pelo Venerável André, irmão religioso da Congregação de Santa Cruz, mas desde 1641 estas terras dedicam igrejas ao nosso Santo. Em Quebec, desde 1927 existe um santuário josefino. No México são inúmeras as igrejas consagradas a São José, sobretudo na Cidade do México, em Monterrey e em Morélia. Na Argentina, há a igreja de São José de Flores, o Transito de San José, na cidade de Buenos Aires. Nosso Santo é honrado também no Equador, na Colômbia, na Índia, em Madagáscar, na Nova Guiné, em El Salvador, na Venezuela, em Porto Rico, nos Estados Unidos...

No Brasil, a Igreja de São José de Itaporocas, na diocese da Bahia, foi erigida canonicamente em 1657. Foi seguramente a primeira paróquia brasileira a ter São José como protetor principal. Mas já em 1560, quando Mem de Sá era governador geral, havia uma capela de madeira onde se venerava uma imagem do Santo. Na Bahia, na cidade de Salvador, em 1630 foi edificada uma capela "dedicada ao Patriarca São José". Na primeira metade do século XVIII, algumas igrejas importantes foram consagradas ao Santo, como a Paróquia de São José de Cento Sé, na Bahia, edificada em 1741, a Paróquia de São José dos Índios, em 1757, e a Paróquia de São José de Ribamar, em 1758, ambas no Maranhão. Em

1742, foi construída a Paróquia de São José de Tocantins na Capitania do Mato Grosso e Goiás. No Rio Grande do Sul, a Paróquia de Jesus, Maria e José foi construída em 1742 e a Igreja de São José de Taquari em 1765. Em Minas Gerais, existe a Paróquia de São José do Paraopeba, de 1758. No Rio de Janeiro foi criada a Paróquia de Jesus, Maria e José em 1750, e outra paróquia foi dedicada a São José em 1751. Em Santa Catarina, em 1750 uma capela foi consagrada a São José da Terra Firme. Em Mogi-Mirim, estado de São Paulo, em 1750 foi levantada uma igreja destinada ao culto a São José. Na Província de Goiás, em 1774 foi constituída a Paróquia de São José de Moçâmedes. Na diocese de Pernambuco, neste mesmo início do século, foi construída a Igreja de São José de Aquirás, assim como a Igreja de São José dos Besouros. O mesmo ocorreu no Pará, no Amazonas e em outras localidades do país. Merece destaque a Igreja de São José do Jenipapo, no município de Castro Alves, na Bahia. A data de sua construção está gravada no portal interno: é de 1704. É uma das raras igrejas brasileiras que possui alpendre na frente, e a entrada para o seu púlpito é pela parte externa, servida por uma escada.

É impossível mencionar todas as igrejas e capelas dedicadas a São José no Brasil e no mundo. Elas existem aos milhares. Basta lembrar que, já no fim do século XVIII, só a Ordem do Carmelo contava mais de 150 igrejas. No Brasil, as paróquias consagradas a São José ocupam o terceiro lugar, perdendo apenas para Nossa Senhora e Santo Antônio. Além das capelas e igrejas-paróquias em honra do nosso Santo, são inúmeras em todo o mundo as catedrais e basílicas menores dedicadas a ele, o que mostra que São José é reconhecido na Igreja católica.

Mas não foram apenas basílicas, catedrais, igrejas, capelas... dedicadas a São José. Também existe um número considerável de nações, regiões, cidades e até dioceses que escolheram o nosso querido Santo como seu protetor.

Na Itália, ele foi escolhido como patrono da cidade de Parma desde 1426, e em 1524 foi designado como co-patrono de Massa Marítima. O mesmo ocorreu em Nápoles em 1602, em Frascati em 1605, em Palermo em 1612, em Gênova em 1684, em Orvieto em 1685 e em Turim em 1696. São José é ainda co-patrono das cidades de Firenze, Veneza e Verona e foi o patrono do Reino da Sicília.

Na França, a cidade de Avinhão se consagrou a São José em 1630, após obter a libertação da peste. Ele é patrono de Verdun e de Laneuville-à-Bayard. Na Córsega, é patrono da cidade de Pero. Também o Canadá se consagrou a São José em 1624. O México e as Ilhas Filipinas têm São José como seu patrono desde 1555. Só no México existem hoje mais de 280 lugares que trazem o seu nome. Nas Filipinas, ele é patrono de Manila, a capital do país.

No Brasil, o Santo foi escolhido como patrono de diversas localidades, regiões e províncias, sobretudo a partir do século XVIII. Entre elas lembro apenas algumas a título de ilustração: São José de Guaporé, na Província de Mato Grosso desde 1752, São José do Brejo na Paraíba, São José da Terra Firme na Província de Santa Catarina em 1750, São José do Rio Negro em 1755, hoje cidade de Manaus. Na Província do Rio Grande do Sul, desde 1762 temos São José da Barra. No Paraná encontramos a cidade de São José dos Pinhais, em São Paulo São José dos Campos, em Goiás São José de Tocantins. No Ceará, a cidade de Crato é consagrada a São José, e no Pará comarca de São José de Cerzedelo. Em

suma, o nome de São José se espalhou e sua proteção foi escolhida em todo o Brasil, fazendo com que hoje haja em nosso país cerca de 90 municípios oficialmente catalogados com o seu nome, o mais difundido entre os mais de quatro mil municípios brasileiros.

São José foi proclamado patrono especial do Reino da Boêmia em 1665 por Ferdinando III. Em 1675 foi escolhido como patrono dos domínios austríacos e no seguinte dos territórios germânicos. O Ducado da Baviera foi consagrado a ele em 1664. Na Alemanha, é patrono de Osnabruck e de Trier.

Com São Francisco Xavier, tornou-se patrono da China. Em 1679, foi declarado patrono da Espanha e logo depois substituído por São Tiago. Ainda nesse país, é patrono das cidades de Segorbe e de Valor. Na Polônia, é patrono da cidade da Cracóvia desde 1715. Em El Salvador, da cidade de Quezaltepeque. É patrono da República do Peru desde 1828, reconfirmado em 1957 pelo Papa Pio XII.

Há também um grande número de dioceses dedicadas a São José. Lembro de passagem a diocese de Orvieto e a diocese de Noto, na Itália, da qual é co-patrono. Na França, é patrono da diocese de Paris. Na Canadá da Província eclesiástica de Quebec desde 1859, da diocese de Ottawa desde 1848, assim como de outras no mesmo país. Na China, é patrono das dioceses de Wuchang, Changsha e Hankow, e no Vietnã da diocese da Hanói. Na Bélgica, da diocese de Liège desde 1676. Na Polônia, da diocese de Wladislávia. Em Portugal, da diocese de Beja desde 1967. Na Grécia, da diocese de Chio. Na Inglaterra, de Westminster desde 1898 e de Liverpool. Nos Estados Unidos, São José é patrono da diocese de Saint Joseph em Kansas City, das dioceses da Província do Oregon e da arquidiocese de Hartford em Connecticut, da diocese de San José na Califórnia e da arquidiocese de Anchorage no Alasca. Foi eleito patrono da diocese de Tamatave em Madagáscar e co-patrono da diocese de Iringa, na Tanzânia.

São José é patrono de inúmeras escolas e colégios que trazem seu nome. No Líbano, na cidade de Beirute, existe a Universidade de São José. Ele é patrono da Associação Cristã dos Trabalhadores Italianos desde 1945 e da Tipografia Poliglota Vaticana. É patrono de inúmeras obras de assistência social, de seminários etc.

Na América Latina, é patrono da diocese de San José de Costa Rica desde 1850; da diocese de Mayo no Uruguai; da diocese de Caacupé no Paraguai; das dioceses de Temuco e Anfofagasta no Chile; das dioceses de Palmira, Duitama, Bucaramanga e Cúcuta na Colômbia; da diocese de Georgetown nas Guianas e da diocese de Maracaí na Venezuela. Na Argentina, é patrono da diocese de Santa Fé desde 1899 e de Reconquista e co-patrono de diversas outras. No México, é patrono da diocese de Tapachula, Autlán e Chihuahua, e co-patrono das dioceses de Texco, Toluca e Veracruz.

No Brasil, é o patrono principal das arquidioceses de Fortaleza e Mariana, das dioceses de Campo Mourão, Garanhuns, Itabuna, Macapá, Pesqueira, Rio Preto e São José dos Campos. É padroeiro secundário da diocese de Oliveira e titular das igrejas metropolitanas de Fortaleza e Campo Grande e das catedrais de Araçuaí, Montes Claros e Rio Preto.

SÃO JOSÉ , PATRONO DE CONGREGAÇÕES DE VIDA RELIGIOSA

A devoção a São José em Congregações religiosas desenvolveu-se amplamente antes que surgissem Institutos que o adotassem como seu patrono específico. Podemos dizer que houve uma base de devoção Josefina em muitas Congregações fundadas antes de 1500, base que serviu para o desabrochar das centenas de Congregações e Institutos religiosos josefinos. O mesmo pode ser dito em relação a Congregações que nasceram mais tarde.

Os capuchinhos dedicaram conventos e províncias a São José, além de celebrarem festas Josefinas. Também os carmelitas descalços da Espanha escolheram o Santo como patrono a partir de 1590. Depois da morte de Santa Teresa, o Capítulo Geral das carmelitas elegeu São José como patrono da Ordem. O mesmo fizeram os agostinianos e os mercedários descalços. Em 1614, Françoise de Beauvilliers fundou a Abadia das Beneditinas de São José de Châlons. O Santo também foi escolhido como protetor dos Cônegos Regulares de Santo Agostinho em 1755. Ele é protetor especial da Congregação dos Missionários Oblatos de Maria Imaculada, assim como da Congregação do Santíssimo Redentor. É protetor dos sacramentinos, dos Oblatos de Maria Virgem, dos Irmãos das Escolas Cristãs, dos Discípulos do Divino Mestre, dos rogacionistas e da Opus Dei. Muitos mosteiros trapistas têm São José como protetor. Ele é co-patrono dos teatinos, dos camilianos, dos escolopianos, dos passionistas, dos estigmatinos, dos servitas, dos jesuítas, e de uma dezena de outras Congregações, inclusive femininas.

Como podemos verificar, um número considerável de Congregações e Institutos religiosos o escolheram como patrono, mas podemos comprovar com alegria que centenas de outras Congregações e Institutos religiosos surgiram com a marca josefina. Seus fundadores e fundadoras quiseram que sua obra fosse consagrada ao nosso Santo, trouxessem o seu nome e estivessem sob sua proteção especial. Seguindo uma ordem cronológica, o primeiro Instituto de vida consagrada com o nome do grande Santo surgiu em 1517: são as Filhas de São José, de Gênova, Itália. Deste ano até 1977 contamos 225 Congregações e Institutos religiosos, na maioria femininos, consagrados a São José. O nome dessas instituições é o mais variado possível: Irmãs de São José, Irmãos de São José, Filhas de São José, Missionários de São José, Missionárias de São José, Virgens de São José, Franciscanas de São José, Catequistas de São José, Dominicanas de São José, Oblatos de São José, Pias Operárias de São José, Josefinas e muitas outras denominações, sempre com o nome do Santo. Esses Institutos religiosos surgiram na maioria das vezes na Europa, sobretudo na Itália, França, Bélgica e Espanha. Outros foram fundados no Canadá, muitos nos Estados Unidos, alguns no Zaire, no Quênia, em Uganda, no Sudão, nas Filipinas, na China e no Senegal. Na América Latina encontramos vários no México, outros no Chile, um em El Salvador e três no Brasil: dois na cidade de São Paulo - Catequistas de São José, ambos de 1921 - e as Josefinas na cidade de Fortaleza, fundadas em 1923.

Essa análise panorâmica nos permite verificar que, no século XVI, foi criado apenas um Instituto religioso "Josefino", na Europa. No século XVII surgiram 17 Institutos: 14 femininos e três masculinos. No século XVIII nasceu apenas um Instituto feminino na

Europa. No século XIX apareceram 123 Institutos femininos e 15 masculinos. No século XX foram fundados 68 Institutos: 10 femininos e 28 masculinos. Concluímos que o século XIX foi o século do grande florescimento de Congregações e Institutos religiosos josefinos, e que o século XX foi aquele que teve mais Congregações religiosas Josefinas masculinas.

IRMANDADE E ASSOCIAÇÕES

São inúmeras as irmandades e associações que surgiram ao longo dos séculos tendo São José como patrono e mestre de vida. Segundo uma tradição antiga, já em 1345 existia em Rabat, na Ilha de Malta, uma Associação de São José. No tempo do Papa Gregório XI, havia em Avinhão, na França, a Associação da Juventude Feminina, que colocava sob a proteção de São José a sua virgindade, simbolizada por um maço de flores que cada membro levava nas mãos numa procissão organizada no dia da festa do Santo. Em Milão, na Itália, desde 1459 está em atividade a Corporação dos Carpinteiros, que tem São José como patrono. Além de cuidar da festa, ela manda celebrar todos os dias uma missa. Ainda em Milão, desde 1503 a Companhia de Sancto Joseph tinha uma obra de caridade muito ativa, que ajudava os pobres, os mosteiros necessitados e até as moças pobres a se casarem. Em Veneza, desde 1463 São José é patrono dos carpinteiros. Ainda na Itália, em Messina, uma Irmandade de São José foi fundada em 1485.

Outras Irmandades de São José surgiram na Itália: em Perúgia em 1487, em Vicenza em 1494 e em Pavia em 1507, com a Sociedade de São José. Em 1510, foi criada a Companhia e Escola de São José de Trevi, em Treviglio. Uma Irmandade de São José nasceu em Scili em 1527, e outra em Gandino no início do século XVI. Uma Irmandade de São José surgiu em Bolonha em 1577. Em Piacenza, uma Irmandade de São José começou a funcionar em 1568. A Irmandade dos Carpinteiros está presente em Palermo desde 1603. Enfim, dezenas de companhias e irmandades de São José foram fundadas na Itália, com os nomes mais diversos: Irmandade dos Agonizantes, Sociedade Promotora da Devoção a São José, Pia União das Moças Católicas sob o Patrocínio de São José, Irmandade da Santíssima Trindade, denominada de São José, Irmandade dos Agonizantes e da Boa Morte, Irmandade do Trânsito de São José, Ordem ao Mérito de São José, Pia União dos Devotos de São José, Esposo da Virgem Maria, Irmandade do Cíngulo de São José, Associação do Culto Perpétuo a São José, Apostolado do Sufrágio do Purgatório, Pia União do Cíngulo de São José, Irmandade do Patrocínio de São José, Companhia de São José, Pia União dos Filhos e Filhas de São José e Pia União Amigos de São José.

Não foi apenas na Itália que as associações e irmandades de São José floresceram. O mesmo fenômeno repetiu-se em outras partes da Europa. Na Alemanha, uma Irmandade de São José surgiu na cidade de Munique em 1663, e em Bonn nasceu em 1666 a Irmandade da Corte do Príncipe, sob a Proteção de São José, Pai Nutricio de Jesus Cristo e Esposo da Virgem Maria. Em 1904, foi fundada na cidade de Colônia a Sociedade de São José para a Assistência Pública aos Inválidos. Em Aquisgrana, nasceu em 1862 a União Missionária de São José. Na Espanha, foi criada em 1744 em Sevilha a Irmandade da Escravidão ao Sagrado Coração do Gloriosíssimo Senhor São José. Surgiram ainda a

Associação de São José de Valhadolid, a Pia União de São José da Montanha em 1903 e a Associação Espiritual dos Devotos de São José em 1866, ambas em Barcelona. Outras associações foram fundadas em Valência, Saragoça, Madri, Valência, Oviedo e outras cidades. Em Portugal, foi instituída em Lisboa o Padroado de Maria e José. Na França, várias dezenas de irmandades se espalharam por diversas localidades: em Moutiers (1517), Morley (1556), Nancy (1622), Paris (1629) e Maranville (1865). Assim como em Lion, Lille, Corbeil, Poitiers, Reims, Le Puy, Tarbes, Alex, Les, Angers, Omer, Annecy, Autun, Rennes, Rodez, Tonnerre, Toul, Tolosa, Vosnon etc. Em Malta, uma associação surgiu em Valeta. Na República Tcheca, uma associação foi fundada na cidade de Praga em 1657 e outra em Beneschau em 1867. Na Grécia, outra associação surgiu em Corfu em 1868. Na Grã-Bretanha, sabe-se da existência de uma associação em Devon e de outra em Edimburgo. Na Holanda, foi criada a Saint Joseph, Zorg. Na Escócia, nasceu a Holy Gild of St. Joseph em 1842. Na Polônia, dezenas de associações apareceram desde 1666 em Lublim, em 1669 em Cracóvia, em 1670 em Wisnicz e Glebokie, em 1714 em Wisniowiec, em 1752 em Berdyczów, em 1912 em Wadowice e em 1766 foi fundada a Confederação de São José em Kalisz. Além destas, outras surgiram em Cracóvia, Poznan, Wilno etc. Na Irlanda, foi fundada a associação Lâmpada de São José, outra associação em 1866, na cidade de Dundalk, uma terceira em 1875 em Limerick e, em 1819, começou a existir em Dublin a Sociedade de São José para a Promoção das Obras Espirituais e Corporais de Misericórdia. Finalmente, na Bélgica, associações foram criadas em Antuérpia (1627), Liège (1676), Dunquerque (1682), Bruges (1683), Gand (1683), Bruxelas (1696) e Ipres (1742). Surgiram ainda a Legião dos Filhos de São José em Lovaina, a Associação do Culto Perpétuo a São José em Malines, Lovaina e Liège.

Em outras partes do mundo, fora da Europa, lembramos a Irmandade de São José para a Boa Morte, fundada em 1843 em Querala, na Índia. A Irmandade de São José também está presente nas Filipinas. Na China, a Irmandade de São José existe desde 1861. Na Etiópia, foi instituída a Associação São José em Adis Abeba. No Canadá, são inúmeras as associações, com uma grande diversidade de nomes: Círculo Operário de São José, Filhos de São José, Obras de São José da Libertação, União de São José do Canadá, Hora de São José, Obra da Consagração das Crianças a São José e Culto Perpétuo a São José. Nos Estados Unidos encontramos a Josephite Purgatorial Society, a União de São José, The Homeless Child and Messenger of St. Joseph's Union e a Pequena Sociedade de São José para a Assistência aos Moribundos e às Crianças em Perigo de Morte sem o Batismo.

Na Argentina, existe em Buenos Aires a Sociedade de São José, que se distingue pela defesa da fé. No Chile, a Sociedade dos Operários de São José está presente na cidade de Santiago e em Currico. No Paraná, funciona desde 1908 a Fraternidade de São José, e na Colômbia, na cidade de Bogotá, é encontrada a Irmandade de São José. No Peru, foi fundada em 1560 a Irmandade do Senhor São José. Na Guatemala foi instituída em 1632 a Irmandade de São José na Ciudad Vieja. No México, existia desde 1555 a Congregação do Patriarca São José e em 1631 surgiu a Irmandade dos Escravos do Casto Patriarca, que foi aprovada pelo Papa Urbano VIII em 1634. Em 1872 foi criada a Associação Universal do Glorioso São José, na Cidade do México. Em Morélia, foi instituída em 1899 a Pia União do Culto Perpétua a São José.

No Brasil, já no século XVIII havia uma Irmandade de São José no Rio de Janeiro. Atualmente, os Padres Oblatos de São José organizam em seus campos de apostolado as Fraternidades de São José, que estão presentes também no Peru, no México e nos Estados Unidos. Seus membros se reúnem mensalmente para estudar a teologia Josefina, com o compromisso de difundir a devoção a São José e rezar sua novena cada mês.

A breve exposição que fizemos mostra que São José foi honrado e reconhecido na Igreja nos últimos séculos. Porém, foi no século XIX, sobretudo na sua segunda metade, que o seu culto teve um desenvolvimento notável. Alguns concílios estimularam nos fiéis a devoção Josefina. Entre eles destacamos o Concílio de Viena em 1858, o Concílio de Praga em 1860, o Concílio de Baltimore em 1866, o Concílio da Colômbia em 1868 e o Concílio de Bordeaux em 1868. Este último exorta particularmente os fiéis a honrar São José com um culto especial: "Incentivados pelo exemplo do pastor supremo (Pio IX, que havia estendido a festa do Patrocínio de São José a toda a Igreja, em 10 de setembro de 1847, com o decreto, "Urbis et Orbis"), os fiéis, principalmente nos últimos tempos, despertaram no zelo para tributar ao Santo Patriarca todos os sinais da mais terna e ardente devoção. Altares são erigidos, templos são construídos em sua honra, associações e famílias religiosas se colocam sob o seu nome e patrocínio... Recomendamos vivamente aos diretores de almas que promovam o culto e a devoção ao Santo Patriarca por todos os meios que tiverem à disposição". (94)

Neste clima de despertar da devoção Josefina, o Papa Pio IX concedeu indulgências para a recitação das Sete Dores e Alegrias de São José em favor dos doentes (95), e a todos que se consagram a si mesmos e à sua família a São José e praticassem qualquer forma de devoção ao nosso Santo aprovada pela Igreja. (96) Outras indulgências foram concedidas, como as do mês de São José, para capelas e oratórios da diocese de Montreal.

É de se notar também que, no pontificado de Pio IX, pelo menos uma dezena de Congregações Josefinas femininas se desenvolveram, aprovadas por ele. Outras quatro Congregações religiosas Josefinas masculinas começaram a germinar sob o forte impulso da devoção Josefina, alimentada por este grande Papa, que desde a sua adolescência foi um profundo devoto de São José. Em 1866, H. Vaughan fundou em Mil Hill, Londres, a Sociedade Missionária de São José. Em 1872, J.A. Vilaseca fundou na Cidade do México os Missionários de São José. Em 1873, Leonardo Murialdo deu início em Turim, na Itália, à Congregação de São José, mais conhecida como Josefinos de Murialdo. E, em 1878, José Marelli fundou em Asti, na Itália a Congregação dos Oblatos de São José, mais conhecida como Josefinos de Asti.

Ainda na segunda metade do século XIX, mais exatamente em 1866, italianos devotos de São José dirigiram ao Papa Pio IX um abaixo-assinado com 150 mil assinaturas com o intuito de obter um culto mais distinto a São José na liturgia. Nesse documento, era expresso o desejo de que a festa do Patrocínio de São José fosse elevada ao rito duplo de primeira classe para toda a Igreja e que o nome do Santo fosse colocado logo depois do nome de sua esposa no Cânon da missa e também no Confiteor. Além disso, pedia-se que seu nome fosse colocado na Ladainha de Todos os Santos, antes do nome de São João Batista. (97) Embora não recebessem resposta para essa petição, os devotos não diminuíram o seu ânimo, e milhares de assinaturas continuaram chegando à Santa Sé, solicitando que honras devidas fossem concedidas ao nosso Santo. Entre os muitos

pedidos, mais de 500 cartas solicitavam a declaração de São José como patrono da Igreja. O Papa Pio IX via o dedo de Deus em todo esse movimento dos fiéis para o incremento da devoção a São José, tanto é verdade que, no dia 08 de dezembro de 1870, proclamou o Santo como Patrono da Igreja Universal, com o decreto "Quemadmodum Deus". Esse decreto colocava em evidência a dignidade única de São José, "constituído por Deus Senhor e Príncipe de sua casa e de sua propriedade, eleito para proteger os tesouros divinos". Era um acontecimento providencial na Igreja, que atravessava momentos muito difíceis, agredida e oprimida por seus inimigos. Por isso, o Papa sentiu a necessidade de apresentar São José como protetor muito poderoso dos fiéis. De fato, Pio IX vivia um pontificado atormentado do ponto de vista político e religioso. Era atacado continuamente pelo liberalismo anticlerical e, ao mesmo tempo, ocorriam supressões de ordens religiosas, deportações de bispos, confiscos dos bens eclesiásticos, perseguições religiosas na Rússia, na Alemanha, na Espanha e na Polônia. A maçonaria e anticlericalismo colocavam todo tipo de obstáculos para a reconciliação com a Igreja e erros no campo religioso, moral, filosófico e social caminhavam juntos com as perturbações políticas. Este foi o pano de fundo das motivações que levaram o Papa a proclamar São José como protetor da Igreja.

Podemos dizer que Pio IX teve muita força para guiar a Igreja em tempos tão difíceis devido à sua confiança em São José. Em contrapartida, o Santo deve muito do seu reconhecimento oficial na Igreja a este grande Papa. Ele mesmo costumava dizer que "Maria e José saíram do coração dos homens e, enquanto não voltarem a ocupar o poder que exerciam, o mundo não será salvo". Poucos meses após a proclamação solene de São José como patrono da Igreja, Pio IX afirmava na Carta apostólica "Inclytum Patriarcham" que a Igreja "honra São José com um culto grandíssimo e o venera com afeto devoto e íntimo". Como prova da forte presença do Santo no século XIX, o mesmo Pio IX determinou em 06 de maio de 1872 que fosse constituída na Santa Sé uma capela para a celebração anual da sua festa. Determinou que cada ano fosse celebrada na Capela Pontifícia a festa em honra de São José, Patrono da Igreja, com a finalidade de que o nosso Santo, com seu patrocínio, defendesse sempre a Igreja. Cinco dias antes da sua morte, perguntaram-lhe porque estava tão sereno, e ele respondeu: "É porque agora São José é mais conhecido. É daí que vem a minha confiança. Se não for eu, meu sucessor assistirá ao triunfo da Igreja, da qual eu o constituí patrono solene." É verdade que seus sucessores não se esqueceram de colocar o Santo no seu devido lugar, mas foi Pio IX quem abriu "um veio de inspirações muito ricas e preciosas" para os que o sucederam, como expressou muito bem o Papa João XXIII.

FESTAS E RECONHECIMENTOS NA LITURGIA

São José passou muitos séculos completamente desconhecido no culto. O Papa João XXIII nos diz que, "no culto da Santa Igreja, Jesus, Verbo de Deus feito homem, logo teve a sua adoração e sua Mãe o seguiu de perto desde os primeiros séculos, nas imagens das catacumbas e das basílicas, onde era venerada piedosamente como Sancta Maria Mater Dei. São José, ao contrário, com exceção de alguns traços de sua figura, encontrados aqui e ali nos escritos dos Padres, permaneceu durante séculos no seu escondimento característico,

um pouco como figura de ornamentação no quadro da vida do Senhor. Foi necessário tempo até que o seu culto passasse dos olhos para os corações dos fiéis e despertasse neles um fervor singular e um abandono confiante." (98) No oriente, os calendários que mencionam a festa de São José são do século X. É desta época o "Menológico" de Basílio II, considerado o primeiro testemunho seguro do culto ao Santo no Oriente. Ele fixa a comemoração de São José no dia do Natal e a lembrança da Fuga ao Egito no dia seguinte. Outras referências situam no dia 26 de dezembro a festa de "Maria e José, seu esposo". Todas essas festas são colocadas perto da celebração de Natal com a intenção ao incluí-lo no mistério ao qual ele pertence legitimamente.

No Ocidente, o culto a São José é atestado pela primeira vez no manuscrito RH 30, 3 do século VIII, que é conservado na Biblioteca de Zurig. No calendário-martirológico deste códice, encontramos a comemoração no dia 20 de março, menção explícita mais antiga ao Santo perto de 19 de março. O nome de São José aparece pela primeira vez no dia 19 de março (99) no martirológico de Reims, os primeiros que o celebraram neste dia foram os beneditinos de Abadia de Winchester, em 1030. Mas foi só no século XV que esse festa se tornou conhecida e celebrada com fervor. No século XIII, a abadia beneditina de São Lourenço de Liège dispunha de um ofício canônico completo, com notas musicais, em honra de São José. Já no mosteiro austríaco de São Floriano, um missal do fim do século XIV contém uma missa votiva ao pai nutrício do Senhor.

No século XIII, o culto particular a São José atestado pelo místico Hermann de Steinfeld (+1241) é confirmado por Santa Margarida de Cortona (+ 1297) e Santa Gertrudes (+ 1302). Os servitas celebram a festa de São José desde 1234, os franciscanos desde 1339 e a Ordem Carmelita desde o século XV.

A festa dos Esponsais de Maria Santíssima com São José foi promovida intensamente por João Gerson, e foi adotada pelos franciscanos em honra de Nossa Senhora em 1537. Alguns anos depois, em 1567, os cistercienses também passaram a celebrá-la. Papas como Inocêncio XI e Bento XIII a valorizaram, porém a Instrução da Sagrada Congregação dos Ritos de 14 de fevereiro de 1961, no pontificado de João XXIII, suprimiu-a da liturgia, com exceção dos lugares que têm motivos especiais para celebrá-la.

A festa de São José, difundida em algumas Ordens religiosas, tornou-se obrigatória para toda a Igreja em 1621, no pontificado do Papa Gregório XV, com um decreto que foi renovado pelo Papa Urbano VIII em 1642. Depois, com o Papa Clemente X, ela foi elevada a festa de segunda classe em 1670, e em 1671 foram introduzidos no Breviário três hinos em honra do Santo: Te, Joseph, celebrent - Caelitum, Joseph, decus - e Iste, quem laeti, todos compostos pelo cardeal João Bona, morto em 1674. Em 1774, o Papa Clemente XI concedeu Missa e Ofício próprios para São José no dia 19 de março, e em 08 de dezembro de 1870 Pio IX elevou a festa a rito duplo de primeira classe. Pio X, em 24 de julho de 1911, designou a festa com o título de Commemoratio Sollemnis S. Joseph, Sponsi BMV, Confessoris. O Código de Direito Canônico de 1917 incluiu-a como festa de preceito para toda a Igreja (Can 1247). Hoje não é mais festa de preceito.

Outra festa litúrgica celebrada pela Igreja é a do Patrocínio de São José, estendida a toda a Igreja em 1847 pelo Papa Pio IX, fixada para o terceiro domingo depois da Páscoa com o rito duplo de segunda classe. Essa festa já era celebrada por muitas Ordens

religiosas, como os carmelitas em 1680, os agostinianos em 1700, os barnabitas, dominicanos e servitas em 1725, os frades menores conventuais em 1727, os camilianos em 1728, os camaldulenses de Monte Corona em 1730, a Ordem dos Frades Menores e os teatinos em 1733, os Padres Escolópios em 1736 etc. Do mesmo modo, muitas dioceses obtiveram permissão para celebrá-la, entre as quais destacamos a do México em 1703, a de Puebla de Los Angeles em 1704, a de Palermo em 1719, a de La Plata, na Argentina, em 1721, a de Siracusa em 1723, a de Málaga em 1725, a de Cartagena em 1726, a de Pavia, na Itália, a de Sevilha, na Espanha, em 1727, a de Santiago de Cuba em 1728, a de Michoacan, no México, em 1729, as de Ratisbona, Ascoli, Colônia, Münster e Salerno em 1734, as de Nápoles, Orvieto e Narni em 1735, a de Asti em 1741 e a de Acqui em 1785. O mesmo se diga de muitos territórios na Itália, na Espanha, em Portugal, na Alemanha e em outros países.

Em 28 de outubro de 1913, Pio X estabeleceu que a festa do Patrocínio fosse celebrada na terceira quarta-feira depois da Páscoa. Em 24 de abril de 1956, um decreto da Sagrada Congregação dos Ritos aboliu a solenidade, substituindo-a pela de São José Operário, com rito duplo de primeira classe. A festa de São José Operário de 1º de maio foi instituída por Pio XII no dia 1º de maio de 1955. A festa de 19 de março, São José, Esposo da BVM, padroeiro da Igreja Universal, é solenidade, festa de primeira classe. Já a festa de São José Operário, de 1º de maio, é memória facultativa.

Entre outros reconhecimentos litúrgicos a São José, podemos destacar sua presença no Missal Romano promulgado por Paulo VI, que contém três missas em sua honra: a solenidade de 19 de março a memória de 1º de maio e a missa votiva. Além destas, é celebrada a festa da Sagrada Família de Jesus, Maria e José no domingo dentro da oitava do Natal. Nos Prefácios próprios de São José, seu nome segue imediatamente o de Nossa Senhora.

São José também é lembrado na liturgia com a inserção do seu nome na Ladainha dos Santos, em 19 de dezembro de 1726, pelo Papa Bento XIII. Ele vem depois de João Batista. Em 1815, Pio VII incluiu o nome de São José na oração "A cunctis", logo depois de Maria. Leão XIII aprovou a recitação do Ofício votivo de São José nas quartas-feiras em 1883 e incluiu a invocação ao Santo nas orações rezadas depois da Missa em 1884, assim como prescreveu uma oração especial (A vós, São José, recorremos) para ser rezada no mês de outubro após a recitação do Rosário, em 1889. Em 09 de abril de 1919, Bento XV inseriu no Missal um Prefácio próprio de São José e em 1921 acrescentou sua invocação na oração "Bendito seja Deus", na comemoração dos 50 anos de sua proclamação como patrono da Igreja Universal. Em 09 de agosto de 1922, Pio XI incluiu referências ao Santo nas orações pelos moribundos do Ritual Romano. Em 13 de novembro de 1962, João XXIII introduziu o seu nome no Cânon da Missa.

Pio IX multiplicou as provas de sua devoção a São José concedendo indulgências e práticas de piedade. Pio X indulgenciou as Ladainhas de São José em 1909 e Bento XV concedeu indulgências especiais para a recitação do Pequeno Ofício de São José, em 10 de maio de 1921. Entre as orações indulgenciadas no "Enchiridion Indulgentiarum" de 1986 estão algumas em honra do nosso Santo, como a Ladainha de São José, "A Vós, São José" e "Pequeno Ofício de São José". Também estão as invocações "Jesus, José e Maria, ou vos dou meu coração e minha alma..."

De igual modo, é importante salientar que as orações em honra ao Santo exaltam sua dignidade e santidade, reconhecendo que ele teve um papel específico na história da salvação, cooperando com o mistério da redenção, sendo o próprio Deus quem quis confiar de nossa redenção à sua guarda. Por isso, as orações o mostram no mistério de Cristo e da Igreja. No mistério de Cristo, ressalta-se que ele serviu com fidelidade e pureza de coração a Jesus; é chefe da família divina para guardar como pai o Filho único de Deus. No mistério da Igreja, ele continua no céu como protetor da Igreja e é proposto a ela como modelo de fidelidade e pureza de coração, de testemunho do amor de Deus; é o homem justo e fiel, servo sábio...

DEVOÇÕES

Além do reconhecimento de São José no culto da Igreja, faz-se mister mencionar entre as inúmeras práticas de piedade Josefinas algumas das mais significativas nos séculos, a partir de 1500.

Uma das práticas de piedade josefinas mais antigas deve-se ao capuchinho italiano João de Fano (+ 1539), que atribuiu ao próprio Santo a devoção intitulada "Os sete Pai-Nosso de São José". Esse capuchinho conta que dois frades franciscanos navegavam em alto mar, quando foram surpreendidos por uma violenta tempestade, que destroçou completamente o navio em que viajavam. Eles se salvaram agarrando-se a uma tábua e ficaram à deriva durante quase três dias, entre a vida e a morte. De repente apareceu-lhe um jovem sobre as ondas e os conduziu até as margens. Os dois frades, vendo que estavam salvos, caíram de joelhos diante do seu salvador e perguntaram o que podiam fazer em sinal de agradecimento e reconhecimento. O jovem respondeu que deviam lembrar-se todos os dias de rezar sete Pai-nosso e sete Ave-Maria em memória de suas dores. Mais tarde às sete dores foram acrescentadas as sete alegrias. A prática das sete dores e sete alegrias de São José se difundiu e foi aprovada pelos Papas.

No fim do século XV, encontramos na obra de João Mombaer um rosário em honra de São José. É da mesma época um outro rosário mais completo atribuído a João Trithemius, o qual era composto por cinco enunciados da vida do Santo, seguidos pela oração. "Ave, José Nazareno" e concluídos com um Pai-Nosso e outras invocações.

A Ladainha de São José, muito conhecida e rezada até hoje, foi publicada em Roma em 1597 e é atribuída a Jerônimo Graziano da Mãe de Deus. Foi difundida amplamente a

partir do século XVII. Sua estrutura se inicia com a invocação à Santíssima Trindade e a Maria, em seguida o nome de São José é invocado com suas glórias de ilustre descendente de Davi e luz dos Patriarcas. Seguem-se cinco títulos de glória, que exprimem sua missão como esposo de Maria, guarda das virgens, sustentáculo do Filho de Deus, insigne defensor de Cristo e chefe da Sagrada Família. Na continuidade são mencionadas oito louvores de suas virtudes: justíssimo, castíssimo, prudentíssimo, fortíssimo, obedientíssimo, fidelíssimo, espelho de paciência e amante da pobreza. Depois é citado seu patrocínio valioso como modelo dos operários, honra da vida doméstica, guarda das virgens, amparo das famílias, consolo dos infelizes, esperança dos enfermos, padroeiro dos moribundos, terror dos demônios e protetor da santa Igreja.

Pelo ano de 1850, ficou muito conhecido o Rosário de São José, composto por sessenta grãos e uma oração especial. Ave Joseph, e pela contemplação dos mistérios de sua vida. A exemplo deste, outros rosários surgiram e foram objeto da devoção do povo, como o Rosário Perpétuo de São José, que consistia em rezar numa determinada hora um Pai-nosso, sete Ave-Maria e um Glória em honra de uma dor e uma alegria de São José. Também havia o Rosário do Devoto de São José, o Terço a Maria Santíssima e a São José etc. Outra devoção que os devotos praticam ainda hoje é o Cordão de São José. Ela teve sua origem em 1649 em Antuérpia, na Bélgica, no Convento das Agostinianas. Uma religiosa de nome Isabel Sillevorts sofria dores espasmódicas terríveis e conseguiu que um sacerdote benzesse um cordão, que depois passou a usar em honra do Santo, acompanhado por uma novena de súplicas, na esperança de que seria curada. Dias depois, a religiosa viu-se livre de um cálculo de dimensões desproporcionais e sentiu-se completamente curada. Com a repercussão do milagre, a devoção a São José se consolidou naquele lugar. Este fato foi relatado em 1842 na Igreja de São Nicolau em Verona, na Itália, ocasião em que muitos doentes se cingiram com o cordão bento e experimentaram a graça do santo. A partir daí, o uso do cordão difundiu-se rapidamente como forma de curar enfermidades e também contra as ciladas do demônio. Em 1859, a sagrada Congregação dos Ritos aprovou a fórmula da benção do Cordão de São José e o Papa Pio IX a enriqueceu com indulgências.

Uma religiosa da Ordem Terceira Franciscana introduziu como devoção particular o Escapulário de São José, na cidade francesa de Lons-le Saunier. Os padres capuchinhos a difundiram, depois de ser aprovada pela Santa Sé em 1893. Desde 1865, os padres camilianos tiveram permissão para benzer e impor o Escapulário da Bem-aventurada Virgem Maria, São José e São Camilo.

O costume de benzer velas para obter proteção contra raios e tempestades se implantou na diocese da Cidade do México em 1875, por ocasião da festa de São José. Nas regiões mexicanas também existe desde 1903 o costume de benzer a Água de São José. No oratório de São José em Montreal, no Canadá, há o costume de benzer o Óleo de São José.

Em 1854, surgiu em Milão, na Itália, o Culto Perpétuo a São José, que consiste em dedicar-lhe um dia de cada mês do ano. Também são expressões de devoção a Corte a São José e à Sagrada Família, que consiste em visitar cada mês uma imagem do Santo ou da Sagrada Família, as nove quartas-feiras antes da festa de São José, a primeira quarta-feira de cada mês, a Novena Perpétua, os sete domingos de São José, as dezenove quartas-feiras, as sete quartas-feiras antes da festa do Santo, o Pequeno Ofício de São José, os cinco Salmos dos nomes de Jesus, José e Maria, as sete quartas-feiras consecutivas introduzidas

pelos carmelitas de Liège na Bélgica, com aprovação desde 1675, que consistem em honrar os sete privilégios principais de São José: sua predestinação como esposo de Maria e pai nutrício de Jesus, as graças especiais que recebeu, sua dignidade como pai de Jesus, sua dignidade como esposo de Maria, os favores que recebeu por cumprir seu ministério, sua glória e sua proteção a todos os cristãos.

Lembramos ainda as Novenas de São José. A primeira foi indulgenciada pelo Papa Clemente XI por ocasião da preparação da festa de São José em 1713, na Igreja de Santo Inácio de Roma. Além disso, é preciso lembrar a prática de consagrar ao Santo as quartas-feiras e o mês de março, iniciativa que foi tomada na Itália por alguns devotos que não se contentavam em honrá-lo apenas nas festas litúrgicas. No século passado, o povo romano começou a atribuir a cada dia do mês de março uma prática devota em honra ao Santo Patriarca. A prática do mês de São José foi aprovada e indulgenciada por Pio IX em 27 de abril de 1865. Também foi aprovada por Pio XI e Leão XIII, que a recomendou para todo o mundo. Os últimos Papas a enriqueceram com indulgências.

A devoção a São José se expressou igualmente através da Coroação Canônica de suas imagens. A primeira coroação de que temos notícia ocorreu em Bogotá, na Colômbia, em 1779, na Igreja de Santa Fé. Depois tivemos coroações na Cidade do México em 1788 e em Guanajuato, também no México, em 1790. Em Kalisz, na Polônia, o Santo foi coroado em 1796 e recoroado em 1985. Dezenas de outras coroações aconteceram em várias outras localidades, como Paris em 1890, Angers em 1906, Barcelona em 1921, Montreal em 1955, Buenos Ayres em 1956, Ávila em 1963 e Santa Ana (El Salvador) em 1987.

Também a música foi utilizada para honrar São José. Alguns músicos famosos compuseram missas para o nosso Santo, como a "Missa Sancti Josephi" de Johamm G. Albrechtsberger (1783), a "Missa in honorem Sancti Joseph" de Flor Peeters e o "Oratório sobre a Morte de São José" de Pergolesi (+ 1736). Recentemente, no Brasil, por iniciativa da Congregação dos Oblatos de São José, foi composta uma linda "Missa de São José". O Santo é lembrado ainda na música folclórica e na música popular.

Na história do culto a São José salientamos de igual modo as relíquias, documentando sua existência a difusão, sem entrar no mérito de sua autenticidade. Lembramos a Santa Casa, que desde 1292 se encontra em Loreto, na Itália. Segundo a tradição, a Sagrada Família viveu nela em Nazaré. A cidade de Perúgia, na Itália, orgulha-se desde 1477 de possuir o Anel de São José. Em Roma, na Igreja de Santa Anastácia é conservado um pedaço do Manto de São José.

Atestam ainda o culto a São José as Aparições. Entre as mais notáveis citamos as que estão ligadas ao assédio de Novara em 1448, na Itália, e aos santuários de Cotignan em 1660, de Montagnaga di Pine em 1729 na Itália, de Knock em 1879 na Irlanda e de Fátima em 1817 em Portugal.

SÃO JOSÉ NA ARTE

Vimos até aqui a teologia, o magistério da Igreja, a devoção popular e as diversas vertentes do culto a São José. Cabe-nos agora, em poucas palavras, ver o nosso Santo na arte, já que ela espelha de forma visível aquilo que foi pregado e ensinado aos fiéis ao longo dos séculos e nos diversos lugares, pois a arte testemunha a catequese.

"Na arte é possível comprovar como as extravagâncias dos relatos apócrifos e a sobriedade dos evangelhos, as reflexões da mente e o afeto do coração foram canalizados. A arte é o pulso onde se pode controlar objetivamente o estado de saúde da teologia". (100)

São José é pintado com o Menino Jesus nos braços, ou ao seu lado com um martelo, um bastão ou vara florida nas mãos, ou atento em sua oficina de trabalho, ou ainda com uma auréola na cabeça, jovem ou velho de barba branca, em adoração diante do Menino, com um livro na mão etc. Essa representação figurativa é um fato significativo, porque por trás dela existe um pressuposto lógico baseado nos relatos dos evangelhos, dos apócrifos, dos documentos da Igreja, dos costumes da liturgia, das devoções populares, das tradições, das literaturas religiosas, da oratória sacra e do folclore.

Em geral, as representações sacras tiveram início a partir do século X, relacionadas sobretudo com a liturgia do natal. São José foi focalizado na cena da Anunciação, na visita dos pastores à gruta de Belém, e na fuga ao Egito. Alguns séculos mais tarde, ele ganha as representações dos apócrifos que focalizam seu casamento com Maria, os magos, a apresentação no Templo, sua escolha por Deus, a vida em família na cidade de Nazaré... Sua figura, porém é pintada como um homem velho e com barba, devido à influência dos apócrifos. Entretanto, é interessante notar que, a partir do Renascimento (1450 -1600), ele começa a ser representado com certa frequência com um livro nas mãos. Naturalmente, isso está em perfeita consonância com os deveres do pai na tradição hebraica, a qual tinha, entre outras, a tarefa de instruir o filho na Torá. Esse novo "visual" do Santo não deixou de representar sua figura como um velho com um lírio na mão direita e um livro na esquerda, mas ao mesmo tempo foi aparecendo um São José jovem, com o bastão na mão direita e um livro fechado na esquerda. Outras vezes a figura desse São José "novo" é apresentada lendo um livro, ou ao lado da mesa de carpinteiro cheia de ferramentas à luz de uma vela lendo um livro.

Mais recentemente, o diretor de cinema Franco Zeffirelli, no seu filme "Jesus de Nazaré", apresentou um São José atraente, jovem e inserido numa família perfeitamente normal, como uma pessoa humanamente completa, exercendo a profissão de carpinteiro, como um hebreu profundamente religioso, dócil e aberto ao desígnio de Deus a seu respeito.

Concluindo, podemos afirmar que presença de São José na iconografia, na escultura, na pintura, em suma na arte, é bastante satisfatória, a tal ponto que possibilitou uma grande exposição sobre "São José na arte espanhola" em Madri, em 1972. Ela foi preparada pelo Centro Espanhol de Pesquisas Josefinas, que recolheu obras de arte dos museus nacionais, das coleções do Patrimônio Nacional, de catedrais, igrejas e de colecionadores particulares de todas as partes da Espanha. Também na França foi feita uma exposição dedicada a "São José, o desconhecido", em 1977, que ofereceu uma panorâmica da arte Josefina nos séculos. Além destas, outras exposições menores de santinhos e imagens do nosso tempo foram organizadas em vários lugares. Uma das últimas foi

realizada em 1989 na Cidade do México, por ocasião do V Simpósio Internacional de Josefologia.

O amor e a piedade popular dos fiéis para com São José teve e continua a ter um matiz de gosto folclórico em muitos lugares. Por ocasião da festa de 19 de março, é costume na Sicília, Itália, as famílias organizarem o Banquete de São José, que consiste em convidar alguns pobres para um almoço. Este é servido pelo pai de família ou pelo sacerdote na igreja. Ainda na Sicília, é hábito vestir um velho de bons costumes com uma túnica e um manto carregando uma vara florida na mão, com a qual abençoa quem quiser. Neste dia, além de receber a hospitalidade das famílias, ele participa da missa e reza pela prosperidade da cidade. Em algumas localidades, neste dia são levados pães à Igreja para serem abençoados e depois distribuídos aos pobres ou comidos em família. Numa outra localidade da Itália denominada Gela existe o costume de no dia 1º de maio os devotos levarem para leilão na Igreja o Prato de São José, formado por vários gêneros alimentícios. Ele é leiloado e a renda revertida em obra de caridade. Ainda na Itália, na cidade de Riccia, os fiéis praticam a chamada Devoção a São José, que consiste em convidar para o almoço três pessoas: um casal e um jovem, representando José, Maria e Jesus. Na ocasião são oferecidos alguns doces especiais que trazem o nome do Santo, indicando assim seu compromisso de proteger os devotos.

Outra bela tradição é encontrada em Siracusa, onde doze devotos celebravam no dia 19 de cada mês o chamado "Dezenove". Cada devoto preparava para o dia três roscas grandes e várias outras pequenas e as levava diante da estátua do Santo na missa do dia. Depois as três grandes eram distribuídas a três pobres, normalmente a um idoso, a uma moça e a uma criança, e as roscas pequenas eram distribuídas aos amigos. Ainda no dia 19 de março, as pessoas que podiam levavam todo tipo de gêneros alimentícios à igreja, que depois da missa eram vendidos e aplicados na festa.

O uso da chamada Mesa de São José, como nos exemplos mencionados, ainda vigora em muitos lugares, nas mais variadas formas, como preparar uma farta mesa no dia 19 de março e convidar cinco pessoas representando Jesus, Maria, José, Santa Ana e São Joaquim. Ou preparar em plena praça pública, às 12 horas, uma longa mesa ou várias mesas para os mais pobres e idosos. Outro costume é oferecer um pão de forma arredondada ao acender fogueiras. Um hábito bonito é mandar benzer muitos confeitos no dia 23 de janeiro, festa dos esposais de São José com Maria, e depois distribuí-los entre os amigos e levá-los aos doentes. Em Bonn, na Alemanha, o arcebispo José Clemente (1688-1723) organizava na mesma festa uma procissão do Santo que atravessava a cidade, e depois convidava três pobres a almoçar em sua casa. Em Iloilo, nas Filipinas, um almoço era oferecido na festa de São José a sete pobres, em memória de suas sete dores e alegrias. Em Malolos, no mesmo país, nos casamentos é executada uma dança religiosa chamada Panasahan, para lembrar o santo casamento de José e Maria.

Interessante ainda notar que em Nápoles, na Itália, por ocasião da festa do Santo é organizada a feira da "Violeta de São José". Os devotos compram as flores e as oferecem em homenagem ao Santo nas igrejas ou diante das imagens que cada um possui em sua casa. Na Província Italiana de Salerno, todos os anos são organizadas duas procissões que partem de duas igrejas diferentes com as estátuas de São José e de Nossa Senhora. Elas se encontram na praça principal, com o detalhe de que no dia 19 de março é Nossa Senhora

quem oferece um maço de flores a São José, e no dia 08 de dezembro este retribui o dom. Quanto às flores, algumas delas receberam a denominação do Santo, como o conhecido "Lírio de São José", o "bastão de São José" e até a planta colombiana que traz o nome de "Varitas de São José".

Na Escócia, São José é o patrono do tempo, e sua estátua às vezes é colocada fora de casa coberta com um guarda-chuva para indicar o tempo que se deseja. O mesmo costume existe na Austrália, onde a imagem do Santo é colocada fora com um guarda-chuva aberto.

No Brasil, a população do Nordeste, que vive numa região de clima árido, tem São José como o Santo que envia chuva e é costume entre o povo dizer: "Chuva no dia de São José, inverno seguro", ou seja, se chove no dia 19 de março ou nas proximidades desde dia, será bom o tempo para a colheita. Neste dia, os fiéis fazem uma procissão com a imagem do Santo e soltam muitos fogos de artifício. Na Califórnia, nos Estados Unidos, mantém-se viva a tradição de que no dia de São José os pássaros retornam para a primavera.

Numa disputa com Santo Antônio, São José é invocado pelas moças casamenteiras para encontrar um bom marido. No Brasil, desde o século XVIII ele é invocado pelas mulheres grávidas, as quais, para ter um parto feliz, recorrem a Nossa Senhora do Bom Parto, mas com a participação de São José. Ele ainda é conhecido através de muitas lendas e canções que exaltam seu poder de intercessão. Entre as canções, lembro no Brasil o canto "Bendito São José" que o povo utiliza as procissões de penitência durante a seca, assim como no tempo do Natal, nas festas de São José e nos terços rezados em família. O canto se inicia com a estrofe: "Bendito louvado seja, Senhor São José, leva Deus Menino para Nazaré". Ainda no Brasil, em 1928 o Dr. José Rodrigues de Carvalho publicou, na Paraíba do Norte, uma Chácara com a finalidade catequética de difundir o culto a São José, invocado como protetor das famílias cristãs. O texto fala de uma moça que se livra de um casamento indesejado, implorando a proteção do Santo. O texto se inicia com esta estrofe: "Estava ela chorando. Viu São José chegar..." - Maria, minha afilhada, o que foi isso por cá? É meu pai, meu bom padrinho, que comigo quer casar?

CENTROS DE ESTUDO E DE PUBLICAÇÕES JOSEFINAS

Existe no mundo um amplo movimento de interesse religioso que tem a finalidade de aprofundar a teologia de São José, conhecida pelo termo técnico de josefologia. Aliás, o interesse pela teologia do Santo e por sua divulgação começou a sistematizar-se no século passado através de pequenos centros como o de Módena, na Itália, que já em 1863 publicava uma revista denominada o Devoto de São José. Mas a primeira revista de pesquisa sobre São José surgiu em 1947 em Valladolid, na Espanha, com o nome de Estudios Josefinos, por iniciativa do Pe. José Antônio Carrasco, dos Carmelitas descalços. Dessa iniciativa tão boa surgiria em 1953 a "Sociedad Ibero-Americana de Josefologia", compreendendo a Espanha e Portugal e os países americanos de língua espanhola e portuguesa, com sede em Valladolid. A Iniciativa do Pe. Carrasco foi tão válida que outras semelhantes foram tomadas em outros países. Assim, em abril de 1952 foi fundado junto ao

oratório de São José em Montreal, no Canadá, o "Centro de Pesquisa e Documentação", que no ano seguinte começou a publicar os Cahiers de Joséphologie. Como fruto de tudo isso, em maio de 1962 o Pe. Roland Gauthier, grande estudioso de São José, fundou a Société Nord-Américaine de Joséphologie.

Outra iniciativa importante na promoção da teologia e do culto ao Santo Patriarca surgiu na Itália com o nome de Movimento Giuseppino, por iniciativa do Pe. Angelo Rainero. Tornou-se desde 1981, o organismo oficial da Congregação dos Oblatos de São José, fundada pelo Bem-aventurado José Marelllo. Hoje possui uma publicação mensal com a revista Joseph, com sede em Asti, onde sob a direção de um dos maiores conhecedores da teologia Josefina, Pe. Tarcisio Stramare, funciona o "Meeting Point Redemptoris Custus", um centro de formação Josefina para sacerdotes, religiosos e leigos.

Ainda na Europa, surgiu em 1969 o "Centro de Estudo sobre São José da Polônia", com sede em Kalish, por iniciativa de João Zareba, bispo de Wladislávia.

Na América Latina os missionários de São José no México, fundados por J.M. Vilaseca, fundaram o "Centro de Estudos sobre São José do México" em 1959, com sua sede na cidade do México que em 1983 passou a ser chamado "Centro de Documentação e de estudos sobre São José do México". Ao mesmo tempo edita a revista "El Propagador de la Devoción a Senõr San José.

Existe a "Sociedade Centro Americana de Investigação e divulgação de São José", fundada em El Salvador no ano de 1985 com o periódico "El Divulgador Josefino".

Além destes Centros de Estudos Josefinos que procuram estudar, divulgar São José, existem mais de 8.000 volumes sobre São José publicados e coletados segundo o livro "Ensaio de bibliografias sobre São José" editado pelo Oratório São José de Montréal em 1968 de autoria de Aimé Trottier. Soma-se a estes as milhares revistas e outras publicações, tais como: Vita Geuseppina, Ite ad Joseph, Joseph, La Santa Crociata, Cahiers de Josephologie, Estudos Josefinos, Vida Josefina, Sant Joseph Blatt, St Joseph Missionary Advocate, Annales de Saint-Joseph et de la Sainte Famille...

Por fim, já foram realizados vários Congressos e Semanas Josefinas e periodicamente são organizadas jornadas e semanas de estudos Josefinos em várias partes do mundo tais como Roma, Madri, Salamanca, Kalisz, Montréal, Cidade do México, etc.

Além do mais, um número expressivo de teólogos e estudiosos sobre São José de várias partes do mundo reúnem-se há cada quatro anos para, através de conferências, partilhar as idéias e checar os resultados na teologia Josefina. Esta iniciativa deu vida aos "Simpósios Internacionais sobre São José".

O Primeiro Simpósio aconteceu em Roma em 1970 por ocasião do Centenário da Proclamação de São José como Patrono da Igreja Universal (1870 - 1970).

Promovido pela Société Nord Américaine de Joséphologia, pela Sociedad Ibero-Americana de Josefologia e pelos Centros de estudos de São José da Itália, México e Bélgica. Este Simpósio contou com a presença de 43 Superiores Gerais de Congregações Religiosas sob a proteção de São José, assim como cardeais, bispos, provinciais e leigos.

Nele, as atenções se voltaram para o estudo, análise e pesquisas sobre São José nos primeiros 15 séculos da Igreja, buscando assim a origem e os princípios fundamentais da teologia e do culto de São José. A internacionalidade do Simpósio, assim como a variada presença dos representantes religiosos, diocesanos e leigos não deixou dúvidas de que o interesse por São José é universal. O clima vivenciado indicou o desejo da Igreja e de seus representantes de estudar o Patrono da Igreja de modo mais aprofundado.

O Simpósio durou uma semana com conferências e discussões de temas variados dentre os quais menciono alguns: São José na Sagrada Escritura visto pelos vaticínios messiânicos, A historicidade dos dois primeiros capítulos de Mateus, A interpretação do termo "justo", A anunciação de José, seus sonhos, A figura de São José nas versões latinas dos apócrifos, Origens da Iconografia Josefina, formulação de uma teologia Josefina atual etc.

Todos os estudos apresentados neste Simpósio foram publicados em língua espanhola pelo "Centro Espanol de Investigaciones Josefinas" de Valladolid, pelo "Centre de Recherche et de documentacion" de Montréal e pelo "Centro Studi San Giuseppe" de Roma, através de um volume intitulado *"São José nos primeiros quinze séculos da Igreja"*.

O Segundo Simpósio Internacional sobre São José aconteceu em Toledo, Espanha no ano de 1976. Desta vez além dos organizadores do 1º Simpósio, concorreram também o "Centro de Estudios Josefinos" do México e o "Studiun Jozefologii Kaliszu" da Polônia. A exemplo do anterior, também neste participaram estudiosos de vários países. O tema aprofundado foi "São José no renascimento (1450- 1600)." Os estudos apresentados giraram em torno do desenvolvimento da devoção Josefina entre os anos 1450-1600, detendo-se particularmente nas fontes bíblicas e litúrgicas, assim como no exame do pensamento dos pregadores, escritores e dos artistas do Renascimento.

O Terceiro Simpósio Internacional sobre São José foi realizado em Montréal, Canadá no ano de 1980 e teve a mesma concorrida participação dos estudiosos. Além dos Organizadores do 2º Simpósio, participou e dirigiu o evento o "Movimento Josefino de Roma" dos Oblatos de São José - Josefinos de Asti. O tema desenvolvido foi "São José no século XVII". Os temas apresentados, cerca de 50 conferências, foram de caráter bíblico, doutrinal, histórico, litúrgico, espiritual e literário.

O Quarto Simpósio Internacional sobre São José realizou-se em 1985 em Kalish, Polônia, onde encontra-se a sede do "Studium Josephologie". O tema foi "São José no Seiscentos". Entre os dias 23-28 de setembro foram apresentados 44 temas sob a responsabilidade dos cinco Centros Organizadores. Os participantes eram provenientes de 13 nações: Alemanha, Bélgica, Brasil, Canadá, Espanha, Estados Unidos, El Salvador, França, Guatemala, Itália, México, Polônia e Zaire. Os assuntos tratados foram desde aqueles Bíblicos, até à teologia Espiritual litúrgica, homilética, devoções, literatura, confrarias, Congregações Religiosas, Arte, poesia etc. Além dos intensos estudos, durante a semana aconteceram celebrações nas paróquias da cidade com pregações dos estudiosos. O encerramento do Simpósio no domingo 30 de setembro, reuniu cerca de 30 mil fiéis na grande praça da cidade com a celebração presidida pelo Cardeal de Cracóvia Francisco Macharski, participando 8 bispos e um grande número de sacerdotes.

O Quinto Simpósio Internacional sobre São José foi celebrado entre os dias 17 - 24 de setembro de 1989 na cidade do México e o tema desenvolvido foi "São José no século XVIII. Os organismos propulsores deste Simpósio foram os mesmos já presentes nos anteriores mais a "Sociedade Centro - Americana de Investigação e divulgação de São José de El Salvador". A inauguração o evento deu-se na Basílica de Nossa Senhora de Guadalupe com uma solene concelebração presidida pelo Arcebispo de Monterrey, Dom Adolfo Suárez Rivera.

Durante toda a semana foram apresentadas 50 conferências abrangendo diversos temas tais como: bíblico, teológico, histórico, literário, artístico e devocionais relacionados com São José no século XVIII.

O encerramento do Simpósio foi na Catedral Metropolitana do México, onde o Arcebispo primaz do México, Cardeal Ernesto Corripio Ahumada, presidiu a concelebração com a presença de vários bispos e inúmeros sacerdotes, para um grande número de fiéis que superlotou a catedral. Durante a Santa Missa foi renovada a Consagração da Diocese do México a São José.

O Sexto Simpósio Internacional sobre São José foi realizado em Roma nos dias 12 - 19 de setembro de 1993 com o tema " São José no século XIX" tendo como promotores os Centros de estudos já mencionados mais a "Pia União do Trânsito de São José "da Itália, num total de 08 Centros Promotores. Durante a semana foram apresentados 48 temas abordando assuntos bíblicos, teológicos, artísticos, históricos, devocionais, literários, etc.

A abertura do Simpósio deu-se no Santuário Romano de São José Al Trionfale, com a celebração eucarística presidida pelo Cardeal Ângelo Sodano, Secretário de Estado e com a participação de alguns bispos e de aproximadamente 50 sacerdotes. Pela ocasião, o Papa João Paulo II enviou uma carta aos participantes salientando São José como modelo de homem de fé, de trabalho e de esposo. Nesta, o Papa augurou que os trabalhos do Simpósio contribuíssem para colocar sempre mais em luz a atualidade de São José para o mundo, de modo a relevar sobretudo aquela sua típica sobrenatural " contemplação" silenciosa e operosa.

Todos os temas e estudos de cada Simpósio foram publicados em grossos volumes sob a direção das revistas, Estudos Josefinos e Cahiers de Joséphologie.

O próximo Simpósio Internacional terá como tema "São José no século XX" e será realizado em Malta no ano de 1997.

Como percebemos, os argumentos que abraçam variados setores que tocam São José nos diversos aspectos, dão uma idéia da vastidão dos estudos e pesquisas já realizados ou ainda a serem realizados. Esta diversificada atenção para com a presença de São José ao longo dos séculos resulta numa preciosa coleção de material indispensável para uma teologia Josefina que pretende se apresentar como científica ao homem de hoje que é exigente e pouco disposto a aceitar aquilo que não é devidamente documentado.

A seriedade de todos estes estudos é garantida pela competência destes estudiosos que afeiçoados por São José, se interessaram diretamente de estudá-lo e de iluminá-lo com os raios benéficos da reflexão teológica, devocional, artística, espiritual, litúrgica, literária e poética que brilharam ao longo dos séculos.

NOTAS:

(1) Para os que pensam que a genealogia de Lucas (3,23) dá a linhagem de Maria, e a Mateus (1,16), dá a de José, Jacó seria o pai de José e Heli o seu sogro. O uso da palavra "pai" no hebraico e no grego, permitiriam que esta fosse usada no lugar de sogro. Para os que pensam que ambas as genealogias dão a linhagem de José, Jacó e Heli seriam irmãos, e segundo o costume, quando Heli morreu, Jacó teria tomado a sua viúva como esposa, e José seria filho de Jacó no sentido literal, e de Heli no sentido legal. Segundo a lei dos Judeus (Dt 25,5), o irmão deveria continuar a descendência de um irmão morto casando-se com a viúva deste. É possível que José tenha sido filho de Jacó por nascimento, mas filho de Heli por adoção.

(2) Paulo VI , Alocução de 19 de março de 1966.

(3) Hom. Super Missus est, PL 183, 70.

(4) Paulo VI, Homilia de 19 de março de 1969.

(5) João XXIII, Felicitações apresentadas ao Sacro Colégio em 17 de março de 1963.

(6) Eusébio, Hist. Eccl 3.11, em PG XX, col. 248.

(7) Enquanto a mulher hebréia era restringida neste ambiente marginalizador, só podendo sair à rua com muita cautela, a mulher romana gozava de ampla liberdade, freqüentava lugares públicos, ia aos jogos e aos circos, assistia aos espetáculos dos gladiadores, estudava, sabia ler e escrever poesias, podia escolher o marido e pedir-lhe sem inibição o divórcio, e até administrava os seus próprios bens.

(8) "Alguns pensam que a violação de uma jovem já comprometida é um pecado entre o estupro e o adultério, se ela é noiva e ainda não realizou o matrimônio, e tem relações sexuais com outro homem forçada ou por engano. No meu modo de ver, trata-se de um adultério, pois o noivado tem a mesma força do matrimônio, uma vez que os noivos, na presença de amigos, trocam os nomes de ambos por escrito . (De legibus specialibus, 3, 12, 72 - Filon.)

(9) A quantia em dinheiro que devia ser paga pelo pretendente tinha como base aquilo que possuía, embora a escola do rabino Hillel indicasse como suficiente uma "perutah", uma moeda de valor ínfimo.

(10) Estudos Josefinos. Año V P 16.

(11) Quamquam Pluries , 15 de agosto de 1989.

(12) Para os hebreus o noivado constituia o início de um autêntico matrimônio. Por isso, o Deuteronômio 22, 22-25 incriminava com a pena de Lapidação a mulher esposada ou noiva quando surpreendida em adultério.

(13) Serm. S. Joseph. 2, suma Josefina, C. IX.

(14) Adv. Helv, nº 19

(15) O Apócrifo "História de José o Carpinteiro". Relata que José se uniu em matrimônio a uma mulher que lhe deu quatro filhos e duas filhas, vindo em seguida a enviuvá-lo, casou com Maria.

(16) Sermo 51,20: ML 38, 350-351; De nuptis et concupiscentia, 9, 12: ML 44, 420-21.

(17) Adversus Helvidium 19: PL 23,213.

(18) S.Th III q. 28, a 3ad5. Contra Helvidium, n. 19 : ML 23,213.

(19) In Joan., 2, 12 : M1 100, 772

(20) De coelibatu sacro, 3: M1 145, 384.

(21) In Matt., 1: ML 107, 753

(22) H. Haag, Dicionário de la Bíblia, Barcelona, 1963, Vergete Matrimônio, col. 1199.

(23) Santo Ambrósio e Santo Hilário, ambos Padres latinos, negaram a virgindade de São José, porém eram do parecer de que os "irmãos e as irmãs" de Jesus eram frutos de um matrimônio anterior àquele com Maria, como diziam os apócrifos.

(24) In evang. Matt. 12,49-50: ML 26, 84-85; adv Helvidium, 14 : ML 23, 197-198.

(25) Chama-se Bíblia "dos Setenta" a tradução grega do Antigo Testamento, feita no Egito no século III antes de Cristo por 70 sábios Alexandrinos, para os judeus imigrantes que já não entendiam mais o hebraico nem o aramaico.

(26) Adv. Helvidium, 7 e 8: ML 12, 191-192.

(27) M.D. Philippe, Préface, in C. Sauvé - Le mystère de Joseph, Nice, 1978, p.9.

(28) União hipostática é aquela que é própria de Cristo Homem e Deus pela união do Verbo com a natureza humana. Diferente é a ordem Hipostática, que se refere a um relacionamento íntimo e particular com o Verbo feito carne. É neste grau que São José se coloca.

(29) B. Llamera , Teologia di S. Giuseppe, p. 150. Ed Paoline, 1958.

(30) O relacionamento de Maria com a encarnação do Verbo foi de natureza física, pois teve um relacionamento direto e imediato com Cristo enquanto mãe. Mas também foi, a exemplo de José, um relacionamento moral, tanto pela sua disposição íntima em ser a mãe de Deus, como pelo seu livre consentimento para tal maternidade.

(31) Quando José deu o nome a Jesus, declarou a sua paternidade legal em relação a Jesus e, pronunciando esse nome, proclamou a missão deste menino de ser o Salvador.

(32) São Lucas não omite especificar que a oferta que José fez foi a dos pobres, segundo a indicação da Lei. "Se não tiver recursos para oferecer uma rês de gado miúdo, trará a Javé em sacrifício de reparação pelo pecado que cometeu, duas rolas ou dois pombinhos, um deles para o sacrifício pelo pecado e o outro para o holocausto.

(33) *João Paulo II, Exortação Apostólica Redemptoris Custos, Roma, 1989.*

(34) *Os apócrifos são escritos da mesma época dos escritos bíblicos, ou um pouco posteriores, mas não são tidos como inspirados, portanto não estão incluídos no cânon oficial. Receberam a denominação de apócrifos, ou seja, ocultos, secretos, escondidos, porque não eram de uso público, ou seja, não eram usados oficialmente na liturgia e no ensino.*

(35) *Estes relatos são encontrados no evangelho apócrifo do Pseudo Mateus e no Evangelho Árabe da Infância.*

(36) *Bertolin, José Antonio, São José Fiel Vocacionado, ed. Ave Maria.*

(37) *Era costume entre os hebreus visitar Jerusalém três vezes ao ano: nas festas da Páscoa, de Pentecostes e dos Tabernáculos. Os que moravam longe de Jerusalém tinham a obrigação de uma só viagem, justamente para os festejos da Páscoa.*

(38) *Mistérios de la vida de Cristo, Madrid, 1958, Vol I, pp. 263-264.*

(39) *João Paulo II, Exortação Apostólica Redemptoris Custos, Roma, 1989.*

(40) *Pe. Isidoro en San José y Santa Teresa - "La doctrina de la paternidad josefina sobre Cristo en los autores de la reforma Teresiana, p. 527.*

(41) *De institutione Virginis, 5,39: ML 16, 315.*

(42) *In Matt., 4,4; MG 57,44.*

(43) *Epis . 153, 4,9: ML 33,637.*

(44) *Diálogo contra Trifone, 78,8: MG 6,657.*

(45) *Sermo 51,6,9: ML 38,338; Sermo 82,7, 10 : ML 38, 510*

(46) *Se José tivesse duvidado da honestidade de Maria, poderia levá-la até o sacerdote, para que, segundo a lei, fizesse a prova da água amarga, conforme Nm 5,11ss prescrevia.*

(47) *Léon-Dufour, Etudes d'Evangelie, p. 81.*

(48) *Segundo o biblista León Dufour, a justiça de São José aconteceu quando ele deixou que Deus resolvesse a dificuldade, diante do nascimento de uma criança sem pai, o que em si era difamante diante dos homens.*

(49) *Serm. 51,C 20, nº 30 - Migne I 30, Col 35.*

(50) *In IV Sent. d. 30.q. 2, a 2ad 4.*

(51) *Oeuvres, Entretien XIX, III ,p. 541.*

(52) *Mistérios de la Vida de Cristo, Madrid, 1958 Vol I pp. 263-264*

(53) *IV Sent, D .30, q. 2, a.1ad 4*

(54) *União Hipostática...*

(55) *Ibidem d. 30, a.9 ad 3.*

- (56) Orígenes, Hom. XIII in Lucam , 7 : PG 13, 1832.
- (57) São João Crisóstomo, In Matth 5,3 : PG 57,58.
- (58) Sermo 51,10,30 : PL 38,350.
- (59) Billot, De Verbo Incarnato, Roma 1904, p. 400 nº 1.
- (60) Carrasco, José Antonio - Paternidad de San José, In "Estudios Josefinos"1(1947) pg 177-178.
- (61) Pio IX, Discorso agli alunni cattolici degli USA 19/ 02/ 1958.
- (62) Pio IX, Quemadmodum Deus, 08/ 12/ 1870.
- (63) Alocução de 19 de março de 1969.
- (64) Paolo VI, Alocução de 19 de março de 1969.
- (65) Paolo VI, Allocuzione del 19 Marzo 1966. In insegmenti di Paolo VI Vol 4 Pg 109ss.
- (66) Alocução de 19 de março e 1964.
- (67) Martelet Bernard, Giuseppe di Nazaret. L' Uomo di Fiducia. Ed Paoline, Roma. 1980.
- (68) Pio IX . Decreto Quemadmodum Deus.
- (69) S. Bernardo. Hom. Super Missus est. PL 183, 70.
- (70) Pio XI Discorso del 19 Marzo 1928, in Discorsi di Pio XI, 3º Vol, Torino 1960-1961. Vol. 1, p. 780.
- (71) Orígenes, Hom XIII in Lucam, 6; S.Ch 87, p. 195-197.
- (72) Suárez, Mistérios de la vida de Cristo, versão em espanhol de 1958, Madrid, Vol I, p. 271.
- (73) Leão XIII , Carta Encíclica. Quamquam Pluries, 15 de agosto de 1889: 1.c, pp 177-178.
- (74) Pio IX, Inclytum Patriarcam, 7.7.1871.
- (75) De S. Joseph sermo II in vigilia Nativitatis Domini, art.3.
- (76) Santa Teresa, cap. IV da sua autobiografia.
- (77) C.M. Ciprien Macabiau, De cultu S. Josephi , sponsi Virginis Marie ac Christi Parentis amplificando Postulatum... 2 ed., Paris, 1908 pp. 3-15.
- (78) ASS 6 (1870) 193-4.
- (79) ASS 22 (1889) 67.
- (80) ASS 22 (1889) 117-118.
- (81) João Paulo II, Exortação apostólica Redemptoris Custos, nº 29.

(82) *Missale Romanum, collecta in " Sollemnitate S. Joseph Sponsi B.M.V." praefatium S. Joseph; collecta in " Missa Votiva S. Joseph."*

(83) *Paulo VI, Alocução de 19 de março de 1969.*

(84) *Pio XI, Alocução de 19 de março de 1936.*

(85) *PIO XI, Alocução de 19 de março de 1928.*

(86) *João XXIII, Alocução de 17 de março de 1963.*

(87) *Paulo VI , Alocução de 19 de março de 1968.*

(88) *Pio XI, Dinivi Redemptoris, ASS 26 (1937).*

(89) *João XXIII, Discorso alle ACLI de 1 Maggio 1960, ASS 52 (1960) 397-400.*

(90) *Pio XII Discorso alle ACLI del 11 marzo 1945.*

(91) *Sermo de S. Joseph Sponso B.M. Virginis, Art 2.*

(92) *A.S.S.6, 1870 - 71, 193.*

(93) *Em 1621, o Papa Gregório XV elevou a festa de 19 de março a solenidade de dia santo de guarda.*

(94) *Collectio Lacensis, Friburgo 1879, t. IV, p. 849 ss.*

(95) *S.C. Indulg. Urbis et Orbis, 23 de setembro de 1846.*

(96) *Breve Exponendum Nobis, 17 de maio de 1859. □*

(97) *A. Marchesi, Amplificationis Cultus S. Joseph, votum, Roma 1870 pp. 168-169.*

(98) *Carta Apostólica São José, Padroeiro do Concílio. João XXIII, 19 de março de 1961.*

(99) *Para alguns estudiosos, a transferência da festa de 20 para 19 de março se deve a uma certa confusão entre o nosso Santo Patriarca e um outro São José, mártir de Antioquia, cuja solenidade caía no dia 20 de março. Essa data influenciou para que a festa de São José fosse celebrada no dia 19 de março.*

(100) *Stramare, Tarcisio. San Giuseppe Virgulto Rigoglioso, ressegna storicodotrinale. Ed. Piemme, 1987 . p 126.*